

**AS ALTERNATIVAS
HABITACIONAIS
DOS MOVIMENTOS
SOCIAIS**

STUDIOXRIO

COLUMBIA
GSAPP

**OCUPAR
RESISTIR**

Na virada do milênio, a antiga fábrica de leite CCPL no Rio de Janeiro foi ocupada por famílias vindas de favelas próximas ou conjuntos habitacionais distantes daquela área da Zona Norte carioca. Havia lá uma inteligência na implantação das improvisadas instalações e na distribuição das moradias, espaços coletivos, equipamentos sociais e comércio. O que despontava como uma alternativa urbana demandava uma estruturação que nunca ocorreu: o prédio industrial foi demolido, dando lugar a um pouco inspirador conjunto Minha Casa Minha Vida (MCMV).

Em 2001 foi sancionado o Estatuto das Cidades, lei federal que regulamenta a função social da propriedade. Entretanto, tais normativas não se efetivam, escancarando que o problema habitacional e o justo acesso à cidade são questões ainda longe de uma solução. Desde então, as ocupações espalharam-se pelo Brasil. Os movimentos sociais de moradia fortaleceram suas ideias e sua organização com processos participativos que, por vezes, envolveram arquitetos e urbanistas.

Enquanto, em grande medida, a discussão pública sobre habitação perdura concentrando seu foco nas favelas e no MCMV, as ocupações emergiram como uma alternativa de moradia coletiva que responde diretamente aos problemas urbanos nacionais. Parte da iniciativa Housing the Majority da rede global Studio-X, a pesquisa Lutar, Ocupar, Resistir: As Alternativas Habitacionais dos Movimentos Sociais trata deste controverso tema, visando compreender esses processos e como eles podem instruir no planejamento e na construção das urbes.

Esta é a segunda versão do tabloide originalmente feito para a exposição de 2016 no Rio de Janeiro e agora ampliado no contexto da 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo. Aqui a publicação inclui a ocupação 9 de Julho, espaço parceiro da Bienal, onde a pesquisa está exposta.

Nas páginas que se seguem, apresentamos as entrevistas completas com os líderes André de Paula (FIST), Carmen Silva (MSTC), Elisete Napoleão e Maria das Lurdes Lopes (MNLN-RJ), e Guilherme Boulos (MTST), revelando estratégias e análises gerais de movimentos. Após, temos as entrevistas com os arquitetos responsáveis por projetos participativos nas ocupações Hotel Cambridge e 9 de Julho (São Paulo, SP), Manuel Congo (Rio de Janeiro, RJ), Mariana Crioula (Rio de Janeiro, RJ) e a Comuna Urbana Dom Hélder Câmara (Jandira, SP).

Não é fortuita a priorização do uso de fontes primárias. Pretende-se informar a respeito de ações e métodos de movimentos de habitação popular, de modo a oferecer ao leitor a liberdade e a responsabilidade de formular sua própria opinião sobre esta questão latente nas cidades brasileiras.

At the start of the millennium, the former CCPL milk plant was squatted by families who came from nearby favelas, or from housing complexes located in a good distance from that part of the North Side of the city. There was a rough intelligence in the installation of improvised facilities and in the distribution of the dwellings, collective areas, social equipment and commercial space. What emerged as an urban alternative demanded a structuring that never came to pass: the industrial building was demolished, giving rise to an uninspired “Minha Casa Minha Vida (MCMV)” complex.

In 2001, the Cities Statute was sanctioned - this is a federal law that regulates the social function of properties. However, these regulations have not materialized, such that the housing problem and fair access to the city are issues that are still far from being resolved. Since then, squats have proliferated around Brazil. The social movements for housing have strengthened their ideas and their organization with participatory processes which have at times involved architects and urban planners.

While the public discussion around housing has largely continued to focus on favelas and on the MCMV, squats have emerged as an alternative for collective housing that directly addresses urban problems in the country. As part of the Housing the Majority initiative by Studio-X’s global network, The Fight, Occupy, Resist: Housing Alternatives Of The Social Movements exhibit deals with this controversial topic, aiming to provide an understanding of these processes and how they can inform the planning and construction of cities.

In this newspaper, we present the complete interviews with the leaders Guilherme Boulos (MTST), André de Paula (FIST), Elisete Napoleão e Maria das Lurdes Lopes (MNLN-RJ), revealing the general strategies and analysis of these three important housing movements. Also, there are the interviews with the architects responsible for the participatory design in the squats Dandara (Belo Horizonte, MG), Hotel Cambridge (São Paulo, SP), Mariana Crioula (Rio de Janeiro, RJ) e a Comuna Urbana Dom Hélder Câmara (Jandira, SP).

The use of primary sources was prioritized on purpose. The intent is to inform people around the actions and methods by popular housing movements, in order to offer spectators the freedom and responsibility to form their own opinions on this latent issue in Brazilian cities.

OS MOVING
THE MOVEMENTS

A luta é a atividade, na essência e em síntese. O verbo lutar é tão repetido que acaba por dar forma às frases de cada pessoa envolvida com as ocupações. Com suas similitudes e diferenças, as falas dos líderes contêm as estratégias de ação, os gritos coletivamente expressos nos protestos, análises da situação da sociedade, posturas perante governos e imprensa. Se lutar por moradia digna é o objetivo fundamental que une MTST, MNLM-RJ, MSTC e FIST, também se reconhece que o problema habitacional brasileiro não será resolvido isoladamente: esses movimentos mobilizam-se pelo direito à cidade.

MOVIMENTOS

The fight is the activity, in essence and in summary. The verb “to fight” is so often repeated that it shapes the phrases of everyone involved in the squats. With its similarities and differences, the speeches of the leaders contain the action strategies, the cries collectively expressed in protests, analyses of society’s status, attitudes toward the government and the media. Fighting for decent housing is the fundamental objective that unites MTST, MNLM-RJ, MSTC and FIST, one can recognize that Brazilian housing problem will not be resolved in isolation: these movements mobilize for the right to the city.

ENTREVISTA COM ANDRÉ DE PAULA ADVOGADO DA FRENTE INTERNACIONALISTA DOS SEM-TETO

24 de janeiro de 2016

STUDIO-X Como e quando o Movimento foi fundado?

FIST O Antônio Louro, eu [André de Paula] e o pessoal da Federação Anarquista do Rio de Janeiro iniciamos o movimento, com nossa primeira ocupação em 1999. Antes tínhamos o nome de Movimento de Ocupação Internacional dos Sem-Teto. As ocupações mais antigas são a Olga Benário, no bairro de Campo Grande, e a Vila da Conquista, em Jacarepaguá. Chegamos a ter 40 ocupações.

Somos egressos da Central de Movimentos Populares (CMP) e do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN). Porém, como tínhamos uma posição de não ligação do movimento a partidos, resolvemos nos desligar do MNLN. Embora o Movimento no Rio de Janeiro tenha uma posição igual a nossa com relação ao voto nulo e a não votar, nós éramos minoria a nível nacional enquanto o MNLN era francamente aliado ao PT.

STUDIO-X Quais são os objetivos principais?

FIST Os principais objetivos são as lutas contra as remoções e despejos, pela reforma urbana sob controle dos trabalhadores, e por uma Petrobrás 100% estatal, também controlada por trabalhadores e sem leilões - o petróleo e o gás têm que ser todo revertido para benefício do povo brasileiro.

STUDIO-X Como é a estratégia de ação do movimento?

FIST A estratégia é ocupação, movimento de rua, pressão de todas as maneiras na luta contra o aumento das passagens e nas lutas gerais do povo. De vez em quando fazemos lutas específicas, por isso somos um movimento mais criminalizado, perseguido e processado.

STUDIO-X Como é a estrutura organizacional do movimento?

FIST A FIST tem uma coordenação estadual, porque o movimento não é nacional. Tem uma coordenação eleita no último congresso. Tem um secretário do departamento jurídico e a companheira secretária Nancy, ambos são remunerados.

O escritório também é fruto de uma ocupação. Este imóvel chegou a ser leiloado, nós questionamos porque existe uma função social.

STUDIO-X Como são escolhidos os lugares a serem ocupados?

FIST São prédios ou áreas que não cumprem sua função social. A ocupação é feita após um levantamento através da certidão de ônus reais.

Em outros casos, as próprias ocupações espontâneas resolvem filiar-se à FIST: nós mostramos o regimento interno, caso elas aceitem a nossa direção e nossos princípios, elas são incorporadas a FIST, sendo que elas podem ser cortadas caso não participem das manifestações, protestos e reuniões da FIST.

STUDIO-X Quais são as estratégias de comunicação internas e externas do movimento?

FIST A comunicação do movimento é falha, fraca. Nós temos um jornal e, a partir do 10º congresso, temos uma secretária liberada para organizar o blog, o email e o Facebook. Temos também um grupo de Whatsapp, para mobilizar as pessoas.

STUDIO-X Quais foram as principais manifestações públicas do movimento?

FIST Ano passado, nós fizemos uma manifestação em frente ao Fórum contra as remoções e despejos. Nos incorporamos a todas as manifestações que acontecem. Fazemos o 1º de Maio, participamos de atos conjuntos ou atos isolados. Também participamos do Grito dos Excluídos.

STUDIO-X Quais são os gritos de guerra nas manifestações?

FIST "Ocupar, resistir e lutar para não sair" e cantamos também A Internacional.

STUDIO-X Quais são os marcos do Movimento?

FIST Temos congressos anuais onde se encontram todas as ocupações. Dez congressos já

foram realizados. Também participamos da ocupação da Petrobrás, contra o leilão do petróleo e gás, além da luta contra as demissões da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, e ocupamos a Agência Nacional de Petróleo duas vezes. De modo geral, temos participado das lutas em conjunto com os trabalhadores.

STUDIO-X Quais são as grandes conquistas?

FIST Nós conseguimos ganhar e manter várias ocupações. Por exemplo, contra o Eike Batista, ganhamos nas ocupações Luiza Mahin e Escrava Anastácia, ambas na Ladeira do Russel. Da prefeitura de São Gonçalo, vencemos na ocupação Margarida Maria Alves. Conseguimos manter a ocupação dos Cegos, na Urca, contra o Governo Federal. Ganhamos as ocu-

pações Rosi Paes Barreto e Vila Joana, contra o governo do estado. Ganhamos a ocupação Vila da Conquista contra a prefeitura do Rio. Ganhamos e estamos mantendo outras ocupações contra a propriedade privada, o capital particular. Em um período de cinco anos, tivemos apenas três despejos.

STUDIO-X Como vocês se apoiam financeiramente?

FIST As próprias ocupações que pagam, vinte reais por família, mas a maioria não paga. É a nossa única fonte de renda essa.

STUDIO-X No caso das ocupações que vocês conseguem manter, há um projeto de reforma ou de readequação dos edifícios e consolidar a moradia? Há o apoio de assessorias técnicas?

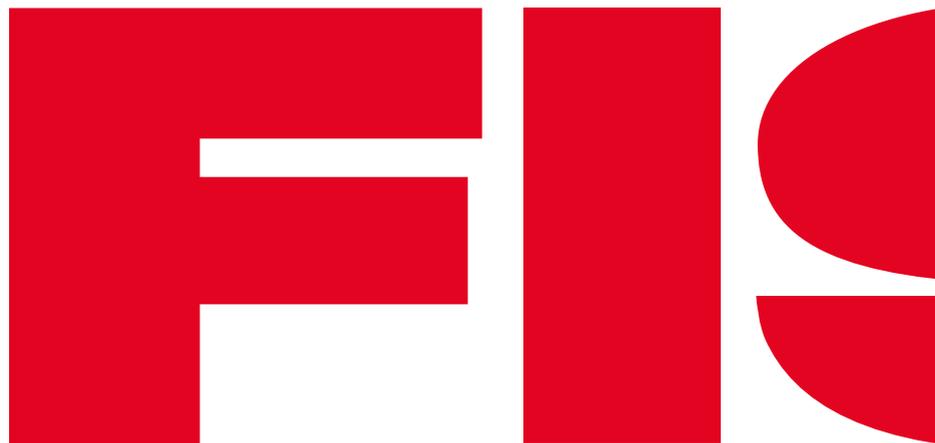
FIST Tem projeto. Existem lugares que não são prédios, mas terrenos. Nós conseguimos o apoio técnico do companheiro Antônio Mar-

longe dos centros, em lugares sem infraestrutura, sem saneamento básico, sem transporte, muitas dessas áreas são tomadas por milícias. Além disso, as pessoas ficam pagando uma eternidade e, na verdade, ficam endividadas.

STUDIO-X Como vocês analisam o trabalho da imprensa brasileira perante o que ocorre nos movimentos?

FIST A imprensa burguesa - a imprensa tradicional - é profundamente facciosa. Qualifica os ocupantes como invasores, quando, na verdade, só é invasão quando tem outras pessoas dentro. Invasão foi o que os Estados Unidos fizeram no Iraque. Invasão foi o que aconteceu aqui dos portugueses com os índios. Invasão por parte da Espanha massacrando os Astecas e os Incas.

Mesmo sabendo que a Constituição protege a posse, que não se pode manter uma propriedade sem função social, a imprensa facciosa



tins, do Sindicato dos Petroleiros, que é engenheiro electricista e viu a parte de elétrica. Na Ocupação Olga Benário, tivemos apoio do Sindicato dos Professores da Rede Particular para cercar o prédio e lá nós nos deparamos contra a milícia, a "Liga da Justiça", do Jerominho, Natalino e Batman. Eles tentaram se imiscuir e venderam uma área comunitária; nós os denunciemos e por isso hoje estão presos.

STUDIO-X De modo geral, como é a relação de vocês com as diferentes esferas governamentais?

FIST Nenhum diálogo com a prefeitura, com estado e o governo federal.

STUDIO-X Como vocês analisam o programa Minha Casa Minha Vida?

FIST "Minha casa minha dívida". Acharmos que esse projeto é furado. Colocam as pessoas

protege o tempo todo a propriedade abandonada e a especulação imobiliária.

STUDIO-X Quais são as expectativas para o futuro?

FIST A expectativa é que aconteça uma reforma urbana sob o controle dos trabalhadores, para que todos possam ter casa. Que a Petrobrás possa ser nossa, para que, a médio prazo, o gás possa custar um real. No longo prazo, esperamos a transformação do país em uma sociedade socialista.

INTERVIEW WITH ANDRÉ DE PAULA INTERNATIONALIST ROOFLESS FRONT'S LAWYER

January 24, 2016

STUDIO-X How and when was the Movement founded?

FIST Antônio Louro, me [André de Paula] and the members of the Anarchist Federation of Rio de Janeiro started the movement, with our first squat in 1999. Before we had the name International Roofless Squatters' Movement. The earliest squats were Olga Benário, in the neighborhood of Campo Grande, and Vila da Conquista, in Jacarepaguá. We have had 40 squats.

We are graduates of the Popular Movement

STUDIO-X What is the movement's strategy for action?

FIST The strategy is squatting, street movement, and pressure of all kinds in the fight against increased transportation costs and the general struggles of the people. From time to time we organize specific fights, which is why we are the most criminalized, persecuted and prosecuted movement.

STUDIO-X What is the movement's organizational structure?

FIST The FIST has a state coordination, because the movement is not national. The coordination was elected in the most recent congress. It has a legal department secretary and a secretary assistant, Nancy, both of whom are compensated.

The office is also the result of a squat. This property was just auctioned, which we ques-

participate in FIST's demonstrations, protests and meetings.

STUDIO-X What are the movement's internal and external communication strategies?

FIST The movement's communication is failing, it's weak. We have a newspaper and, as of the 10th congress, we have a secretary cleared to organize the blog, emails and the Facebook profile. We also have a Whatsapp group for mobilizing people.

STUDIO-X What were the movement's main public demonstrations?

FIST Last year, we held a demonstration in front of the Forum against removals and evictions. We have incorporated all of the demonstrations that have taken place. We participate in joint or individual acts on May 1st, International Workers' Day. We also participate

STUDIO-X What are the main achievements?

FIST We have managed to obtain and maintain several squats. For example, against Eike Batista, we gained the Luiza Mahin and Escrava Anastácia Squats, both in Ladeira do Russel. Against the city of São Gonçalo, we gained the Margarida Maria Alves Squat. We managed to maintain the Cegos Squat, in Urca, against the Federal Government. We gained the Rosi Paes Barreto and Vila Joana Squats, against the state government. We gained the Vila da Conquista Squat against the city of Rio. We gained and are maintaining other squats against private property, private capital. Over a five-year period, we have had only three evictions.

STUDIO-X How do you support yourself financially?

FIST It's the members of the squats themselves that pay twenty reais per family, though most don't pay. This is our only source of income.

STUDIO-X In the case of squats that you manage to maintain, is there a project for renovation or updating the buildings and consolidating housing? Is there support from technical advisers?

FIST There is a project. There are places that are not buildings, but plots. We have the technical support of Antônio Martins, of the Oil Workers Union, who is an electrical engineer and handles the electricity aspect. In the Olga Benário Squat, we had the support of the Private Network of Teachers Union to surround the building and there we stood up against the militia, the "Justice League" of Jerominho, Natalino and Batman. They tried to interfere and sold a communal area; we denounced them and this is why they are in prison today.

STUDIO-X In general, how is your relationship with the different levels of government?

FIST We don't have any type of relationship.

STUDIO-X How do you analyze the Minha Casa Minha Vida program?

FIST "My House My Debt". We think that this program has holes. They place people far from downtown, in places with no infrastructure, without basic sanitation, without transportation, and many of these areas are taken over by militia. In addition, people end up paying for eternity, and they actually become indebted.

STUDIO-X Do you analyze the Brazilian press' coverage of what is occurring in the movements?

FIST The bourgeois press - the traditional press - is deeply divisive. It describes the occupants as invaders when, in fact, it is only invasion if there are other people inside. Invasion was what the United States did in Iraq. Invasion was what happened here with the Portuguese and the indigenous. Invasion on behalf of the Spanish massacring the Aztecs and the Incas.

Even though the Constitution protects ownership, you cannot keep a property without social function, and the divisive press always protects abandoned properties and real estate speculation.

STUDIO-X What are your expectations for the future?

FIST The expectation is that there will be an urban reform under the workers' control, so that everyone can have a house. That Petrobrás can be ours, so that, over the medium-term, gas may cost one Brazilian real. Over the long-term, we hope that the country transforms into a socialist society.

S T

Center (CMP) and the National Struggle for Housing Movement (MNLN). However, since our intention was to not link the movement to any parties, we decided to disconnect ourselves from the MNLN. Although the Rio de Janeiro Movement has the same position as us with regard to null votes and not voting, we were a national minority, while the MNLN [sic] was openly linked to the Workers' Party (PT).

STUDIO-X What are the main objectives?

FIST The main objectives are the fights against removals and evictions, for urban reform under workers' control, and for a 100% state-owned Petrobrás, also controlled by workers and not bids - oil and gas need to be entirely reverted back to benefiting the Brazilian people.

tioned because there is a social function.

STUDIO-X In general, how is your relationship with the different levels of government?

FIST No dialogue with the city, state and federal government.

STUDIO-X How do you choose the places to be occupied?

FIST They are buildings or areas that do not fulfill their social function. The squat is carried out after a survey through the in rem guarantee certificate.

In other cases, spontaneous squats decide to join the FIST: we show them the internal regulations, and if they accept our guidance and our principles, they are incorporated into the FIST. However, they can be cut off if they do not

in Grito dos Excluídos (Cry of the Excluded).

STUDIO-X What are the battle cries during the demonstrations?

FIST "Occupy, resist and fight to not leave" and we also sing The Internationale.

STUDIO-X What are the Movement's milestones?

FIST We have annual congresses with all of the squats. Ten congresses have already taken place.

We also participated in the Petrobrás Squat, against the auctioning of oil and gas, in addition to the fight against lay-offs at Companhia Siderúrgica Nacional, in Volta Redonda, and we occupied the National Petroleum Agency two times.

In general, we have participated in fights together with workers.

ENTREVISTA COM CARMEN SILVA LÍDER DO MOVIMENTO SEM TETO DO CENTRO

17 de outubro de 2017

STUDIO-X Como e quando o Movimento foi fundado?

MSTC O Movimento Sem Teto do Centro surgiu em 2000 como uma dissidência de outro movimento com o qual não estávamos satisfeitos com a liderança e as propostas. Inclusive, o MTSC nasceu aqui na ocupação 9 de Julho, que existe desde 1997 mas, originalmente, com esse outro movimento. Em 2001, nós do MTSC e vários outros movimentos criamos a Frente de Luta pela Moradia. A FLM é um guarda-chuva que abriga várias entidades.

STUDIO-X Quais são os objetivos principais?

MSTC O objetivo é organizar o maior número possível de trabalhadores de menor renda para que, juntos, conquistemos a nossa moradia e nossos direitos. É uma luta por direitos. É a luta pela garantia de direitos à moradia, à educação, à saúde, ao lazer, à cultura, à mobilidade, à qualidade de vida. Direitos básicos e também direitos que venham a ser acrescidos aos direitos básicos.

STUDIO-X Como é a estratégia de ação do movimento?

MSTC Nos reunimos em bases, primeiramente, nas quais agrupamos todos aqueles que não têm onde morar. Nas bases, fazemos um cadastro dessas pessoas e buscamos fortalecê-las para falarem de seus direitos. Levamos ao governo todas as necessidades dessa população - como entidade, nossa obrigação é negociar com os três níveis governamentais. Quando não são atendidas as necessidades básicas, como no enorme déficit habitacional que há por aqui, nossa maior forma de luta é ocupar.

Ocupamos espaços vazios, ociosos e que não cumprem a função social da propriedade para denunciar a falta da moradia e a falta de políticas públicas efetivas. Nisso, denunciamos também a especulação imobiliária: aqueles que deixam um imóvel abandonado e se deteriorando para esperar um momento em que tal lugar terá um preço altíssimo.

STUDIO-X Como é a estrutura organizacional do movimento?

MSTC Enquanto liderança do movimento, eu tenho um papel fundamental de formar novas lideranças: um verdadeiro líder subdivide as tarefas e amplia seu quadro. No contexto geral de um movimento, a gente tem que dar formação: quando enxergamos uma pessoa com potencial de ser coordenador, nós vamos elevando ela. Dentro de uma ocupação, a gente vai formando mediadores por andares. Estes mediadores são a voz que leva aos moradores as informações de organização, de agenda, de trabalho interno e mesmo da parte burocrática do movimento. Também formamos comissões: comissão de portaria, comissão de cozinha etc.

Por exemplo, nós estamos agora no processo de reforma do prédio da ocupação 9 de Julho. Nessa obra tem o grupo de homens e mulheres que trabalham na construção. Têm as mulheres que se organizam na hora do almoço - a comissão de cozinha. Tem aquele que mexe especificamente com a hidráulica e o outro que mexe com a elétrica, mas sempre sob a batuta de um profissional. Quando entramos numa ocupação, entramos com uma assessoria técnica. Tudo com desenho arquitetônico.

STUDIO-X Tanto em relação a ocupação 9 de Julho quanto na ocupação Hotel

Cambridge, como se deu o trabalho com as assessorias técnicas?

MSTC Quando a gente ocupa qualquer área, independentemente de ter um compromisso com o governo, ocupamos já tendo um projetinho em mãos. Temos um formato de estar sempre conversando com várias assessorias. O primeiro arquiteto com quem tivemos contato foi o Celso Sampaio. Tanto no Cambridge como na 9 de Julho, tivemos a assessoria e assinatura dos projetos pelo arquiteto Alexandre Hodapp da Peabiru.

Não posso deixar de também citar a Eliane Caffé e a Carla Caffé. Veja o que está acontecendo com a Bienal, todas as propostas de arquitetura aqui feitas com a Escola da Cidade, o Luís Felipe Abbud, o IAB, o Marcos Rosa, o coletivo Aparelhamento, o Jeroen Stevens e seus alunos da Universidade de Leuven na Bélgica - todos trabalhando em rede. Essa troca faz com que todos aprendam um pouco. Como liderança do movimento, eu me mudei bastante porque aprendi como é importante ter uma Residência Artística aqui, como é importante ter uma rede de comunicação, uma rede de psicologia, uma rede de arquitetura. Nós trabalhamos com várias pessoas diferentes.

É fantástico como as assessorias técnicas de arquitetura têm contribuído para além do desenho. Nós tínhamos um grande preconceito com a figura do arquiteto: achávamos que era uma atividade somente estética. Mas arquitetura é vida. O arquiteto é uma figura tão importante quanto um professor e um médico na vida do ser humano, porque uma cidade sem arquitetura é totalmente morta. A arquitetura não pode servir somente para uma caixa emblemática, mas é o local onde se planeja como uma família vai viver, como um ser humano vai viver. Eu aprendi até a importância da janela - a condição da luz que entra e a luz que sai, de como o ar circula -, tudo isso eu aprendi com a figura do arquiteto.

Com o prêmio APCA de Arquitetura [Associação Paulista de Críticos de Artes, na categoria Apropriação Urbana], passei a refletir que não basta um movimento ocupar só para denunciar, o movimento tem que ocupar para zelar, para transformar. Com o prêmio APCA, percebi a importância da preservação da cidade para não matarmos nossa história.

STUDIO-X Como são escolhidos os lugares a serem ocupados?

MSTC Os lugares são escolhidos pela sua condição de abandono, independente de serem edifícios particulares ou públicos. A ocupação 9 de Julho, por exemplo, é um alvo pré estudado há muito tempo. Ocupou-

se o edifício pela primeira vez em 1997. Nós saímos em 2003 com a promessa de volta no ano seguinte com ele reformado. Porém, ele ficou do mesmo jeito, o que nos levou a ocuparmos este prédio por mais de quatro vezes, sendo a última vez no ano passado. Quando nós retornamos recentemente, o prédio estava bem mais deteriorado do que quando nós saímos. Deixamos esse prédio organizado na época, mas nesse meio tempo, várias pessoas em situação de rua, moradores drogados e traficantes ocuparam aqui para usos indevidos. Teve até um incêndio que diziam ter comprometido a estrutura do prédio - o INSS (o proprietário) chegou a fazer um laudo que indicava a demolição do prédio. Contudo, quando reocupamos a 9 de Julho, chamamos um expert da USP em laudos estruturais para

uma deficiência de uma assessoria técnica com a própria mídia, pois só tínhamos o entendimento da mídia oficial que nos criminalizava de todas as formas. Depois, passamos a ter acesso direto à mídia alternativa, como Jornalistas Livres e Mídia Ninja, e passamos a usar as redes sociais, o Facebook, o WhatsApp, o Instagram. Assim, passamos a ter comunicação externa. Não adianta o movimento ser sectário. Eu aprendi a trabalhar com vários coletivos. Todo mundo que tem uma proposta de ajuda é bem-vindo. Especialmente, aparecem coletivos de cultura: a maior comunicação do movimento é com a arte, com a cultura. Eu digo que são dois pontos cruciais: assessoria técnica e cultura. Internamente, nós estamos trabalhando com um coletivo de psicólogos que trabalham

MMS

que fizesse uma avaliação: ele atestou que não precisava demolir e aqui estamos fazendo a reforma.

Às vezes, as pessoas perguntam: "Como é que vocês ousam reformar aquilo que não têm posse?" Nós estamos aqui para zelar. Temos consciência que isso aqui não é nosso. Alguma hora será preciso negociar definitivamente ou a gente vai ter que sair. Enquanto a gente utiliza, a zeladoria é nossa obrigação.

STUDIO-X Quais são as estratégias de comunicação internas e externas do movimento?

MSTC Olha, eu vou te confessar uma coisa: quanto mais tempo o movimento tem, mais a gente vai aprendendo. Primeiro, tínhamos

como mediadores com os moradores, fazendo reuniões de andar em andar.

Essa estruturação do coletivo - de trabalhar o coletivo - com várias entidades juntas é que faz a comunicação do movimento ser crescente. Cada dia eu vou aprendendo mais uma coisa, vou aprendendo um pouco mais com os outros.

STUDIO-X Quais foram as principais manifestações públicas do movimento?

MSTC Já tivemos passeatas até o Palácio do Governo do estado de São Paulo no Morumbi. Ida à Brasília, no Congresso e no STF. Até acampamos na porta do Tribunal de Justiça. Pegamos os móveis de um local que nós se-

ríamos despejados e depositamos na porta do Fórum João Mendes. Cada forma de luta é muito importante. Chamam a gente de vândalos, de baderneiros, porém, pelo contrário, estamos brigando pelos direitos de todos os brasileiros. Estamos brigando pelos direitos até desses que nos xingam.

STUDIO-X Quais são os gritos de guerra nas manifestações?

MSTC Temos vários gritos. Quando a gente está fazendo uma ocupação, gritamos "Ocupar e Resistir". Também temos: "MSTC, a luta é pra valer". E o lema: "Quem não luta, tá morto". Nós já tivemos uma interpretação deste último como incentivo à violência, mas não é nada disso: estamos nos referindo que todo o direito sem ação está morto. A prova

simplesmente fazer parte do Estado. Fazer parte do Estado quer dizer que nós temos de formar cidadãos de bem, com conhecimento das leis, com seus documentos em dia, e entendendo que nós não temos somente direitos mas deveres também. Essa é a grande conquista do movimento: a organização inclusiva.

Por isso que nós somos temidos. Nossa organização faz com que o Estado nos tema, porque somos um conjunto organizado, e não um conjunto alienado. É uma bobagem esse temor, porque a única coisa que queremos é fazer parte desse Estado. E como a gente faz parte do Estado? Participando dos conselhos e suas respectivas eleições. Os conselhos são uma grande descentralização do poder público que garante a participação popular.

fiscalizar e implementar. Então, eu acho que uma das maiores conquistas do movimento é a participação efetiva em propostas dentro dos órgãos que vão, de fato, criar a moradia e programas que venham a beneficiar o trabalhador de menor renda.

STUDIO-X De modo geral, como é a relação de vocês com as diferentes esferas governamentais?

MSTC Nós, enquanto movimento, não colocamos a política partidária acima de tudo. Essa compreensão, aliás, o governo também deveria ter, mas as políticas públicas são mudadas de quatro em quatro anos, cada qual fazendo seu programa. Então, a gente procura se separar dessa política partidária e temos o papel de negociar com os três níveis de governo. Sabemos que existem os conselhos nacionais, estaduais e municipais, logo, temos gente participando desses conselhos nas três instâncias governamentais.

Ao ter assento nesses campos de discussão real, procuramos manter nossa negociação em casos como agora, por exemplo, de não aceitar o corte a zero para moradia em 2018 do Governo Federal - estamos discutindo isso em várias frentes e fazendo vários protestos contra.

STUDIO-X Como você analisa o programa Minha Casa Minha Vida?

MSTC É um ótimo programa, mas é preciso que seja ajustável de acordo com o tamanho do estado da federação. Não se pode fazer um programa para o Brasil inteiro, comparando São Paulo e Rio de Janeiro com Amazonas ou Pará, onde o valor da terra é mínimo, e, por aqui, o valor da terra é altíssimo. Por isso, o MCMV não teve qualquer resultado em São Paulo capital. Deveria ter tido um estudo mais aprofundado nos dois primeiros anos: eu falei na conferência nacional que não era possível comparar o valor da terra em São Paulo com o do Acre. No norte, tem terra demais e não tem programa,

aqui tem pouca terra e o programa não tem dinheiro para bancá-la. Para o estado de São Paulo, o governador Geraldo Alckmin foi muito esperto, aproveitou o MCMV Entidades e construiu. Mas o estado e a capital são totalmente diferentes.

O outro grande problema é a burocracia, isto é, a modelagem do operador financeiro. Pois não leva em consideração que a renda das pessoas oscila - um dia, o cidadão está trabalhando e amanhã pode estar desempregado, gerando dívidas por não ter salário. Se entrar no Cadin [Cadastro informativo de créditos não quitados do setor público], a pessoa não financia a casa de modo algum. Se o programa é destinado a um bem básico e um direito fundamental, a modelagem financeira preci-

sa ter isso em vista. É seguir o exemplo das Casas Bahia, da Magazine Luiza, do Ricardo Eletro, da Marabrás que vivem cheios: ninguém ficaria no vermelho, porque mesmo devendo, as pessoas continuam pagando. O governo tem que seguir os exemplos das grandes redes de lojas de eletrodomésticos. A modelagem financeira do MCMV segue a lógica do mercado para rico, para quem tem muita grana. Isso paralisa os processos de financiamento de moradia.

STUDIO-X Como é a relação de vocês com outros movimentos sociais?

MSTC É uma relação grande de articulação. Não brigo com ninguém. Eu respeito, mesmo que cada um tenha diretrizes distintas. O MSTC tem um grande relacionamento até mesmo com o Poder Público: fiz parte de uma curadoria dentro da Procuradoria Geral do Ministério Público. Explicamos lá dentro como o movimento funciona. Fazemos isso para que na hora de dizer "não", nós possamos dizer "não" contundentemente - por mais que saibamos que o outro está errado, não posso deixar de escutar.

STUDIO-X Como vocês analisam o trabalho da imprensa brasileira perante o que ocorre nos movimentos?

MSTC Eu vejo a imprensa oficial como uma desinformante geral. Ela desinforma verdadeiramente o brasileiro. Não dão a notícia completa. O papel do jornalista é muito importante, mas ele também vive impossibilitado de escrever aquilo que quer, já que tem que seguir aquilo que o patrão determina. O nosso grande erro sempre é a má distribuição e a imprensa brasileira está mal distribuída, porque ela está na mão de algo como seis famílias para um país que tem duas centenas de milhões de habitantes. Essas poucas famílias têm um papel de vender a notícia de acordo com o governo que lá está - são partidários. E, não que seja totalmente nossa amiga, mas a mídia alternativa conta a verdade, doa a quem doer. Não está presa às questões oficiais. Não é um serviçal.

STUDIO-X Quais são as expectativas para o futuro?

MSTC Se você me perguntasse ano passado, eu estava muito otimista. Nós pensávamos que iríamos entregar várias moradias, mas, a cada ano que passa, a gente vai vendo que nossa perspectiva para o futuro é não parar. O que temos de fazer é educar - a educação popular. Enquanto a gente tiver voz, precisamos de núcleos de educação popular. Nós temos que cativar o coletivo e dizer a eles: "Nós podemos juntos fazer isso. Por esse caminho que nós vamos." Não adianta criar a perspectiva de que vamos conseguir colocar famílias em programas para ter moradia - para conseguir isso, é preciso ter primeiro um conjunto de educação em todos os parâmetros.

disso é a Constituição: lembro do quinto e do sexto artigos, eles estão sendo executados? Não, então quem não luta tá morto. Se a gente não grita por não termos casa, por não termos educação, por não termos saúde, quem vai gritar por nós? Então, "Quem não luta, tá morto" refere-se que o direito morre por não se efetivar o que está no papel.

STUDIO-X Quais são as grandes conquistas do movimento?

MSTC Posso citar desde a luta por moradias definitivas até a proposta de leis e a participação efetiva do governo. Os governantes acham que nós queremos revolução, mas não se revoluciona e governa ao mesmo tempo. Não queremos revolucionar nada, queremos

Quando há participação popular dentro do governo, você pode levar propostas, solicitações de votos, dizer "isso aqui está errado". Nós estamos em todas audiências públicas. Nesse período, aprendemos o seguinte: quando há uma proposta ou uma resolução pelo poder público que diga respeito à moradia ou qualquer outro direito, procuramos debater com quem está participando dessas discussões e tentamos levar isso para os conselhos. Inclusive, no dia 24 de outubro, faremos um seminário que chama "Alternativas e Perspectivas para um Programa Habitacional" com o governo municipal e o Ministério Público. Não adianta estarmos próximos ao poder público sem a participação do Ministério Público que é um órgão constituído para

STC

INTERVIEW WITH CARMEN SILVA LEADER OF THE CITY CENTER HOMELESS MOVEMENT

October 17, 2017

STUDIO-X How and when was the Movement founded?

MSTC The Movimento Sem Teto do Centro ["The City Center Homeless Movement"] began in 2000 as a split from another movement with which we were dissatisfied in terms of leadership and proposals. In fact, the MTSC was born here at the 9 de Julho occupation, which has existed since 1997 but, originally with this other movement. In 2001, we at the MTSC and a number of other movements created the Frente de Luta pela Moradia ["Fight for Housing Front"]. The FLM is an umbrella group that shelters various organizations.

STUDIO-X What are your main objectives?

MSTC - The objective is to organize the highest number of low-income workers possible so that, together, we conquer our housing and our rights. It's a fight for rights. It's a fight for the guarantee of rights to housing, to education, to healthcare, to leisure, to culture, to mobility, to quality of life. Basic rights and also additional rights that come with basic rights.

STUDIO-X What is the movement's strategy for action?

MSTC First, we meet at bases where we group together all those who have no place to live. At these bases, we create a register for these people and we try to build them up by telling them about their rights. We take all the necessities of this population to the government - as an organization, it is our obligation to negotiate with the three levels of government. When the basic necessities are not met, as is the case with the enormous housing deficit you see out here, our main way of fighting back is by occupying.

We occupy empty spaces that aren't being used and which do not fulfill the social function of property in order to expose the lack of housing and the lack of effective public policies. With this, we are also exposing real estate speculation: those who leave a building abandoned and deteriorating, waiting for the moment when the value of that place rises sky high.

STUDIO-X What is the movement's organizational structure like?

MSTC As leader of the movement, I have a fundamental role in forming new leaders: a true leader subdivides tasks and expands their framework. In the general context of a movement, we have to provide training: when we see someone with the potential to be a coordinator, we have to go about elevating them. Within an occupation, we train mediators for each floor. These mediators are the voice that bring residents information in terms of organization, agenda, internal work and even the bureaucratic part of the movement. We also form commissions: the commission of door-men, the kitchen commission, etc.

For example, we are now in the process of renovating the building of the 9 de Julho occupation. For this project, we have a group of men and women working on the construction. We have the women who organize lunch - the kitchen commission. We have someone who specifically works on the pipes and someone else who works on the electricity, but always under the supervision of a professional. Whenever we enter an occupation, we enter with technical support. Always with architectural drawings.

STUDIO-X In terms of the 9 de Julho occupation as well as the Hotel Cambridge occupation, what was the work with the technical advisors like?

MSTC Whenever we occupy any area, regardless of whether we have a commitment with the government or not, we occupy with a project in hand. We have a format such that we are always conversing with various advisors. The first architect with whom we had contact was Celso Sampaio. At both Cambridge and 9 de Julho, we received support and design from the architect Alexandre Hodapp of the firm Peabiru.

I also must mention Eliane Caffé and Carla Caffé. Look at what's happening with the Biennial, all the architecture proposals created here with Escola da Cidade, Luís Felipe Abbud, IAB, Marcos Rosa, the collective Aparelhamento, Jerroen Stevens and his students from the University of Leuven in Belgium - everyone working in a network. This exchange makes it so that everyone learns a little. As leader of the movement, I had to adapt a lot, because I learned how important it is to have an Artistic Residence here, how important it is to have a communications network, a psychology network, an architecture network. We work with many different people.

It's fantastic how the architectural technical advisors have contributed beyond just the architectural design. We had a lot of prejudice against the figure of the architect: we thought it was solely aesthetic activity. But architecture is life. The architect is as important a figure in the lives of human beings as teachers or doctors, because a city without architecture is totally dead. Architecture cannot just serve as an emblematic box, because it is the locale that's planned for a family to live, for a human being to live. I have even learned the importance of windows - the condition of the light that enters and the light that goes out, the way the air circulates - I learned all this from the figure of the architect. With the Architecture Prize from the APCA [the São Paulo Association of Art Critics, in the category of Urban Appropriation], I started to reflect that it isn't enough for a movement to occupy only to expose. The movement has to occupy to act as caretakers, to transform. With the APCA prize, I understood the importance of preserving the city so that our history isn't killed off.

STUDIO-X How are the places chosen for occupation?

MSTC Places are chosen based on their state of abandonment, regardless of whether they're private or public buildings. The 9 de

Julho occupation, for example, is a target that was previously studied for a long time. The building was occupied for the first time in 1997. We left in 2003 with the promise of returning the following year with the building renovated. But it was left in the same conditions, which led us to occupy this building four more times, the last time being last year. When we returned recently, the building was much more rundown than it had been when we left. We left this building organized, but since that time, a lot of people who had been living on the streets, drug users and dealers occupied this place, putting it to unseemly use. There was even a fire that they say compromised the building's structure - the INSS (the owner) went so far as to get an appraisal

STUDIO-X What are the movement's strategies for internal and external communication?

MSTC Look I'm going to confess something: the longer the movement goes on, the more we learn. At first, we needed technical support with the media itself, because the only understanding we had was of the official media which criminalizes us in every way possible. Later on we got direct access to the alternative media, like Jornalistas Livres and Mídia Ninja, and we began using social networks, Facebook, WhatsApp, Instagram. This is how we started to have external communication. It's no use for the movement to be sectarian. I learned to work with various collectives. Everyone who has a proposal to help is wel-

MMS

that recommended the building's demolition. But when we reoccupied 9 de Julho, we called an expert in structural appraisals from the University of São Paulo to evaluate the building: he attested that it didn't need to be demolished, and so here we are renovating it. Sometimes people ask: "How can you dare to renovate something that doesn't belong to you?" We are here to act as custodians. We are aware of the fact that this isn't ours. The time will come that we will have to negotiate definitively or we'll have to leave. While we're making use of it, it is our obligation to take care of it.

come. In particular, culture collectives show up: most of the movement's communication is with art, with culture. I'd say these are two crucial points: technical support and culture. Internally, we're working with a collective of psychologists who act as mediators with the residents, holding meetings from floor to floor.

This structuring of the collective - working as a collective - with various entities together is what makes the communication of the movement grow. Every day I learn something new. I learn a little more from the others.

STUDIO-X What have been the movement's main public demonstrations?

MSTC We've had marches to the São Paulo State Government Palace in Morumbi. In Brasília, to Congress and the Federal Supreme Court. We even camped out by the entrance to the Court of Justice. We took the furniture from one locale where we were being evicted and left at the entrance to João Mendes Court. Each form of protest is very important. They call us vandals, hooligans, but, on the contrary, we're fighting for the rights of all Brazilians. We're even fighting for the rights of those who curse us out.

STUDIO-X What are the war cries heard

at the demonstrations?

STUDIO-X What have been the movement's main achievements?

MSTC I could mention anything from the fight for definitive housing to the proposal for laws and effective participation on the part of the government. Those in government think that we want revolution, but you can't revolutionize and govern at the same time. We don't want to revolutionize anything. What we want is to simply be part of the State. Being part of the State means that we have to form good citizens, with awareness of the laws, with their documents in order, and understanding that we don't just have rights, but duties as well.

period this is what we learned: when there is a proposal or a resolution from the public authorities regarding housing or any other right, we try to debate with whoever is participating in these discussions and we try to bring this to the councils.

In fact, on October 24th, we'll be holding a seminar called "Alternatives and Perspectives for a Housing Program" with the municipal government and the Public Ministry. It's no use for us to be close to the public authorities without the participation of the Public Ministry, which is an agency that was established to oversee and to implement. So I think that one of the movement's biggest achievements is our effective participation in proposals to the agencies that will actually create housing and programs that will benefit low-income workers.

STUDIO-X In general terms, what is your relationship like with the different levels of government?

MSTC As a movement, we do not place partisan politics above everything else. Incidentally, the government should also have this same understanding, but public policies change every four years, with everyone creating their own program. So we try to separate ourselves from partisan politics and we have the role of negotiating with the three levels of government. We know that there are national, state and municipal councils, so we have people participating in these councils on the three governmental levels.

In order to have a seat in these fields of real discussion, we try to maintain our negotiations in cases, like right now, for example, refusing to accept the Federal Government cutting housing down to zero for 2018 - we are discussing this on several fronts and organizing various protests against it.

STUDIO-X How do you see the program Minha Casa Minha Vida?

MSTC It's a fine program, but it needs to be adjustable according to the size of the federation. It can't be a program for all of Brazil, comparing São Paulo and Rio de Janeiro with Amazonas or Pará, where the price of land is minimal, and here where the price of land is extremely high. That's why MCMV hasn't had any results in the city of São Paulo. There should have been a more profound study in the first two years: I said at the national conference that it wasn't possible to compare the value of the land in São Paulo with the land in Acre. In the north, there's so much land and no program for it. Here, there's little land and the program doesn't have money to afford it. For the state of São Paulo, the governor Geraldo Alckmin was really smart. He took advantage of MCMV

Entidades and he built. But the state and the capital city are totally different. The other big problem is bureaucracy-- in order words, the financial operator model. Because it doesn't take into consideration the fact that people's incomes fluctuate-- one day, an individual is working and the next he or she might be unemployed, generating debt by not collecting a salary. If you get put on Cadin [the register of unpaid public sector credits], you can't finance a home anymore. If the program is designated to provide a basic asset and a fundamental right, the financial model needs to have this in view. It needs to follow the example of Casas Bahia, Magazine Luiza, Ricardo Eletro, Marabrás, which are always filled with customers: nobody ends up in the red, because even when they're debt people keep paying. The government needs to follow the examples of the big home appliance store chains. The financial model of MCMV follows the logic of the market for rich people, for people who have lots of money. This paralyzes the processes of financing housing.

STUDIO-X What is your relationship like with other social movements?

MSTC It's a relationship of great articulation. I don't fight with anyone. I respect, even when each one has their own distinct directives. MSTC has a great relationship even with the Public Powers: I was part of a curatorship within the Public Ministry Office of the Attorney General. We explained there how the movement functions. We do this so that when it's time to say "no," we can say "no" emphatically - no matter how much we know that the other side is wrong, I can't not listen to what they have to say.

STUDIO-X How do you see the work of the Brazilian press in terms of what goes on in the movements?

MSTC I see the official press as a general misinformant. It truly misinforms the Brazilian people. It doesn't give the complete news. Journalists have a very important role, but they are also forever forbidden from writing what they want to because they have to follow decisions made by their bosses. Our biggest mistake is always uneven distribution and the Brazilian press is unevenly distributed because it is in the hands of something like six families in a country that has 200 million inhabitants. These few families have a role in selling the news according to the government that's in power - they're partisan. And, though they're not exactly our friends, the alternative media tells the truth, no matter who it hurts. They aren't cuffed by official matters. They aren't servile.

STUDIO-X What are your expectations for the future?

MSTC If you had asked me last year, I was really optimistic. We thought we were going to deliver a lot of housing units, but, with each year that passes, we realize that our perspective for the future is to keep going. What we have to do is educate - popular education. While we have a voice, we need nuclei of popular education. We have to captivate the collective and tell them: "Together we can do this. This is the path we're going to follow." It's no use creating the perspective that we're going to place families into programs to get housing - to achieve this, first we need a set of education in all parameters.

STC

at the demonstrations?

MSTC We have a number of cries. When we are occupying a place, we shout "Occupy and Resist." We also have: "MSTC, the fight is for real." And our motto: "Those who aren't fighting are dead." People have interpreted this last one as inciting violence, but it's not that at all: we are referring to the fact that all rights without action are dead. The proof of this is in the Constitution: remember the fifth and sixth articles, are they being executed? No, so those aren't fighting are dead. If we don't holler about the fact that we don't have homes, that we don't have education, that we don't have healthcare, who's going to holler for us? Therefore, "Those who aren't fighting

This is the movement's great achievement: inclusive organization.

That's why we're feared. Our organization makes it so the State fears us, because we're an organized group, and not an alienated group. This fear is nonsense, because the only thing we want is to be a part of this State. And how do we become part of the State? By participating in the councils and their respective elections. The councils are a great decentralization of public power which guarantees popular participation. When there is popular participation in the government, you can bring up proposals, solicitations for votes, you can say "this here is wrong." We are there at all the public hearings. Over this

ENTREVISTA COM ELISETE NAPOLEÃO E MARIA DAS LURDES LOPES COORDENADORAS DO MOVIMENTO NACIONAL DE LUTA PELA MORADIA (RIO DE JANEIRO)

11 de fevereiro de 2016

STUDIO-X Como e quando o Movimento foi fundado?

MNLM-RJ A fundação do Movimento em 1990 foi um desafio que enfrentamos a partir da Constituinte. Por meio da Articulação Nacional de Solo Urbano, nós conquistamos alguns mecanismos na Constituição Federal para coibir a especulação imobiliária: por exemplo, a aplicação do IPTU progressivo, a edificação compulsória no artigo 182. Vários desses militantes viram a necessidade de articular as diversas experiências de luta pela moradia na cidade e fazer um movimento nacional. Não que fosse um movimento pela construção de casa, mas um movimento de luta pela cidade, pela reforma urbana. Assim que, em julho de 1990, em Goiânia, com militantes de vários locais do país, nós passamos a enfrentar esse primeiro desafio: de luta pela reforma urbana e não luta pelo teto.

STUDIO-X Quais são os objetivos principais?

MNLM-RJ A missão principal do MNLM é consolidar e avançar na luta pela reforma urbana, que compreende primeiramente a questão da desmercantilização da terra, para que ela seja democratizada. Não lutamos pelo título de propriedade, mas pela concessão real de uso. Nosso trabalho é para que a pessoa tenha moradia digna. Isso aqui é um trabalho de luta, não é para vender a casa, colocá-la no mercado, especular. Nossas crianças são pequenas, porém, caso os pais morram, é para que continuem na luta. Por isso, lutamos pela concessão com a finalidade de moradia. Em segunda instância que se melhorem os serviços básicos para o desenvolvimento da vida urbana, a fim de que as cidades sejam mais democráticas e sustentáveis. Lutamos em relação à plataforma do trabalho, da mobilidade, da qualidade da moradia.

STUDIO-X Como é a estratégia de ação do movimento?

MNLM-RJ Fazemos mobilização nas comunidades, com o Movimento falando do seu funcionamento e da sua forma de trabalhar política. Desse modo, vai se conhecendo as pessoas de cada lugar. Um vizinho chama o outro, o boca a boca, e mais pessoas agregam-se dentro do perfil do movimento. No momento em que a gente ocupa, as assembleias são diárias: é o período de organização e estruturação do local, então muitas tarefas precisam ser divididas e conscientizadas nas quais todos têm que participar. Temos uma carta de princípios que é adequada conforme a realidade das ocupações. Prima por manter a comissão de criança, a escolinha, a comissão de infraestrutura, a comissão da cozinha.

STUDIO-X Como é a estrutura organizacional do movimento?

MNLM-RJ Temos uma coordenação nacional, uma estadual e uma municipal. Cada ocupação tem seus coordenadores locais, que, por vezes, vão para estas três esferas. Fazemos eleições gerais de dois em dois anos, e os coordenadores locais são escolhidos anualmente nas assembleias.

STUDIO-X Como são escolhidos os lugares para serem ocupados?

MNLM-RJ Um dos critérios é que o lugar esteja dentro da malha urbana, com acesso a infraestrutura, água, esgoto, tendo escola, hospital e postos de saúde próximos. A preferência é pelos centros urbanos por ser onde há mais acesso ao mercado formal de trabalho.

STUDIO-X Quais são as estratégias de comunicação internas e externas do movimento?

MNLM-RJ Hoje em dia, as coisas são mais simples na comunicação. Com essa coisa Whatsapp, tem grupos de tudo quanto é canto: grupo de coordenadores, grupo de militantes, grupo da comunicação, grupo da formação, cada um tem um grupo. Utilizamos todos esses instrumentos da comunicação moderna: Whatsapp, Facebook, email. Porém, dez anos atrás era muito difícil, porque a maioria de nós nem tinha telefone.

STUDIO-X Quais foram as principais manifestações públicas do movimento?

MNLM-RJ Nacionalmente, fizemos algumas marchas pela reforma urbana articuladas com outros três movimentos nacionais, por meio do Fórum Nacional de Reforma Urbana. Sempre nas semanas de Luta Internacional pelo Habitat, a gente faz lutas mais articuladas nacionalmente. Além, óbvio, das manifestações corriqueiras de ocupação e para garantia do não despejo.

STUDIO-X Quais são os gritos de guerra nas manifestações?

MNLM-RJ “A Moradia não é Mercadoria”, “Povo Unido é Povo Forte”, “Reforma Urbana já”, “Função Social não é Servil Capital”, “Ocupar, Resistir para Morar”.

STUDIO-X Quais são os marcos do Movimento?

MNLM-RJ Os marcos foram quando nos articulamos nacionalmente para construir o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS) e, por um pouco mais de uma década, o Estatuto da Cidade. Quer dizer, nos marcou muito porque tentamos colocar nossa visão de cidade, o que demandou mobilização, reflexão, formulação. Por isso ficamos tão frustrados hoje, quando vemos que nenhum dos dois foi reconhecido e respeitado pelo poder público.

STUDIO-X Quais são as grandes conquistas?

MNLM-RJ Ter conquistado o Estatuto da Cidade e a Lei do Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social foi uma grande missão para nós, embora não sejam respeitados. Algumas ocupações também foram importantes, mas são do cotidiano. Estamos vivendo um processo de desconstituição daquilo que tínhamos conquistado, então fica até difícil identificar conquistas. O Minha Casa Minha Vida Entidades é um esforço de reconstituição do que o Governo Federal fez do SNHIS: o pouco que se tem hoje é uma política compensatória para nos consolar da traição que o governo fez conosco.

STUDIO-X De modo geral, como é a relação de vocês com as diferentes esferas governamentais?

MNLM-RJ A gente tem uma relação de diálogo. Sabemos perfeitamente que o papel do movimento popular é fazer a interlocução com o poder público. Participamos dos espaços institucionais de gestão compartilhada, que ajudamos a construir na perspectiva de que fossem deliberativas e realmente eficazes. Embora não sejam, a gente continua lutando

para tanto. É uma relação de diálogo e muita tolerância, uma tolerância insuportável. A gente está abusando da capacidade do povo de aguentar as sacanagens das diversas esferas governamentais. As esferas municipal, estadual e nacional, no Rio de Janeiro, fazem coisas em conluio. Nossa tolerância já deveria ter acabado. Nossa interlocução não só é diplomata como acaba sendo subserviente.

STUDIO-X Como vocês analisam o programa Minha Casa Minha Vida?

MNLM-RJ O Minha Casa Minha Vida é um programa ditado pela política econômica do governo, para incidir sobre a economia do país e não sobre o direito de morar. O MCMV surgiu para alavancar a indústria da construção civil. O programa não se pautou pelo direito à cidade, mas pela necessidade das empreiteiras de se reorganizarem e fazer caixa. Isso provocou tanto uma quebra dos paradigmas que os movimentos tinham lutado a vida toda, quanto resultou em uma cidade pior. Com o MCMV, o governo federal fez coisas que questionamos nas últimas décadas em outras gestões, na política nacional de habitação, no BNH. Hoje, isso é repetido com requintes de crueldade e não encontra em nós a

nismo, mas sim pela modificação da cidade capitalista.

STUDIO-X Como vocês analisam o trabalho da imprensa brasileira perante o que ocorre nos movimentos?

MNLM-RJ Nós chamávamos a imprensa no passado para cobrir lutas e marchas, mas sistematicamente não iam ou, quando iam, deturpavam - sempre virávamos os réus da história. Ultimamente, às vezes fazemos um release e mandamos para a mídia alternativa, para a comunicação popular. Não mandamos mais para a grande mídia, pois é difícil reparar as porcarias que eles falaram já que não nos dão direito de resposta. A imprensa brasileira criminaliza toda ação política coletiva e toda iniciativa de contestação da ausência de direito. Quando a imprensa brasileira não pode ignorar, ela faz campanha para tornar aquilo um crime e acabar na cadeia. A imprensa brasileira é inimiga de qualquer movimento cidadão. A menos que seja um movimento pelo direito de matar, de reduzir a maioria penal. A imprensa não criminaliza o movimento por casualidade, mas porque está a serviço do sistema capitalista que é excludente e genocida. A imprensa



mesma resistência, o que é muito doído. Quando conseguimos conquistar uma parceria, com o Minha Casa Minha Vida Entidades, foi para tentar não perder tudo. Já tínhamos perdido do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS) e do SNHIS. O MCMV não foi uma proposta da gente, mas acabou contando com a nossa cumplicidade. Dentro dos movimentos populares nascidos na década de 80 e 90, infelizmente, a maioria se sente governo e acaba autografando as coisas distorcidas, equivocadas e erradas que o governo propõe.

STUDIO-X Como é a relação de vocês com outros movimentos sociais?

MNLM-RJ Nós temos uma relação nacional antiga com a União Nacional por Moradia Popular, a Confederação Nacional das Associações de Moradores (Conam) e a Central de Movimentos Populares (CNP). Em cada estado, a relação entre os quatro movimentos é diferente, intensificando-se ou dispersando-se mais: há estados em que conseguimos fazer muita coisa juntos, outros dois ou três se reúnem, e tem lugar que é cada um por si. A tentativa é que os quatro movimentos nacionais tivessem uma agenda, uma plataforma e uma estratégia comuns. Mas a dispersão da estratégia em algumas cidades, devido ao comprometimento de movimentos com a chapa branca governamental, acabou ocasionando uma ausência de estratégia comum para unidade dos quatro movimentos, a qual não pode se dar por casuismo ou gover-

está a serviço dela mesma: são monopólios concedidos pelos governos e os governos ficam na mão dessa grande imprensa nacional. Para não cair, o governo acaba sustentando essa mídia e permite que ela criminalize tudo aquilo que é ideologicamente democrático, fazendo propaganda de uma hegemonia excludente do capital.

STUDIO-X Quais são as expectativas para o futuro?

MNLM-RJ Aqui no Rio, o MNLM tem a expectativa de que a sede por justiça e transformação não seja amordaçada por casuismos, partidarismos, eleitoralismo. Que o movimento da classe trabalhadora continue criando e recriando instrumentos e organizações, não perdendo os paradigmas. Quando o movimento perde o paradigma, que a classe propele o surgimento de outros movimentos que engulam os que se renderam. É uma luta até contra nós mesmos: quando um partido socialista deixa de ser socialista, é necessário que o espaço seja ocupado por outros da classe trabalhadora; o mesmo ocorre com um movimento popular. A essência do movimento popular é lutar por uma outra sociedade. É o próprio capital quem dita a necessidade e a urgência de ter sujeitos coletivos lutando pela justiça. E o capital não para de agredir. A existência da utopia socialista comunista é ditada pela própria assanha do capital. Enquanto tiver quem mata, haverá quem não se rende, haverá quem reaja.

INTERVIEW WITH ELISETE NAPOLEÃO AND MARIA DAS LURDES LOPES COORDINATORS OF THE NATIONAL STRUGGLE FOR HOUSING MOVEMENT (RIO DE JANEIRO)

February 11, 2016

STUDIO-X How and when was the Movement founded?

MNLM-RJ The foundation of the Movement in 1990 was a challenge that we faced with the Constituent Assembly. Through the Articulação Nacional de Solo Urbano (National Network for Urban Land), we implemented some mechanisms in the Federal Constitution to curb real estate speculation: for example, application of the progressive IPTU property tax, compulsory building history in article 182. Several of these activists saw the need to coordinate the various experiences of struggles for housing in the city and create a national movement. It was not a movement

neighbor calls another, word of mouth, and more people are added to the movement's profile.

When we are occupying, the meetings are daily: it's a period of organizing and structuring the location, so many tasks need to be divided and assigned, and everyone needs to participate.

We have a charter of principles that is suited to the reality of the squats. We strive to maintain the children's committee, the school, the infrastructure committee and the kitchen committee.

STUDIO-X What is the movement's organizational structure?

MNLM-RJ We have a national, state and municipal coordination. Each squat has its local coordinators, who sometimes visit these three spheres. We hold general elections every two years, and the local coordinators are chosen annually at the meetings.

STUDIO-X How do you choose the places to be occupied?

MNLM-RJ One of the criteria is that the place be within the urban area, with access to infrastructure, water, sewage, schools, hospitals and nearby health clinics. The preference

STUDIO-X What are the Movement's milestones?

MNLM-RJ The milestones were when we coordinated nationally to build the National System for Housing of Social Interest (SNHIS) and, for a little over a decade, the City Statute. I mean, we had many milestones because we are trying to spread our vision of the city, which required mobilization, reflection and formulation. This is why we are so frustrated today, seeing that neither has been recognized and respected by the government.

STUDIO-X What are the main achievements? Any changes in laws or public policies?

MNLM-RJ Implementing the City Statute and the Law of the National System for Housing of Social Interest were big missions for us, although they are not respected. Some squats were also important, but they are everyday occurrences. We are experiencing a process of watching the dissolution of that which we have achieved, so it is difficult to identify achievements. The Minha Casa Minha Vida Entidades program is an effort to recover what the Federal Government did with SNHIS: the little that we have today is a compensatory policy to console us for the government's betrayal of us.

STUDIO-X In general, how is your relationship with the different levels of government?

MNLM-RJ We have a dialogue relationship. We know perfectly well that the role of the popular movement is to create dialogue with the government. We participate in institutional spaces of management, solicitation and sharing, where we help to build the perspective that they are deliberative and actually effective. Although they are not, and we are still fighting for this.

It's a relationship of dialogue and a lot of tolerance, an unbearable tolerance. They are taking advantage of people's ability to endure the unfair nature of various spheres. The municipal, state

and national spheres in Rio de Janeiro are in collusion. Our tolerance should already have run out. Our dialogue is not so diplomatic that it ends up being subservient.

STUDIO-X How do you analyze the Minha Casa Minha Vida program?

MNLM-RJ The Minha Casa Minha Vida program is dictated by the government's economic policy, and focuses on the country's economy and not the right to housing. The MCMV emerged to boost the construction industry. The program was not guided by the right to the city, but by contractors' need to reorganize and make cash. This caused a paradigm shift in what the movements had fought their whole lives for, as it resulted in a worse city. With the MCMV program, the federal government did things, which we have questioned in recent decades under different administrations, with the national housing policy, the BNH (National Housing Bank). Today, this is repeated with the utmost cruelty and you do not find in us the same resistance, which is just crazy.

When we are able to obtain a parcel, with the Minha Casa Minha Vida Entidades program, it was to try not to lose everything. We have already lost the National Fund for Housing of Social Interest (NFHIS) and the SNHIS. The MCMV was not our proposal, but it ended up relying on our complicity. Among the popular movements born in the 80's and 90's, unfortunately, the majority feel the government's

pressure and end up signing things that the government proposes, which are distorted, misleading and wrong.

STUDIO-X How is your relationship with other social movements?

MNLM-RJ We have an old national relationship with the National Low-Income Housing Union, the National Confederation of Housing Associations (Conam) and the Center for Popular Movements (CNP). In each state, the relationship among the four movements is different, whether that be more intensified or more dispersed: there are states in which we are able to do many things together, where two or three get together, and there are places where it's every man for himself.

The intention is that the four national movements will have a common agenda, platform and strategy. But the dispersion of strategies in some cities, due to the impairment of movements by government cronies, eventually led to the absence of a common strategy for fostering unity among the four movements, which cannot be implemented through casuistry or "governmentalism", but rather through the modification of the capitalist city.

STUDIO-X Do you analyze the Brazilian press' coverage of what is occurring in the movements?

MNLM-RJ We have called the press in the past to cover struggles and marches, but they systematically do not come or, when they come, they misrepresent it - we always become the culprits in the story. Lately, we will sometimes draw up a press release and send it to the alternative media, for popular communication. We no longer send things to the mainstream media, because it's difficult to repair the junk they say, since they don't let us respond.

The Brazilian press criminalizes every collective political action and every initiative challenging the absence of rights. When the Brazilian press cannot ignore it, they create a campaign to make it a crime and we end up in jail. The Brazilian press is the enemy of any citizens' movement. Unless it is a movement for the right to kill, to reduce the defense of infancy. The press does not criminalize movements for casualties, but this is because they serve the capitalist system, which is exclusionary and genocidal. The press serves the system itself: they are monopolies granted by the governments and the governments are in the hands of the mainstream national press. To avoid falling, the government supports the media and allows it to criminalize anything that is ideologically democratic, advertising an exclusionary hegemony of the capital system.

STUDIO-X What are your expectations for the future?

MNLM-RJ Here in Rio, the MNLM expects that the thirst for justice and transformation will not be stifled by casuistry, partisanship and electioneering. That the working class movement continues creating and recreating tools and organizations, not losing the paradigms. When the movement loses the paradigm, that the class promotes other movements that swallow those who surrender. It's a fight even against ourselves: when a socialist party stops being socialist, the space must be occupied by others from the working class; the same is true for a popular movement. The essence of the popular movement is fighting for another society. It is the capital itself that dictates the urgency and need to have collective subjects fighting for justice. And the capital does not cease their aggression. The existence of a communist socialist utopia is dictated by the capital's own aggression. While there are those who kill, there will be those who do not surrender, there will be those who react.

M-RJ

for the construction of housing, but a movement to fight for the city, for urban reform. Thus, in July of 1990, in Goiânia, with activists from various parts of the country, we faced the first challenge: to fight for urban reform and not for housing.

STUDIO-X What are the main objectives?

MNLM-RJ The MNLM's main mission is to consolidate and advance the struggle for urban reform, which consists primarily of the issue of decommodification of the earth, so that it is democratized. We do not fight for ownership, but for the real right of use. The purpose of our work is for people to have decent housing. This is the struggle; not selling a house, placing it on the market and speculating. Our children are young, however, if their parents die, they will continue the struggle. Thus, we fight for the concession of right of use in order to ensure housing.

Secondly, we fight for the improvement of basic services required for the development of urban life, so that cities are more democratic and sustainable. We fight for the issues of work, mobility and housing quality.

STUDIO-X What is the movement's strategy for action?

MNLM-RJ We mobilize within the communities, with the Movement discussing their operations and their political way of working. Thus, you end up knowing people in each place. One

is for urban centers because that is where there is the most access to the formal job market.

STUDIO-X What are the movement's internal and external communication strategies?

MNLM-RJ These days, communication is really simple. With Whatsapp, there are groups all over the place: a coordinators group, an activists group, a communication group, a training group, everyone has a group. We use all of these modern communication tools: Whatsapp, Facebook, email. However, ten years ago it was very difficult, because many of us didn't even have a telephone.

STUDIO-X What were the movement's main public demonstrations?

MNLM-RJ Nationally, we held some marches for urban reform in conjunction with three other national movements, through the National Urban Reform Forum. During International Fight for the Habitat weeks, we always implement fights that are more articulated nationally. In addition, of course, are the ordinary squat demonstrations for guaranteeing non-eviction.

STUDIO-X What are the battle cries during the demonstrations?

MNLM-RJ "Housing is not a Commodity, "United People are Strong People", "Urban Reform now", "Social Function is not Capital Subservience", "Occupy, Resist to Live".

ENTREVISTA COM GUILHERME BOULOS COORDENADOR NACIONAL DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM-TETO

28 de janeiro de 2016

STUDIO-X Como e quando o Movimento foi fundado?

MTST O MTST foi fundado em 1997, na região de Campinas São Paulo (SP), a partir de uma iniciativa de militantes do Movimento dos Sem Terra (MST). O MST estava construindo a Marcha Nacional para a Reforma Agrária, e avaliou que seria interessante estimular um braço urbano, um movimento nas cidades com características próximas as do MST.

A primeira grande ocupação foi a Parque Oziel, hoje um dos maiores bairros da cidade de Campinas. O nome é uma homenagem a Oziel Alves Pereira, um garoto assassinado no Massacre de Eldorado dos Carajás. A partir dessa primeira ocupação, o Movimento foi crescendo e se nacionalizando.

STUDIO-X Ele já surge independente do MST?

MTST Não, em um primeiro momento, o MTST surge como um movimento muito ligado ao MST. Depois, pouco a pouco, vai ganhando sua autonomia, construindo suas próprias linhas, tendo sua própria militância, até porque as características da luta rural e da luta urbana são muito diferentes. O MTST teve que se reinventar, construir suas metodologias, sua forma de atuação, estabelecer sua própria estratégia. Hoje, há uma relação de parceria com o Movimento Sem-Terra, mas são movimentos bem diferentes.

STUDIO-X Nesse período de fundação, o MTST já nasce com Estatuto Legal?

MTST O MTST não tinha Estatuto Legal na sua fundação, como não tem até hoje. É uma opção para que não haja criminalização. Com nossa atuação focada em ocupações, grandes mobilizações de pressão e no enfrentamento com o poder público, se o MTST tivesse Estatuto Legal, já estaria cassado e os dirigentes estariam presos.

STUDIO-X Quais são os objetivos principais?

MTST Podemos dizer que o MTST tem três níveis de objetivos. O objetivo mais imediato é a luta por moradia digna: motivo pelo qual milhares de pessoas procuram o MTST e montam seus barracos em ocupações. Tem a ver com o grave problema habitacional do país: um déficit extenso e crescente por conta do aumento da especulação imobiliária e, com a crise atual, a tendência é de crescimento e uma maior pauperização dos trabalhadores. O segundo objetivo é a luta pelo direito à cidade. A luta por reforma urbana. Podemos dizer que a luta por moradia é incapaz de ser realizada isoladamente. Um exemplo bem emblemático é o Minha Casa Minha Vida (MCMV). O programa surge em 2009 e produziu mais de 2 milhões de casas até hoje. Em 2008, o déficit habitacional do país era de 5 milhões e 300 mil famílias. Por sua vez, em 2012 (último dado disponível pelo IBGE), o déficit habitacional do país é de 5 milhões e 800 mil famílias. Ou seja, o déficit aumentou mesmo depois do MCMV ter produzido, até então, mais de 1 milhão de casas. Logo, lutar apenas por moradia, sem confrontar a lógica urbana, não resolve o problema da habitação. O ritmo de especulação imobiliária, de expulsão, de segregação e de aumento dos aluguéis transformou o problema da moradia cada vez mais parte do tecido urbano. Se não enfrentar esta lógica de cidade do capital, você não resolve

o problema da moradia. As cidades tornaram-se uma máquina de criar sem-tetos. O terceiro aspecto que valorizamos é o poder popular. O objetivo do MTST é uma luta mais ampla, que passa por formas de organização de base. Entende-se que o processo de ocupação não é apenas de estabelecimento de um local de reunião de pessoas lutando por casa, mas é um espaço para a vida comunitária e criação de vínculos de solidariedade, onde se constroem formas coletivas de poder e enfrenta-se uma lógica de sociedade de privilégios, individualista, consumista, de negação de direitos para a maioria. Em suma, a ocupação é um espaço de politização. O Brasil é um dos países com maior nível de concentração de renda no mundo: o 1% tem mais dinheiro que os 99% restantes. Então, não é possível que um movimento social popular travar uma luta apenas corporativa, nós entendemos que a sociedade precisa ser transformada como um todo. Nosso papel é construir novas formas de poder popular. A transformação da sociedade brasileira ocorrerá com base na mobilização social.

STUDIO-X Quais são as estratégias de ação do movimento?

MTST A principal forma de luta do MTST é a ocupação da terra. Pegar terrenos ociosos - principalmente terrenos, a ocupação de edifícios é em menor quantidade - utilizados para a especulação imobiliária, e atribuir uma função social a esses terrenos. Ou seja, fazer a disputa pelo território. É importante dizer que, embora seja criminalizada com muita frequência, a luta de ocupação de terra responde a um princípio constitucional.

Na Constituição Federal, a propriedade não é um direito absoluto, há o dever da função social da propriedade, a qual foi regulamentada por lei federal: o Estatuto das Cidades. Isso simplesmente não é cumprido. A professora Ermínia Maricato costuma dizer que no Brasil há leis que "pegam" e que "não pegam". Em geral, as leis que enfrentam interesses poderosos "não pegam": o Estatuto das Cidades foi uma lei que "não pegou" no que se refere à função social. Então, o movimento busca fazer, pela pressão e pela mobilização, o que deveria ter sido feito porque está garantido na lei. A ocupação de terra tem esse papel: o movimento foca em terrenos com dívidas tributárias com poder público, ociosos há muito tempo, em zonas de especulação e de valorização.

Esta é uma forma de ação que é um enfrentamento direto do MTST com o setor imobiliário, com as grandes construtoras.

O Movimento também faz uma linha de enfrentamento com o poder público, que está expresso nas nossas marchas, mobilizações, em prédios públicos, tendo como alvo o governo federal, estadual, municipais, a fim de assegurar políticas públicas de moradia e garantir investimentos. Afinal, partimos do pressuposto de que a moradia é um direito e deve ser tratada como um direito, não como uma mercadoria. Se o Estado não faz a regulação, prevalece a lógica do mercado, da moradia como mercadoria: quem é sujeito a crédito, leva, quem não é, está fora. O problema é que 70% das pessoas que compõem o déficit habitacional brasileiro não são sujeitos a crédito, porque ganham menos de três salários mínimos. Logo, se não houver subsídio, se

não houver política pública habitacional, não se assegura a moradia popular no Brasil. Outra linha de enfrentamento é composta por ações que causam impacto, por exemplo, bloqueios e travamentos de grandes avenidas e grandes rodovias, pois são ações que afetam a circulação nas cidades, afetando o funcionamento normal do sistema e, portanto, podem trazer resultados mais efetivos. No dia 18 de março de 2015, nós fizemos o travamento simultâneo de 35 rodovias e avenidas no país: isso cria um impacto e força o governo a vir para a mesa.

STUDIO-X Qual é o perfil dos moradores das ocupações?

MTST Há uma mistificação de que sem-tetos são moradores de rua. O déficit habitacional é de 5 milhões e 800 mil famílias no Brasil. Por volta de 95% dessas famílias não estão em situação de rua. São pessoas que pagam aluguel sem ter condições para isso (quando mais de um terço da renda total é destinada ao aluguel) ou moram em coabitação (morar de favor em casa de parentes) ou em situação de risco. São essas as pessoas que vão para as ocupações.

STUDIO-X O MTST tem concentrado esforços mais em periferias do que nos centros. Como são escolhidos os

STUDIO-X Quais são as estratégias de comunicação internas e externas do movimento?

MTST Internamente, nosso principal meio de comunicação é a boa e velha assembleia. Todas as ocupações têm assembleias, no mínimo, semanais. Nas ocupações mais recentes, as assembleias chegam a ser diárias, no período noturno, pois é necessário passar muita informação e há muitas pessoas novas chegando.

Nas assembleias, passam-se os informes dos processos de negociação, encaminham-se as lutas a serem efetivadas, e discutem-se questões internas, como mutirão de limpeza, organização da cozinha coletiva, cadastro. Como a opção do MTST geralmente é ocupar terrenos grandes, é inviável que sempre as assembleias tenham 2000 ou 5000 pessoas. É preciso ter espaços menores. Logo, a gente divide a ocupação em grupos de famílias, de 200 a 500 famílias cada um. Estes se reúnem semanalmente para discutir os problemas mais cotidianos. Cada grupo eleger seus coordenadores (em média, quatro ou cinco), e estes vão compor a coordenação geral da ocupação, a qual se reúne pelo menos duas vezes por semana para repassar as questões dos grupos e discutir os problemas gerais. O movimento também produz jornal e vídeos



lugares a serem ocupados?

MTST Consideramos fundamental a luta de ocupações nos prédios das regiões centrais, porque está em jogo a recuperação do centro como espaço de moradia para os pobres, enfrentando uma segregação urbana brutal. Mas há um limite nessas lutas. Uma ocupação no centro fica isolada, é um peixe fora d'água. Há nela cinquenta ou cem famílias circundadas em um ambiente absolutamente hostil. Então, uma ocupação no centro é um espaço de resistência, mas não tem tanta capacidade de diálogo e não irradia para o entorno. Por sua vez, a ocupação na periferia é um peixe n'água. A periferia é, praticamente, feita de ocupações. O avô ocupou, o pai ocupou, o filho ocupou, o outro construiu um cômodo em cima e, assim, formaram-se os bairros periféricos no Brasil. A ocupação integra-se no território e permite uma irradiação das lutas. Por exemplo, a Ocupação Vila Nova Palestina, maior ocupação do município de São Paulo e uma das maiores do Brasil com cerca de 4000 pessoas, irradiou o processo de luta com os bairros vizinhos na zona sul paulistana, conseguindo reunir mais de cinquenta lideranças de comunidades da região. Isso permite uma ampliação na rede de referências para além da moradia. Amplia a luta para o transporte (como pela duplicação da estrada do M'Boi Mirim, um problema grave do local), para a saúde, por creche.

para orientações internas. Feitos pelo setor de comunicação e projetados nas ocupações, tais vídeos apresentam questões de conjuntura, de política, da situação, das lutas.

A comunicação externa do movimento é feita através das redes sociais: página de Facebook, o site do movimento (em reformulação neste momento), e de espaços que o MTST obtém na imprensa, seja esta de esquerda, seja mídia corporativa.

STUDIO-X Quais foram as principais manifestações públicas do movimento?

MTST Muito expressiva foi a Ocupação João Cândido, em 2007, que chegou a ter 3500 famílias e deu origem ao condomínio João Cândido, uma experiência modelo do Minha Casa Minha Vida Entidades - o maior apartamento do MCMV no Brasil com 63m².

Com 4000 famílias, a ocupação Vila Nova Palestina, em 2013, teve um processo de luta intenso, desempenhando um papel decisivo na aprovação do novo Plano Diretor de São Paulo.

A Ocupação Copa do Povo, em 2014, feita durante a Copa do Mundo, teve cerca de 3000 famílias e uma grande visibilidade internacional. O MTST conseguiu que a Caixa comprasse o terreno para o MCMV Entidades, desocupamos o terreno e estamos no processo de aprovação do projeto para iniciar a obra.

STUDIO-X Quais são os gritos de guerra nas manifestações?

MTST O grito mais frequente é “MTST, a luta é para valer”. Outro é “Criar, criar, poder popular”, que tomamos de empréstimo da resistência popular chilena, os Cordones, da época de Salvador Allende. Tem um grito que se popularizou recentemente que é “Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga, não ataca o formigueiro”, o qual tem a ver com força coletiva do movimento. Outro mais recente tem a ver com a iniciativa política impulsionada pelo MTST que é a Frente Povo Sem Medo, a qual reúne vários setores da esquerda brasileira na tentativa de construir uma unidade por mudanças estruturais, enfrentando o avanço conservador no país e a política adotada pelo governo: “Aqui está o povo sem medo de lutar”.

STUDIO-X Quais são as grandes conquistas?

MTST Quando homologado o Estatuto das Cidades, o MTST ainda era muito novo e tinha menos solidez de mobilização. Mais recentemente foi uma conquista coletiva as intervenções em Planos Diretores por todo o país, mas, em especial, no Plano Diretor de São Paulo, de 2014, no qual o Movimento fez

ção com os governos não deve ser de troca por favores. Antes de ligar para o prefeito, nós vamos colocar dez mil pessoas na frente da prefeitura. A relação deve ser pautada por uma força social do movimento, por uma força de mobilização. Isso não quer dizer que o movimento não negocia: há momento certo para isso. Nós costumamos dizer que tem duas formas de negociar: de pé ou ajoelhado. Não é rejeitar negociação, é escolher uma forma em que tenha condições reais de negociar e não só de ouvir o que o governo quer fazer.

Nesse sentido, as relações com o conjunto de governos não têm nenhuma diferença essencial para o Movimento. Há diferenças de matizes: há governos mais repressivos, há governos que tratam o tema com diálogo, há governos com maior disposição de atender as reivindicações do movimento e há governos com menos. Porém, a gente tem dito que somente diálogo não resolve. O Governo Federal nos chamou para dialogar em vários momentos, mas faz um ajuste fiscal e corta o dinheiro da moradia. Não adiantou de nada, então só ter diálogo sem ter gesto concreto de ampliação de políticas públicas, não resolve o nosso problema.

STUDIO-X Como vocês analisam o programa Minha Casa Minha Vida?

MTST É importante dizer que o Minha Casa Minha Vida é um programa que não foi feito para resolver o problema de habitação do país. O MCMV foi feito para resolver o problema de liquidez das grandes construtoras depois da crise de 2008, por isso é um programa cheio de

vícios. No mesmo ano de 2009, tinha-se elaborado o Plano Nacional de Habitação, coordenado pelo Nabil Bonduki, a partir do diálogo com vários movimentos e setores da sociedade. O Plano Nacional de Habitação ficou guardado na gaveta e se articulou, através do setor de construção com a Casa Civil na época em que Dilma era a ministra, um programa de aquecimento da construção civil e de produção de moradia. No MCMV, o protagonismo é das construtoras, ou seja, o programa está pautado pela lógica do lucro, o que gera problemas de qualidade, de localização dos empreendimentos, e muitos limites do ponto de vista habitacional.

No entanto, o Minha Casa Minha Vida tem brechas. Uma delas é o subsídio, que é uma reivindicação histórica dos movimentos populares: não se resolve o problema da moradia com crédito bancário, se resolve com subsídio. Outro ponto é o volume total de recursos envolvidos: não houve na história do país um programa com tal montante de dinheiro investido na habitação. A terceira brecha, a mais importante para nós, é o MCMV Entidades: embora seja uma gota no oceano (1,5% de todos os empreendimentos feitos

pelo programa), é onde a gestão direta dá, aos movimentos, condições de desenvolver um projeto diferenciado, com participação associada à luta e à organização coletiva.

STUDIO-X Vocês organizaram dois empreendimentos do Minha Casa Minha Vida Entidades, como é que isso se dá legalmente já que o Movimento não tem o Estatuto Legal?

MTST O Movimento não tem estatuto, mas cria associações/entidades habilitadas para exercer esses projetos. Elas não são o MTST, mas atuam junto com Movimento. Essas associações são uma figura jurídica para poder fazer o projeto.

STUDIO-X Essas associações são pontuais a cada projeto?

MTST Não, nós estamos trabalhando com uma em nível nacional: Associação Novo Milênio.

STUDIO-X Como é a relação de vocês com outros movimentos sociais?

MTST O MTST busca manter uma relação de parceria com o conjunto dos movimentos que fazem a luta por moradia. Porém, o MTST surgiu, no final da década de 90, como resposta à institucionalização excessiva de

movimentos que surgiram nos anos 80, que são, de modo geral, atrelados ao PT. As lideranças desses movimentos são ou foram candidatos ou dirigentes partidários. Da mesma forma que o PT passou por um processo de perda do seu caráter combativo de base social para se tornar uma ferramenta institucional e eleitoral, esses movimentos também passaram por esse processo. Parte deles tornaram-se currais eleitorais e transformaram as ocupações nisso. Durante o governo Lula, passaram a focar em conselhos e “carguinhos” estatais, e isso evidentemente despontencializa a condição de luta,

de enfrentamento e de base social desses movimentos. Esta é uma leitura que fazemos, mas isso não impede que a gente mantenha, sempre que possível, uma relação de ação conjunta.

STUDIO-X Como vocês analisam o trabalho da imprensa brasileira perante o que ocorre nos movimentos?

MTST A mídia corporativa no Brasil constrói um discurso síncrono não apenas em relação às ocupações. O quadro geral do monopólio midiático no Brasil é desastroso: um monopólio da voz social que está posto em seis ou sete famílias de grandes empresários, que se utilizam de concessões públicas para fazer seus negócios, para chantagear o poder público de acordo com seus interesses, e para difundir uma ideologia altamente conservadora na sociedade. Os movimentos sociais entram nesse pacote com a mídia criminalizando as ocupações e as lutas sociais. Por vezes, pior que a criminalização é a desmoralização: o ataque rasteiro de dizer que ocupação é de bandido, de quem rouba dinheiro do povo. Mais eficaz do que prender, é desmoralizar lideranças e desmoralizar movimentos, isso tem acontecido com muita frequência pela mídia brasileira.

Um caso emblemático foi a Ocupação Santo Dias, no terreno da Volkswagen em São Bernardo do Campo, em 2003, ano que o Lula tinha assumido a presidência. Em frente a essa

enorme ocupação tinha um posto de gasolina, onde um assaltante trocou tiros com um segurança do estabelecimento, tendo um deles atingido o fotógrafo La Costa da revista Época, que acabou morrendo em frente à ocupação. Foi um fato que ocorreu do lado de fora da ocupação, mas gerou uma onda de criminalização brutal em torno do MTST, inclusive com tentativas de prisão.

Em um caso mais recente, a revista Veja foi na Ocupação Vila Nova Palestina e colheu uma falsa entrevista de alguém dizendo que eu [Guilherme Boulos] obrigo as pessoas a estarem lá, inventou uma narrativa e montou uma matéria.

A Folha de São Paulo publicou uma matéria em 2014, no Portal do Povo, outra ocupação do MTST, dizendo que era uma ocupação fantasma, sem explicar qual era a metodologia do movimento: nós não estimulamos as pessoas a morarem a maior parte do tempo nas ocupações; em geral, nossas ocupações são ocupações de pressão, acampamentos provisórios; não buscamos a consolidação naquele terreno porque hoje, em São Paulo, o despejo é certo, a dúvida é o prazo em que será despejado. Os repórteres foram lá durante o dia, horário que as pessoas estão trabalhando, e tiraram fotos para dizer que era uma ocupação fantasma. Esses são alguns exemplos de tratamento midiático parcial e com tentativas de criminalização e desmoralização do movimento.

STUDIO-X Quais são as expectativas para o futuro?

MTST O quadro de 2016 e 2017 no Brasil é devastador. O país nunca teve dois anos seguidos de recessão. E são dois anos seguidos de recessão brutal. Sendo que caminhamos para um possível um terceiro ano [2017] na mesma situação. O desemprego começa a aumentar consideravelmente, a massa salarial caiu cerca de 10%, nós caminhamos para um quadro de convulsão social no Brasil. Então, nós avaliamos que se 2015 foi marcado pela crise política, 2016 será marcado pela crise social.

Haverá um aumento da polarização no nível de enfrentamento, não na Avenida Paulista, mas na quebrada, na periferia. Entrarão atores que não estavam muito na cena por conta do aprofundamento da crise econômica do país. Isso vai pegar diretamente no tema da moradia, porque o aluguel significa parte importante da renda familiar atual. Se aumenta o desemprego e diminui a renda do trabalhador, o problema do aluguel vai se tornar ainda mais explosivo do que nos últimos anos, mesmo que a inflação de aluguel esteja menos acelerada do que no período de crescimento. Será um período de grandes ocupações. O MTST está se preparando para fazer um processo de enfrentamento, para canalizar essa insatisfação popular em luta organizada. Afinal, se a insatisfação não se organiza, ela pode ir para qualquer lado, inclusive o lado da direita. Períodos de crise criam a possibilidade de revoltas populares, de enfrentamentos, de mudanças estruturais, mas historicamente também criaram oportunidades para fascismo, para retrocessos. São períodos onde as coisas estão muito abertas, indefinidas. Se não tiverem movimentos populares fortes, com condição de canalizar essa indignação popular para caminhos mais progressistas e transformadores, isso pode servir de bandeja ao retrocesso.

Esse é o desafio central no próximo período. Vamos fazer isso através das nossas ocupações e impulsionando espaços mais amplos, lutando por moradia, mas o trabalho também será um problema, os serviços públicos estão entrando em colapso pela diminuição de investimento. Temos feito isso através da Frente Povo Sem Medo.

ST

uma mobilização intensa - mais de vinte manifestações na Câmara, acampamos nela por dez dias para marcar posição em votações. Assim, conseguimos dobrar o número de Zeis no município, incluímos uma série de mecanismos criam dificuldades para especulação imobiliária, e aumentamos recursos para o Fundo de Desenvolvimento Urbano (Fundurb), que aumenta a outorga onerosa. Em 2015, conquistaram-se algumas mudanças normativas no programa Minha Casa Minha Vida Entidades. Encampada pelo MTST ao longo do ano passado com uma série de mobilizações em São Paulo, em Brasília e em onze estados que tem a presença do Movimento, a batalha pelo MCMV 3 resultou não em uma vitória completa, mas na incorporação de pontos importantes defendidos por nós.

STUDIO-X De modo geral, como é a relação de vocês com as diferentes esferas governamentais?

MTST O MTST preza por manter uma autonomia em relação a todos os governos. Dialogamos com qualquer governo, independente do partido. É um diálogo pautado pelo não atrelamento, o que significa não aceitar e nem indicar ninguém para cargos no governo, nem mesmo na participação em Conselhos das Cidades e em Conselhos de Habitação. Esses espaços funcionam mais para cooptação de movimentos populares do que como espaço de decisão e de real participação na política pública. Essa autonomia significa que a rela-

INTERVIEW WITH GUILHERME BOULOS, NATIONAL COORDINATOR OF THE ROOFLESS WORKERS' MOVEMENT

28 de janeiro de 2016

STUDIO-X How and when was the Movement founded?

MTST The MTST was founded in 1997, in the Campinas São Paulo (SP) region, through an initiative of the Landless Workers' Movement (MST) activists. The MST was organizing the National March for Agrarian Reform, and decided that it would be interesting to promote an urban branch, a movement with characteristics similar to that of the MST in the cities. The first major squat was Parque Oziel, currently one of the largest neighborhoods in the city of Campinas.

The name is a tribute to Oziel Alves Pereira, a boy who was murdered in the Eldorado dos Carajás Massacre. After the first squat, the Movement continued growing and nationalizing.

STUDIO-X Is it already independent of the MST?

MTST No, initially the MTST appeared to be a space very connected to the MST. Later, little by little, it gained autonomy, building its own lines, with its own activists, because the characteristics of the rural struggle and urban struggle are very different. The MTST had to reinvent itself, constructing its methodologies and form of action, and establishing its own strategy. Today, it has a partnership with the Landless Workers' Movement, but they are very different movements.

STUDIO-X During this period of establishment, was the MTST already established with Legal Status?

MTST The MTST did not have Legal Status at that time, nor does it have it today. It's an option to avoid criminalization. With our form of action focused on squats, large high-pressure mobilizations and confronting the government, if the MTST had Legal Status, it would already be revoked and leaders would be arrested.

STUDIO-X What are the main objectives?

MTST One could say that the MTST has three levels of objectives. The most immediate objective is the struggle for decent housing: why thousands of people seek out the MTST and build their shacks in squats. This has to do with the country's serious housing problem: an extensive and growing housing deficit due to the increase in real estate speculation and, with the current crisis, the trend suggests even greater growth due to the impoverishment of workers.

The second objective is the struggle for the right to the city. The struggle for urban reform. We are certain that the struggle for housing cannot be undertaken alone. A symbolic example of this is the Minha Casa Minha Vida (MCMV) [My House My Life] program. The program arose in 2009 and has produced more than 2 million houses to date. In 2008, the country's housing deficit was 5 million and 300 thousand families. In turn, in 2012 - based on the latest data provided by the IBGE -, the country's housing deficit is 5 million and 800 thousand families. In other words, the deficit increased even after the MCMV had produced, by then, more than 1 million houses. So, fighting solely for housing, without confronting the urban logic, does not resolve the housing problem. The pace of real estate speculation, eviction, segregation

and the rise in rent made the housing problem even more a part of the urban fabric. If you don't face the capital city's logic, you don't fix the housing problem. The cities became machines for creating homelessness. Therefore, to address the struggle for housing accordingly, there needed to be a struggle for urban reform and the right to the city.

The third aspect that we value is the people's power. The MTST's objective is a broader struggle, which involves grassroots organizations. It is understood that the squatting process is not only the establishment of a meeting place for people fighting for housing, but a space for community life and the creation of bonds of solidarity, where collective forms of power are built, faced with a societal logic of privilege, individualism, consumerism, and denial of rights for the majority. In short, the squat is a politicized space. Brazil is one of the countries with the highest level of income concentration in the world: the 1% has more money than the remaining 99%. Thus, it is not possible for a popular social movement to wage a merely corporate struggle, as we understand that society must be transformed as a whole. Our role is to build new forms of people's power. The transformation of Brazilian society will be based on social mobilization.

STUDIO-X What are the movement's strategies for action?

MTST The MTST's primary way of fighting is by squatting. Taking idle land - mostly plots, and squatting in buildings to a lesser extent - used for real estate speculation, and assigning a social function to these plots. In other words, causing a dispute over the territory. It is important to mention that, while it is often criminalized, the struggle for squatting responds to a constitutional principle.

In the Federal Constitution, the right to property is not absolute, and the property must have a social function, which was governed by federal law: the City Statute. This is simply not fulfilled. Professor Ermínia Maricato says that in Brazil there are laws that "catch" and laws that "don't catch". In general, the laws that confront powerful interests "don't catch": The City Statute was a law that "didn't catch" with regard to the social function. Thus, through pressure and mobilization, the Movement seeks to do what should have been done because it is guaranteed under the law.

Squatting on land has this role: the movement focuses on plots with government tax debts, which has been idle for a long time, in areas of speculation or appreciation.

This is the MTST's form of directly confronting the real estate sector and large construction companies.

The Movement also confronts the government, which is expressed in our marches and mobilizations in public buildings, targeting the federal, state and municipal governments, in order to ensure public policies on housing and to secure investments. Finally, we assume that housing is a right and should be treated as a right, not as a commodity. If the State does not regulate housing as a commodity, the market logic will prevail: those eligible for credit, get it, those who aren't, are out. The problem is that 70% of people who make up the Brazilian housing deficit are not eligible for credit, because they earn less than three minimum wages. So, if there is no subsidy, if

there is no public policy on housing, popular housing in Brazil is not guaranteed.

The other form of confrontation is composed of impactful actions, for example, blocking large roads and major highways, since these actions affect circulation in cities, affecting the system's normal operations and, therefore, possibly bringing more effective results. On March 18, 2015, we simultaneously blocked 35 highways and roads within the country: this creates an impact and forces the government to come to the table.

STUDIO-X What is the profile of the squats' residents?

MTST There is a misconception that squatters are roofless people. The housing deficit is 5 million and 800 thousand families in Brazil. I don't know the exact percentage, but more than 95% of these families are not living on the street. They are people who pay rent without being able to do so (when more than a third of their total income goes toward rent) or who cohabitate (living with relatives) or who are at risk. These are the people who go to the squats.



STUDIO-X Has the MTST focused more efforts on the periphery than city centers? How do you choose the places to be occupied?

MTST We consider it essential that the fight through squats take place in buildings in central regions, because recovery of the city center as a housing space for the poor is at stake, as we face brutal urban segregation. But, there is a limit to these struggles. A squat in the city center is isolated, it's a fish out of water. The fifty or one hundred families are surrounded by an absolutely hostile environment. Thus, a squat in the city center is a space for resistance, but there is not much capacity for dialogue and it does not radiate to the surroundings.

On the other hand, squats on the periphery are "fish in water". The periphery is, basically, made up of squats. The grandfather occupied, the father occupied, the son occupied, and another built a room on top and, thus, the peripheral neighborhoods of Brazil were formed. Squatting is part of the territory and enables irradiation of the struggle. For example, the Vila Nova Palestina Squat, which is the largest squat in the city of São Paulo and one of the largest in Brazil with nearly 4,000 people to date, irradiated the process to neighboring districts in São Paulo's south side, bringing together more than fifty leaders from the region's communities. This enabled an extension of the network of references, beyond housing. It extends the struggle to transportation (such as doubling

the M'Boi Mirim road, a serious local problem), health and childcare.

STUDIO-X What are the movement's internal and external communication strategies?

MTST Internally, our primary means of communication is the good old meeting. All squats hold meetings at least, weekly meetings. In the newer squats, the meetings are held daily, at night, since there is a lot of information to be relayed and many new people arriving. At the meetings, they address reports on negotiation processes, fights to be implemented and internal matters, such as a cleaning task force, a collective kitchen organization and registration.

As the MTST usually has the option of occupying large plots, it is impossible to always have meetings of 2,000 or 5,000 people. It must have smaller spaces. So, the people divide the squats into family groups of 200 or 500 families each. These groups meet weekly to discuss everyday problems. Each group elects their coordinators (on average, four or five), and they make up the squat's general

coordination, which meets at least two times a week to relay the group's issues and discuss general problems.

The movement also produces a newspaper and videos for internal guidance. Made by the communication sector and projected in the squats, these videos address issues related to the crisis, the policies, the status and the struggles.

The movement's external communication takes place through social networks: Facebook page, the movement's website (currently under renovation), and spaces that MTST obtains in the press, whether left wing or corporate media.

STUDIO-X What were the movement's main public demonstrations?

MTST The 2007 João Cândido Squat was very significant, reaching 3,500 families and resulting in the João Cândido condominium, a model experience of the Minha Casa Minha Vida Entidades program - the largest MCMV apartment in Brazil, at 63m².

With 4,000 families, the Vila Nova Palestina Squat, in 2013, was an intense struggle, playing a decisive role in the approval of the new Master Plan of São Paulo.

The Copa do Povo Squat, in 2014, which took place during the World Cup, had nearly 3,000 families and significant international exposure. The MTST managed to get Caixa to purchase the plot for MCMV Entidades, so we vacated the plot and we are in the process of

obtaining approval for the project in order to begin work.

STUDIO-X What are the battle cries during the demonstrations?

MTST The most frequent chant is “MTST, the fight is real”. Another is “Create, create, people’s power”, which we borrowed from the popular Chilean resistance, the Cordones, during the time of Salvador Allende. There is a chant that has recently become popular, which is “Tread lightly, tread lightly, if you can’t handle the ant, don’t stir the anthill”, which has to do with the collective strength of the movement. Another more recent chant has to do with the political initiative of the MTST, the Frente Povo Sem Medo (People Without Fear Front), which brings together several sectors of left-wing Brazil in an attempt to build a unit for structural changes, facing conservative advancement in the country and the policy adopted by the government: “Here are the people not afraid to fight”.

STUDIO-X What are the main achievements? Any changes in laws

or public policies?

cial, regardless of the party. It is a dialogue guided by no linkage, which means not accepting or indicating anyone for government positions, not even participation in City Councils and Housing Councils. These spaces are more for co-opting popular movements than for decision-making and real participation in public policy. This autonomy means that relationships with the government should not be exchanged for favors. Before calling the mayor, we are going to put ten thousand people in front of City Hall. The relationship should be guided by the movement’s social force, by the force of mobilization. This does not mean that the movement does not negotiate: there is a right time for this. We often say that there are two ways to negotiate: standing or kneeling. It’s not about rejecting negotiation, it’s about choosing a method with actual conditions for negotiating and not just hearing what the government wants to do.

In this sense, relationships with all levels of the government make no essential difference to the Movement. There are varying shades of differences: there are more representative governments, there are governments

However, the Minha Casa Minha Vida program has gaps. One of these is the subsidy, which is a historical claim of popular movements: the housing problem is not resolved with a bank credit, it is resolved with a subsidy. Another point is the total volume of funds involved: in the history of the country, there has not been a program with this amount of money invested in housing. The third gap, which is the most important for us, is the MCMV Entidades: although it’s a drop in the ocean (1.5% of all projects are through the program), it is where direct management makes the movements capable of developing a differentiated project, and where participation is associated with the struggle and collective organization.

STUDIO-X You organized two Minha Casa Minha Vida Entidades projects. How is this legal, since the Movement doesn’t have Legal Status?

MTST The movement doesn’t have legal status, but it creates associations/entities authorized to implement these projects. They are not part of the MTST, but they operate together with the Movement. These associations are legal figures in order to be able to do the project.

STUDIO-X Are these associations specific to each project?

MTST No, we are working with one at a national level: Novo Milênio [New Millennium] Association.

STUDIO-X How is your relationship with other social movements?

MTST The MTST seeks to maintain a partnership with all movements that are fighting for housing. However, the MTST arose, during the late 1990s, as a response to the excessive institutionalization of movements that emerged in the 1980s, which are generally linked to the Workers’ Party (PT). The leaders of these movements are or were party candidates or leaders. Just as the PT underwent a process of losing its combative, socially-based nature in order to become an institutional and electoral tool, these movements also underwent this process. Some of them became “electoral corrals” and they transformed the squats into this. During the Lula government, they became state councils and “minor posts”, and this clearly weakened the ability to fight and confront, and the social basis of these movements. This is our interpretation, but it doesn’t prevent us from maintaining, whenever possible, a relationship based on joint action.

STUDIO-X Do you analyze the Brazilian press’ coverage of what is occurring in the movements?

MTST Brazil’s corporate media develops cynical discourse not only with regard to the squats. The general framework of Brazil’s media monopoly is disastrous: a monopolized social voice that consists of six or seven families of large entrepreneurs, who use public concessions to conduct their businesses, to blackmail the government according to their interests, and in order to disseminate a highly conservative ideology in society. The social movements enter this scenario with the media criminalizing squats and social struggles. Sometimes, worse than criminalization is the demoralization: the sneaky attack of saying that squatting is for thugs, who steal money from the people. More effective than impi-

sonment, is demoralizing leaders and demoralizing movements. This has occurred all too often in the Brazilian media.

A symbolic case was the Santo Dias Squat, on Volkswagen’s land in São Bernardo do Campo, in 2003, the year in which Lula had assumed presidency. Across the street from this enormous squat was a gas station, where an assailant exchanged shots with a security guard at the location, one of which hit the Época magazine photographer La Costa, who ended up dying in front of the squat. This event occurred outside of the squat, but it generated a wave of brutal criminalization around the MTST, including attempted arrests.

In a more recent case, Veja magazine was at the Vila Nova Palestina Squat and got a fake interview from someone saying that I [Guilherme Boulos] force people to be there. They invented a narrative and put together a story. The Folha de São Paulo newspaper published a story in 2014, on Portal do Povo, another MTST squat, saying that it was a phantom squat, without explaining the movement’s methodology: we do not encourage people to live in squats for a long time; in general, our squats are pressure squats, temporary camps; we do not seek consolidation on that plot because currently, in São Paulo, eviction is a certainty and the only question is when it will happen. The reporters went there during the day, when people are working, and took photos to say that it was a phantom squat. These are some examples of unfair media treatment and attempts at criminalization and demoralization of the movement.

STUDIO-X What are your expectations for the future?

MTST The 2016 and 2017 framework in Brazil is devastating. The country has never had two consecutive years of recession. And they are two consecutive years of brutal recession. Now we move toward a possible third year [2017] in the same situation. Unemployment has begun to increase considerably, payroll has fallen nearly 10%, and we are heading toward social upheaval in Brazil. Thus, we predict that if 2015 was marked by political crisis, 2016 will be marked by social crisis.

There will be an increase in polarization, in terms of confrontation, not downtown on Avenida Paulista, but in the ghetto, the periphery. Actors who were not really in the scene will come into play due to the country’s deepening economic crisis. This will directly affect the issue of housing, because rent is an important part of the current household income. If unemployment increases and workers’ wages decrease, the rent problem will become even more explosive than in previous years, even though rental inflation is less rapid than during the growth period.

There is a period of large squats. The MTST is preparing to implement a confrontation process, to channel this popular dissatisfaction into organized fighting. After all, if the dissatisfaction is not organized, it can go either way, including to the right. Periods of crisis create the possibility for popular uprisings, confrontations and structural changes, but historically they have also created opportunities for fascism and regression. They are periods in which things are very open, indefinite. If there were no strong popular movements capable of channeling this popular indignation into more progressive and transformative means of action, it could result in regression.

This is the central challenge in the coming period. We are going to do this through our squats and by fostering larger spaces to fight for housing. But, work will also be a problem, as the public services are collapsing due to decreased investments. We have done this through the People Without Fear Front.

that address issues with dialogue, there are governments that are more willing to address the movement’s claims and there are governments that are less willing. However, we have said that dialogue alone will not resolve this. The Federal Government has summoned us to engage in dialogue on several occasions, but it makes tax adjustments and cuts funding for housing. It didn’t help at all, so just having dialogue without the concrete act of expanding public policy does not fix our problem.

STUDIO-X How do you analyze the Minha Casa Minha Vida program?

MTST It is important to mention that the Minha Casa Minha Vida program was not created to resolve the country’s housing problem. The MCMV was created to resolve the liquidity problem of the large construction companies after the 2008 crisis, which is why the program is full of defects. That same year, in 2009, it had drafted the National Housing Plan, coordinated by Nabil Bonduki, based on dialogue with several movements and sectors of society. The National Housing Plan was put on the back burner and articulated, through the construction company and the Civil House at the time when Dilma was minister, a construction and housing production heating program. For the MCMV program, the protagonists are the construction companies. In other words, this program is guided by the logic of profit, which leads to problems with quality, the location of projects, and many limits from a housing point of view.

STUDIO-X In general, how is your relationship with the different levels of government?

MTST The MTST prides itself on maintaining autonomy from all levels of governments. We engage in dialogue with any government off-



OCCUPACIÓN EODIADA

**SQUATS AND
THE CELEBRATION DAY**

Ocupar é fruto de grande preparação. Da mobilização até o Dia de Festa, data em que a ocupação efetivamente ocorre, é preciso identificar os espaços desocupados, analisar o lugar jurídica e urbanisticamente, angariar apoios. Após a ocupação, os desafios aumentam: é preciso resistência para permanecer, cuidar da infraestrutura, organizar a vida conjunta. Morar em uma ocupação implica renunciar a parte da sua individualidade em favor da luta e do coletivo.

Assembleias semanais, espaços comuns, escalas de tarefas e participação constante são os pilares de ocupações como a Manuel Congo, no centro do Rio de Janeiro, e a 9 de Julho, no coração de São Paulo.

Squatting is the result of extensive planning. From mobilization to the Day

of Celebration, the date on which the squat effectively takes place, we must identify unoccupied spaces, analyze the site legally and urbanistically and gather support. After the squatting, the challenges increase: it takes resistance to remain, take care of infrastructure and organize shared life. Living in an squat entails renouncing some of your individuality in favor of the struggle and the collective. Weekly meetings, common areas, work schedules and constant participation are the pillars of squats, such as Manuel Congo, in downtown Rio de Janeiro, and 9 de Julho, in the heart of São Paulo.

ES FESTA

OCCUPAÇÃO MANUEL CONGO

MANUEL CONGO SQUAT

CINELÂNDIA-RIO

1 ACESSOS ACESS

2 RESTAURANTE E CASA DE SAMBA

Café, restaurante e centro cultural para colaborar no custeamento das despesas. Atualmente serve de depósito para o material da obra.

RESTAURANT AND SAMBA HALL

Café, restaurant and cultural center which is to be a source of income to cover expenses. It currently serves as a storage area for construction material.

3 ESPAÇO CRIARTE

Espaço para a infância e adolescência. Space for children and youth.

4 ESCRITÓRIO

Escritório do Movimento e da Associação de Apoio à Moradia.

OFFICE

Offices of the Movement and of the Housing Support Association.

5 ASSEMBLEIA

Área de assembleias para discutir a vida da comunidade e o projeto de requalificação do prédio. Auditório em construção.

ASSEMBLY

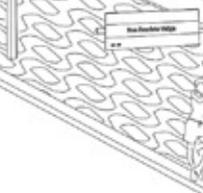
Assembly area to discuss life in the community and the building's renovation project. Auditorium under construction.

6 COZINHA TEMPORÁRIA

Cozinha temporária para os operários da construção e venda de quentinhas

TEMPORARY KITCHEN

Temporary kitchen for the construction workers and sale of hot meals.





1

2

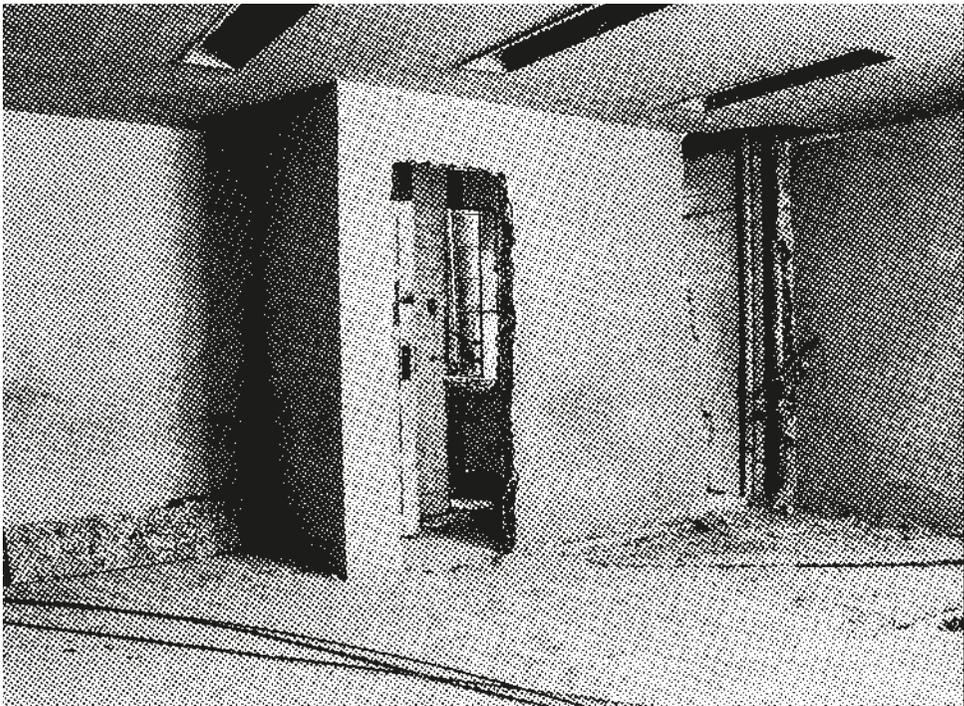
3

4

5

6

1



2007

DIA DE FESTA

Após duas semanas de peregrinação pelo Centro, com famílias reunidas sob a bandeira do MNLM ocuparam o prédio número 20 da rua Alcindo Guanabara, no dia 28 de outubro 2007. No início do mesmo mês, eles já tinham se estabelecido no antigo Cine Vitória durante uma semana. Porém, com a reintegração de posse, o grupo teve de passar por diferentes lugares no centro da cidade à procura de uma moradia até encontrarem esse prédio do INSS na Cinelândia, abandonado por quase vinte anos, onde permaneceram as 42 famílias mais necessitadas do grupo.

ORGANIZANDO A OCUPAÇÃO

Logo após a ocupação, as pessoas se reuniram em uma assembleia para estabelecer as bases da vida coletiva no edifício. O conjunto de princípios adotados teve como base a Cartilha Nacional do Movimento. Os dois primeiros andares foram reservados para áreas de uso coletivo, como a sala para assembleias, o escritório e o espaço destinado às crianças, enquanto, os andares superiores foram destinados à moradia das 42 famílias. Também foi instituída uma escala de tarefas: cada morador, maior de 18 anos, ficaria na portaria por duas horas e meia por semana, e cada andar teria mutirões de limpeza semanais. Nos dois primeiros anos, mantiveram uma cozinha coletiva, porém aos poucos cada família passou a cuidar da sua própria alimentação.

CELEBRATION DAY

After two weeks of pilgrimage around the city center, on October 28, 2007, 100 families, gathered under the banner of the MNLM, occupied building number 20 on Alcindo Guanabara Street. By the start of the same month, they had already set up at the former Cine Vitória movie theater for one week. However, with the revival of the squat, the group had to go through several spaces in the city center, seeking a place to live, until they found the INSS (National Institute for Social Security) building in the Cinelândia area, which had been abandoned for nearly twenty years, and where the 42 neediest families of the group remained.

SETTLING IN

Just after the squat, people gathered in an assembly to set the basis for collective living in the building. The set of principles adopted was based on the Movement's National Guidebook. Next was the distribution of the spaces: the first two levels were reserved for collective use, such as a room for assemblies, the office and the space reserved for children; the higher floors, in turn, were designated as living areas for the 42 families. A duty roster was also instituted: each resident over 18 would remain at the entrance 2.5 hours per week, and each floor would have weekly cleaning crews. There was a collective kitchen for the first two years, but little by little each family started doing their own cooking.

2010

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Com o intuito de garantir a manutenção de uma moradia no Centro, foram realizados cursos de capacitação profissional para os moradores da Manuel Congo e outros membros do MNLM, em 2009. A Associação de Apoio à Moradia, braço jurídico do MNLM, ganhou o edital da Petrobrás Cidadania (Estação Petrobrás) por meio do qual conseguiram verba e apoio para oferecer cursos nas áreas de gastronomia, beleza, serviço, construção e cooperativismo. Tais aulas foram fundamentais para a legitimação da ocupação e do Movimento.

PROFESSIONAL TRAINING WORKSHOPS

In order to ensure the maintenance of a dwelling in the city center, professional training courses were held in 2009 for the residents of Manuel Congo and other members of the MNLM. The Residents' Support Association, the legal arm of the MNLM, won the call for proposals from Petrobrás Cidadania (Estação Petrobrás), through which they gained funding and support to offer courses in cooking, beauty, service, construction and cooperatives. These courses represented an important victory for the legitimization of the squat and of the movement.

2014

CONTRATO PARA A REQUALIFICAÇÃO DA OCUPAÇÃO MÂNUEL CONGO

Em 2014, com a assinatura do contrato com o programa Minha Casa Minha Vida Entidades, o MNLM pode iniciar o projeto de requalificação da ocupação Manuel Congo. Em 2008, o MNLM recebeu 700 mil reais do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (Fnhis) para o projeto. Quando o MCMV Entidades foi criado em 2009, os recursos do Fnhis foram transferidos para a Caixa Econômica Federal. Devido às dificuldades com andamento dos processos de financiamento governamental, o

MNLM realizou várias manifestações no Rio e em Brasília, na frente das sedes da Caixa, do INSS, do Ministério das Cidades e das secretarias municipal e estadual de habitação. Com a licitação feita pela Sehab em 2013, abriu-se caminho para a assinatura do contrato com a Caixa para readequação do prédio.

CONTRACT FOR THE RENOVATION OF MANUEL CONGO SQUAT

In 2014, with the signing of the contract for the granting of funds through the Minha Casa Minha Vida Entidades program, the MNLM was able to start the renovation project for the Manuel Congo Squat. In 2008, the MNLM received an initial grant from the National Fund for Social-Interest Housing (FNHIS) in the amount of 700,000 reais, for the housing project. When MCMV Entidades was created in 2009, the FNHIS funds were transferred to the Caixa Econômica Federal. Due to the difficulties in the processes of government financing, the MNLM held several protests in Rio and in Brasília, in front of the head offices of "Caixa", the INSS, the Ministry of Cities, and the municipal and state-level Housing Secretariat (SeHab). In 2013, a bid process was held by SeHab, which paved the way for the contract with Caixa for the renovation of the building.

2016

PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

O projeto teve a assessoria técnica da arquiteta Ticianne Ribeiro, com ampla participação dos moradores. A requalificação inclui a recuperação da infraestrutura do prédio (esgoto, água e luz), a reforma de 42 apartamentos e do escritório do Movimento, o conserto dos dois elevadores, a renovação do Espaço Criarte para a infância e adolescência, além da criação de auditório, restaurante, cafeteria, cozinha e da Casa de Samba para ser fonte de renda.

Os trabalhadores da obra são os próprios moradores da Manuel Congo e de outras ocupações da cidade. As obras

foram iniciadas no lado da rua Alcindo Guanabara, tendo ali sido concluídas. Enquanto esperam a finalização da obra do lado da rua Evaristo da Veiga, as famílias dividem os apartamentos. As unidades residenciais foram sorteadas em função do tamanho da família.

RENOVATION PROJECT

The design for the Manuel Congo Squat was developed with the participation of the residents, and with technical support from architect Ticianne Ribeiro. The renovation included the repair of the building's infrastructure (drainage, water and power), the renovation of 42 apartments and of the Movement's office, repair of the two elevators, the creation of an auditorium, a restaurant, a cafeteria, a kitchen, and the Samba Hall, which would be a source of income, and the renovation of the "Espaço Criarte" for children and youth.

The workers on the project are the residents themselves, who were given professional training, as well as residents of other squats in the city. The work began on the Alcindo Guanabara Street side, and also finished there. While they waited for the completion of the project on the Evaristo da Veiga Street side, the families divided up the apartments. A draw is held for the residential units, based on family size.

2017

CONCLUSÃO DA OBRA

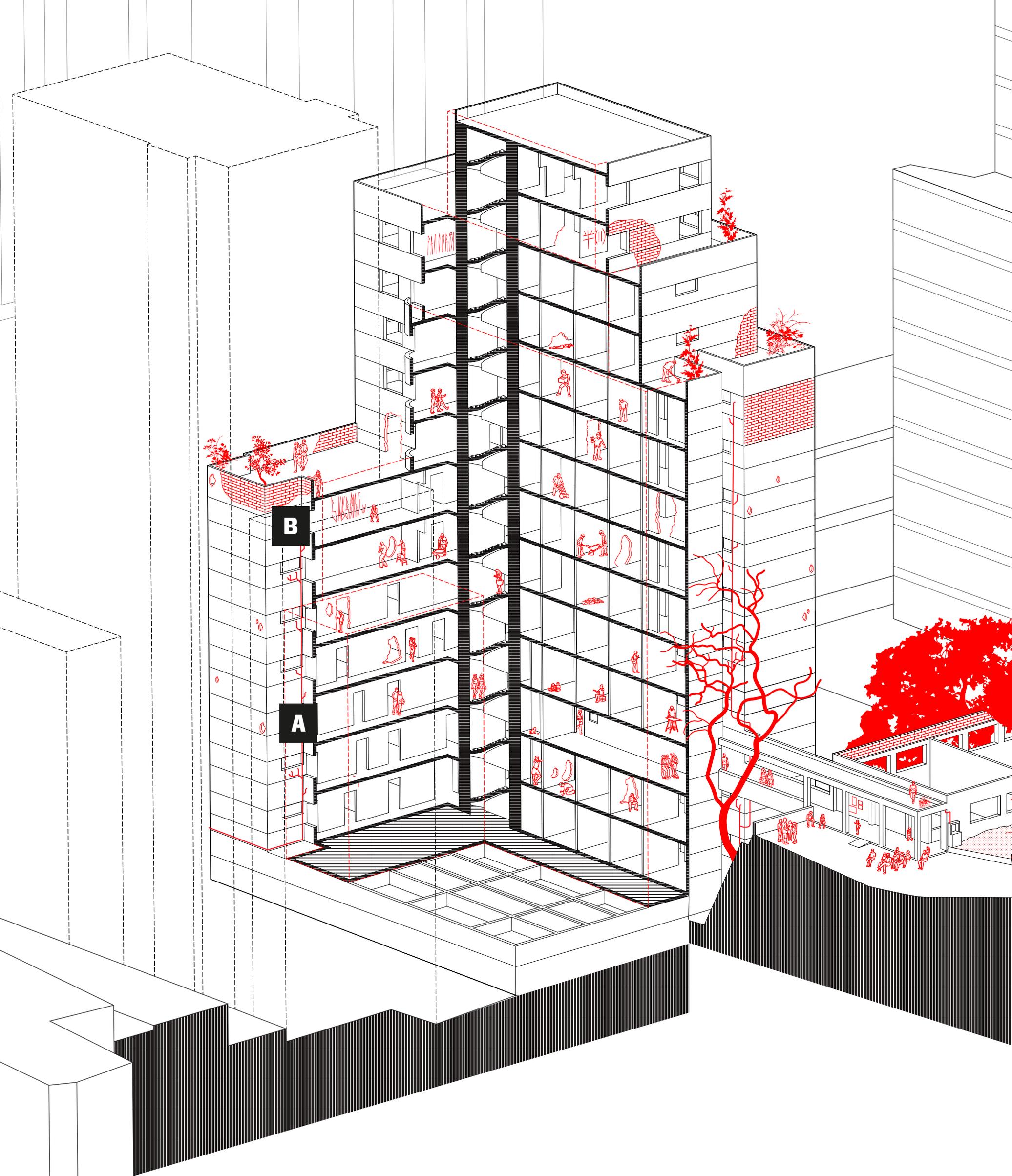
Após um longo e árduo processo, a obra da ocupação Manuel Congo chega a seu término com a requalificação dos apartamentos e áreas comuns do prédio. Segundo a arquiteta Ticianne Ribeiro, ainda ficará faltando a reforma dos espaços de trabalho e geração de renda para os moradores, o que é fundamental para a manutenção econômica da edificação. A ocupação Manuel Congo transforma-se em um exemplo do potencial existente nos centros das cidades brasileiras quando seus prédios abandonados são reabilitados e destinados ao uso habitacional para população de baixa renda.

THE WORK'S CONCLUSION

After a long and arduous process, the work at the Manuel Congo Occupation came to an end with the rehabilitation of the building's apartments and common areas. According to architect Ticianne Ribeiro, the building's work spaces and areas that generate income, fundamental for the building's economic upkeep, are still in need of renovation. The Manuel Congo Occupation has turned into

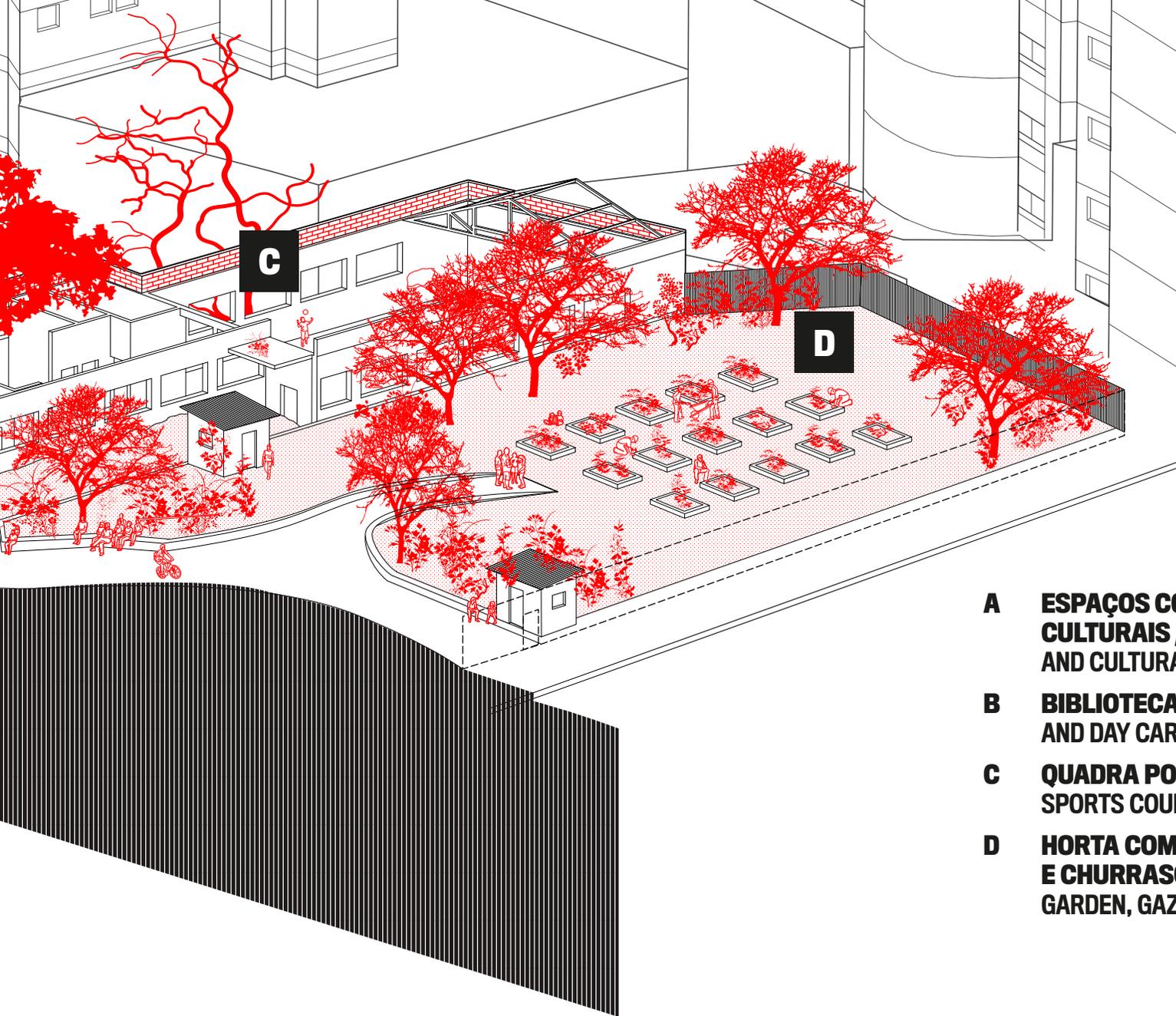
an example of the potential that exists in the centers of Brazil's cities when their abandoned buildings are rehabilitated and designated as residences for the low-income population.

CRONOLOGIA CHRONOLOGICAL EVENTS

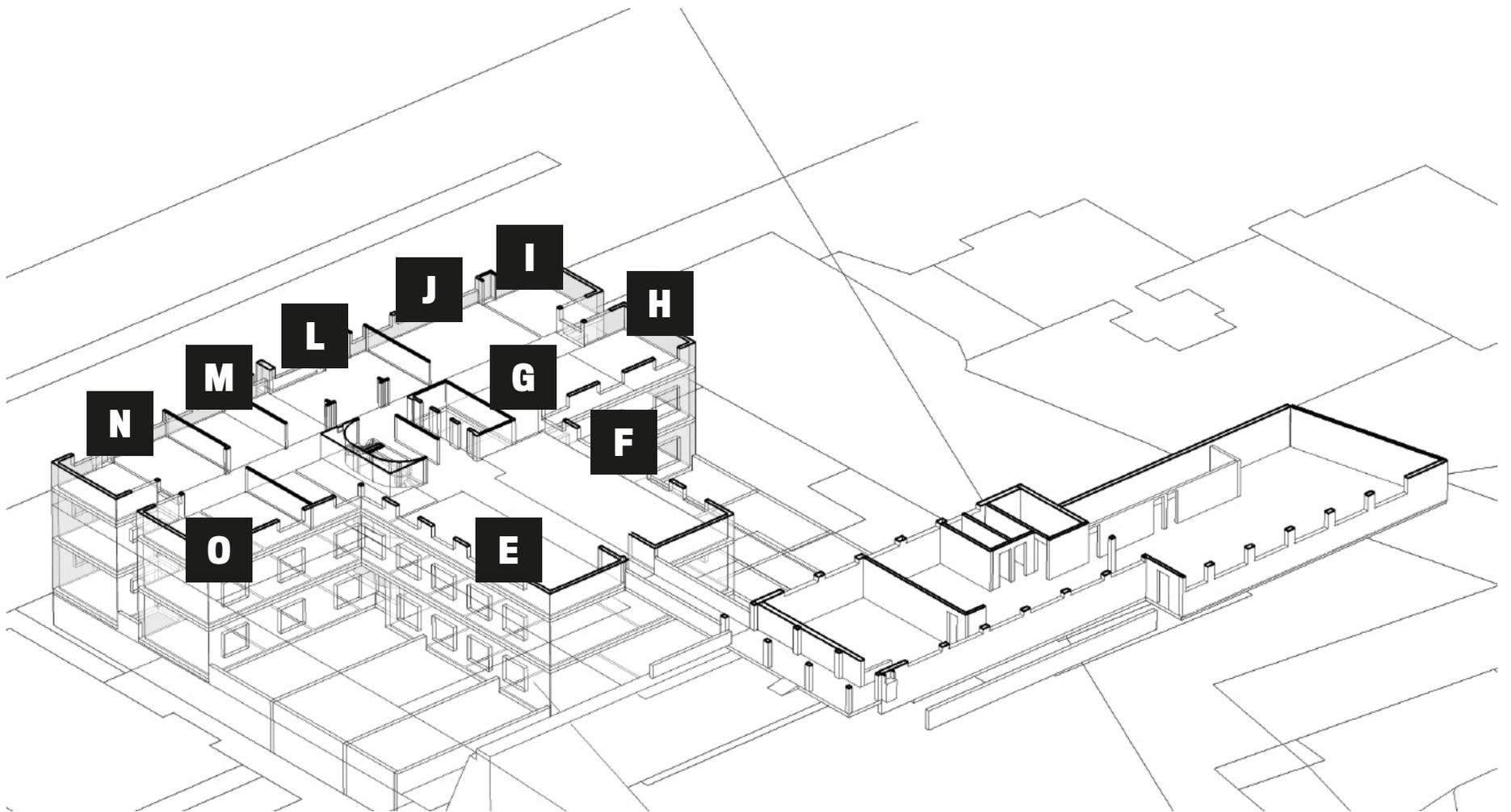


Ocupação 9 de Julho

9 DE JULHO SQUAT
CENTRO / DOWNTOWN, SÃO PAULO



- A** ESPAÇOS COLETIVOS E ATIVIDADES CULTURAIS / COLLECTIVE SPACES AND CULTURAL ACTIVITIES
- B** BIBLIOTECA E CRECHE / LIBRARY AND DAY CARE CENTER
- C** QUADRA POLIESPORTIVA / SPORTS COURT
- D** HORTA COMUNITÁRIA, GAZEBO E CHURRASQUEIRA / COMMUNITY GARDEN, GAZEBO AND BARBECUE



- E BRECHÓ E COSTURA**
THRIFT STORE AND SEWING
- F SALA DE ASSEMBLEIA**
- G REFEITÓRIO / DINING HALL**
- H COZINHA / KITCHEN**
- I POSTO DE DISTRIBUIÇÃO**
DE PRODUTOS ORGÂNICOS
DA PREFEITURA DE BARRA DO
CHAPÉU / BARRA DO CHAPÉU CITY
HALL ORGANIC PRODUCTS
DISTRIBUTION CENTER
- J MARCENARIA / CARPENTRY**
- L RESIDÊNCIA DE PORTADORES**
DE NECESSIDADES ESPECIAIS /
RESIDENCE FOR DISABLE PERSON
- M ADMINISTRAÇÃO / ADMINISTRATION**
- N RESIDÊNCIA ARTÍSTICA / ARTISTIC RESIDENCE**

1997

DIA DE FESTA

Em 2 de novembro de 1997 foi ocupado pela primeira vez o antigo prédio art déco entre a avenida 9 de Julho e a rua Álvaro de Carvalho. Projeto do arquiteto Jayme Fonseca Rodrigues, o edifício foi construído entre 1940 e 1943 para receber o varguista Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (IAPETC). Originalmente era um prédio de uso misto com escritórios e consultórios médicos nos quatro pavimentos próximos à 9 de Julho, e 67 apartamentos nos andares superiores. Em meados da década de 1970, o prédio foi esvaziado pelo INSS para ser exclusivamente a sede da repartição pública em São Paulo. Entretanto, o edifício nunca chegou a receber a instituição e ficou abandonado por mais de duas décadas até o dia de festa.

CELEBRATION DAY

On November 2, 1997, the old Art Deco building located between Avenida 9 de Julho and Rua Álvaro de Carvalho was occupied for the first time. Designed by architect Jayme Fonseca Rodrigues, the building was constructed between 1940 and 1943 to house the Vargas regime's Institute of Retirements and Pensions for Transportation and Cargo Workers (IAPETC). It was originally of mixed use, with offices and medical practices on the four floors near 9 de Julho, and 67 apartments on the upper floors. In the mid-1970s, the building was vacated by the INSS in order to serve exclusively as São Paulo's public administration headquarters. However, the institution never actually moved into the building, which remained abandoned for over two decades until the day of the party.

2000

BERÇO DO MOVIMENTO

Nas salas da ocupação 9 de Julho, nasce uma dissidência do movimento que, três anos antes, ocupou o edifício. Com novas lideranças e diretrizes, surge o Movimento Sem Teto do Centro (MTSC). No ano seguinte, o MTSC aproxima-se de vários outros movimentos de moradia da região central paulistana: fundam a Frente de Luta pela Moradia (FLM), agrupamento que abriga várias entidades.

CRADLE OF THE MOVEMENT

In the rooms of the 9 de Julho Occupation a dissidence is born from the movement which, three years earlier, occupied the building. With new leaderships and directives, the Movimento Sem Teto do Centro ["The City Center Homeless Movement"] (MTSC) emerges. The following year, the MTSC reaches out to several other housing movements in São Paulo's central region: they found the Frente de Luta pela Moradia ["The Front for Housing Movement"] (FLM), a conglomerate group that includes a number of organizations.

2003

PROMESSA

Os moradores desocupam o edifício com a promessa pelo governo municipal de transformar o edifício em um conjunto habitacional até o ano seguinte. As obras nunca foram iniciadas e os moradores não retornaram para os anunciados apartamentos que surgiriam com a requalificação do prédio. Para além da falta de manutenção após a desocupação, as fachadas e os espaços internos da 9 de Julho degradaram-se consideravelmente com um incêndio em 2004.

PROMISE

The residents vacate the building with the promise from the city government that the building will be transformed into a housing complex the following year. Construction never begins and the residents do not return to the promised apartments that were to be produced from the building's rehabilitation. In addition to the lack of maintenance after the occupation was cleared out, 9 de Julho's facades and internal spaces are damaged considerably by a fire in 2004.

2009-2011

IDAS E VINDAS

Tendo em vista o não cumprimento pela prefeitura dos planos de habitação popular no edifício, o movimento reocupa o 9 de Julho por três vezes, seguido por três truculentos processos de reintegrações de posse.

COMINGS AND GOINGS

Due to city hall's unkept promises of plans for popular housing in the building, the movement reoccupies 9 de Julho on three occasions, followed by three aggressive processes of ownership repossession.

2016

A REOCUPAÇÃO

Em 28 de outubro, no Outubro Vermelho, o edifício Nove de Julho é reocupado pelo Movimento Sem Teto do Centro (MTSC). O lixo e o entulho retirados do interior do prédio preenchem dezenas de caçambas de caminhão. Os mutirões de limpeza são os primeiros atos de reabilitação dos espaços da edificação para prepará-la para receber novas famílias. Tal como na ocupação Cambridge, a ocupação 9 de Julho teve a assessoria técnica e assinatura dos projetos pelo arquiteto Alexandre Hodapp da ONG Peabiru. Para além dos trabalhos de implantação das instalações infraestruturais para a moradia, o movimento também teve o auxílio de especialistas em engenharia da USP para a elaboração de um novo laudo que atestava a segurança estrutural do edifício.

THE REOCCUPATION

On October 28, in Red October, the Nove de Julho building is reoccupied by the Movimento Sem Teto do Centro ["City Center Homeless Movement"] (MTSC). The trash and debris removed from inside the building fill up dozens of dump trucks. The cleaning task forces are the first efforts to rehabilitate the building's spaces in order to prepare it to receive new families. Much like the Cambridge Occupation, the 9 de Julho Occupation was provided technical support and design from architect Alexandre Hodapp of the NGO Peabiru. Aside from the work of implementing the residential infrastructure facilities, the movement also received support from engineering specialists from the University of São Paulo who produced a new technical report attesting to the building's structural safety.

2017

REDE DE ATIVISTAS E ATIVIDADES

Com a liderança de Carmen Silva e incentivado pelo êxito do "Era o Hotel Cambridge" - com todo o trabalho da direção e da produção do filme feito em parceria com o movimento - e da Residência Artística Cambridge, uma rede de atividades culturais está sendo estabelecida para ativar os espaços da ocupação 9 de Julho. Uma marcenaria e uma cozinha comunitárias estão sendo montadas. O arquiteto e professor belga Jeroen Stevens fez um mapa coletivo com as origens dos moradores na sala onde será instalada a biblioteca. A 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo traz para a ocupação as exposições "Arquitetura da Apropriação", do instituto holandês Het Nieuwe Instituut, e este "Lutar Ocupar Resistir", do Studio X. Para potencializar a luta pela moradia, a ocupação 9 de Julho acolhe uma rede de coletivos de cultura de todo mundo.

NETWORK OF ACTIVISTS AND ACTIVITIES

Led by Carmen Silva and fueled by the success of "The Cambridge Squatter" - with all the work of the movie's director and production staff done in partnership with the movement - and the Cambridge Artistic Residency, a network of cultural activities is being established to activate the spaces of the 9 de Julho Occupation. A community wood shop and kitchen are being set up. Belgian architect and professor Jeroen Stevens created a collective map of the residents' origins in the room where the library is to be installed. The 11th São Paulo Architecture Biennial brings to the occupation the exhibitions "Architecture of Appropriation" by the Dutch institute Het Nieuwe Instituut, and this one, "Fight Occupy Resist," by Studio X. To empower the fight for housing, the 9 de Julho Occupation accommodates a network of cultural collectives from all over the world.

O projeto arquitetônico é um potente instrumento de melhoria e consolidação da habitação. Visto que moradores e líderes dos movimentos anseiam ter voz ativa no processo de projeto, a equipe de arquitetura precisa ir às assembleias, utilizar-se de instrumentos para fomentar a participação, estabelecer métodos de apresentação, de compreensão e diálogo com os residentes por meio do desenho, a fim de aprimorá-lo com soluções para as reais necessidades da ocupação. As qualidades arquitetônica e urbanística resultantes distinguem-se em muito das carências espacial e construtiva de grande parte dos conjuntos habitacionais financiados pelo governo. Com suas particularidades, os projetos para as ocupações Mariana Crioula, Hotel Cambridge, Manuel Congo, 9 de Julho e a Comuna D. Helder Câmara, notabilizam-se pela qualificação das unidades de habitação e dos espaços de uso comum, soluções técnicas e infraestruturais, e, sobretudo, pelo comprometimento entre arquiteto e morador.

OS PARTIC

PROJETOS CIPATIVOS

THE PARTICIPATORY DESIGNS

Architectural design is a powerful tool for improving and consolidating housing. Since residents and leaders of the movements long to have an active voice in the design process, the architecture team needs to go to the meetings, use their instruments to encourage participation, establish methods of presentation, understanding and dialogue with the residents through design drawings, in order to make improvements using solutions for the real needs of the squat.

The resulting architectural and urbanistic qualities are very different from the spatial and constructive deficiency of most housing projects financed by the government. With their particularities, the designs for the Mariana Crioula, Hotel Cambridge, Manuel Congo, 9 de Julho and D. Helder Câmara Urban Comune squats are distinguished by the qualification of housing units and communal spaces, technical and infrastructure solutions and, above all, by the commitment between the architect and the resident.

15 de fevereiro de 2016

STUDIO-X Como vocês se associaram?

NÚBIA FRANÇA Lucas e eu estagiamos e trabalhamos no Núcleo de Assessoria, Planejamento e Pesquisa (Napp), mas o projeto para a Mariana Crioula foi feito por nós três de forma autônoma. Fomos contratados pelo MNLM para fazer o projeto pelo Minha Casa Minha Vida (MCMV) Entidades.

LUCAS FAULHABER Originalmente, a Mariana Crioula seria feita pelo Napp através do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS). Naquele momento, o Movimento não tinha respaldo jurídico para ser o responsável pelo empreendimento. Eles avaliaram que não podiam ficar dependendo de assessorias técnicas habilitadas no Ministério das Cidades, e montaram um CNPJ para ter a liberdade de contratar os profissionais que quisessem, ter o processo de autogestão como um todo. Assim, houve a mudança de modalidade para o MCMV Entidades: o MNLM nos contratou para fazer o projeto e o Movimento gerencia todo o empreendimento, respondendo a Caixa Econômica.

STUDIO-X Como vocês se aproximaram do movimento e da ocupação?

LF Por meio do Escritório Modelo da Arquitetura e Urbanismo (Emau) da UFRJ, nós propusemos uma atividade na ocupação Manuel Congo, também do MNLM, de reforma da área infantil. Após, o contato se estreitou através do Napp.

NF Passamos a ir à Manuel Congo, que é a sede do MNLM no Rio. Nos interessamos em ouvi-los. Íamos a eventos e palestras lá dentro: são momentos muito instigantes de reflexão sobre a cidade. É um ambiente em que você aprende, às vezes, tanto ou mais do que na faculdade.

LF Quando o Napp não ia fazer mais o projeto da Mariana Crioula, eles conversaram com outro arquiteto que se comprometeu a fazer o projeto, mas, pelo contato com a galera do Movimento, me dispus a ser estagiário desse arquiteto. Só que ele não fez nada, o que levou o movimento a me chamar para tocar o projeto. Eu não era formado na época, logo não podia assinar, mas a Núbia tinha acabado de se formar, e assim começamos.

NF Pelo contrato com a Caixa, o Movimento tinha um condicionante financeiro também.

LF Isso é algo que os movimentos vivem até hoje: ou chamam arquitetos inexperientes, mas dispostos a ajudar e escutar, não cobrando ou cobrando muito barato; ou chamam profissionais mais experientes, que cobrarão um pouco mais caro, mas têm vícios de mercado muito grandes e não estão dispostos a escutar. Isso acontece principalmente com engenheiros, mas também com arquitetos. A

trâmites do município: do ponto de vista do mercado, poucos escritórios iriam assumir essa questão. Não é uma culpa do cliente, mas do processo que isso representa.

STUDIO-X Como o cliente - no caso, o movimento - organizava-se para falar com vocês?

LF Quem lida diretamente com a gente é a co-

lidávamos com o fato de que a obra era em um lugar onde as pessoas precisam permanecer morando. Ficamos muito tempo planejando e articulando com eles a habitação provisória dentro do imóvel.

STUDIO-X Vocês poderiam citar algumas necessidades do Movimento para o projeto?

OCUPAÇÃO MARIANA CRIOULA MARIANA CRIOULA SQUAT

RIO DE JANEIRO - RJ

LUCAS FAULHABER, NÚBIA FRANÇA, BRUNO CAIO
ARQUITETOS / ARCHITECTS

questão de não viabilidade econômica ocorre devido às várias idas e vindas, tanto com o governo quanto com o próprio movimento - são clientes que mudam de opinião. Precisa-se estar disposto a aceitar e participar do tempo deles de reunião e decisão. Um profissional mais cascudo, normalmente, não está disposto a isso.

BRUNO CAIO Não somente o tempo deles, mas o tempo da complexidade de todo o processo. O fato da prefeitura internamente não conhecer como funciona o MCMV Entidades, o longos

ordenação do MNLM e a coordenação da ocupação. Eles eram responsáveis por articular reuniões e assembleias nas ocupações, para discutirmos projeto: saber o que eles querem, decidir tamanho, programa etc.

NF Conversar com os moradores da Mariana Crioula: a convocação interna era geral, fazia parte da rotina de todos os residentes sua presença e participação nessas questões. Inclui, nesse caso, muitas pessoas estavam morando no imóvel. Então, nas primeiras reuniões

LF A ideia é que a Mariana Crioula seja a sede do Movimento. Por isso, o prédio terá muitos espaços de uso coletivo, auditório, e até vestiário e alojamento para pessoas de fora quando tiver seminário. Este forte aspecto político está no desenvolvimento do projeto.

BC Não é só um edifício residencial, a Mariana Crioula ganha essa característica institucional e também terá espaço para geração de renda, que será o restaurante. Isso complexificou um pouco a relação com o MCMV, pois foi

preciso pedir uma série de flexibilizações no programa.

LF O MCMV não permitiu espaços comerciais, então se precisa dizer que é um espaço de uso comum. Além disso, a verba é por apartamento, isto é, se você quiser fazer 1000m² de área comum, a verba será a mesma. Por isso, as construtoras fazem somente apartamentos para o MCMV: espaços de uso comum são um gasto a mais para elas.

E o MNLM tem a cooperativa chamada Liga Urbana. Tem diversos segmentos: da construção civil, o qual paga os pedreiros cooperados, da culinária, podem ter os de artesanato ou cabeleireiro. Quem define qual o uso das áreas do edifício é a cooperativa e o movimento.

NF Todos os prédios do MNLM têm áreas para

NF Tivemos que montar oficinas para explicar a eles como chegamos a determinada solução de projeto, as obrigatoriedades da legislação e das normas do patrimônio, os motivos pelos quais achamos que são boas ideias.

STUDIO-X Que instrumentos foram utilizados pelo escritório para se aproximar e estabelecer um diálogo com o movimento?

LF Fizemos 3Ds e alguns pequenos esquemas de insolação, ventilação, afastamentos.

NF Para as assembleias, nós levávamos apresentações, algumas bem caricatas em 2D, para explicar didaticamente a legislação, ou o movimento do sol, ou de passagem do vento. Usamos o Revit para desenhar, logo tínha-

chegando no fim. Em 2015, passamos pelas aprovações em todas as instâncias. Peguei o alvará no começo deste ano.

STUDIO-X Vocês poderiam limitar as condições de projeto devido ao Minha Casa Minha Vida?

NF Um dado importante é que são 60 apartamentos. Está no contrato com a Caixa e não pode mudar no meio do processo: nem para 62, nem para 58.

LF Com relação aos quartos, pelo MCMV, não estaria permitido fazer de um único quarto, todas as unidades habitacionais deveriam ser de dois quartos. Mas conseguimos fazer essa flexibilização.

BC Nas regras do MCMV, os espaços são muito

arquiteto que será responsável pela execução da obra e está fazendo o orçamento.

LF A gente não tinha o selo técnico para esta tarefa, não preenchíamos os requisitos burocráticos da Caixa.

STUDIO-X Vocês vão acompanhar a construção?

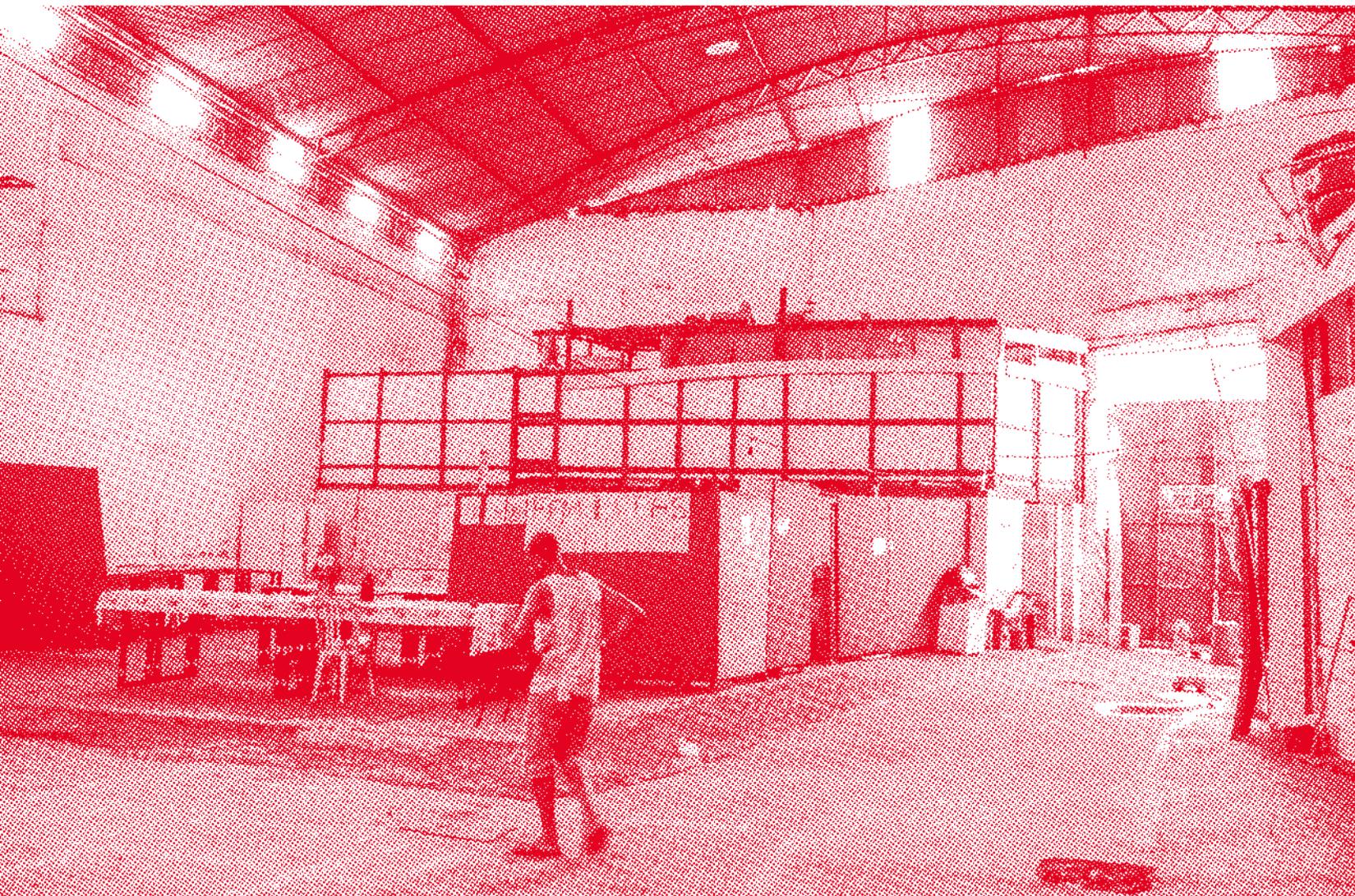
LF Eu pretendo. O Movimento tem uma relação de confiança com a gente, mais do que com a equipe de engenharia. Durante a obra, nós seremos de certo modo fiscais. O pessoal do Movimento diz: "Se fizerem uma solução barateira, é preciso que você fale para a gente."

STUDIO-X Qual será a mão de obra? Os próprios moradores vão participar da construção?

LF Tem uma comissão de obra da ocupação. É um pessoal que está na obra da Mariana Crioula agora. Estão trabalhando moradores de lá, da Mariana Crioula, de outras ocupações. Quando começarem os trabalhos na Mariana Crioula, acho que a Manuel Congo estará acabando ou terá terminado, e esse pessoal vai para a obra na Gamboa.

NF Por questões técnicas, existem tarefas que eles não conseguem abarcar: por exemplo, desmontar o telhado existente e refazê-lo, ou a montagem da estrutura metálica.

LF Com a autogestão, eles têm autonomia de escolher e contratar a empresa que quiserem.



crianças, para geração de renda, para encontro. Independente do financiamento, é uma premissa do MNLM que a moradia coletiva incluía espaços coletivos.

STUDIO-X Vocês poderiam descrever o processo?

LF É um processo de idas e vindas. Houve uma fase inicial mais intensa, em que se discute e define o programa. Informa-se sobre quem são as famílias que vão morar, qual é o tamanho delas: a partir disso, projetamos 60 apartamentos com tipologias diferentes, de um quarto e dois quartos. O mesmo ocorreu com os espaços da cooperativa. Primeiro, discutimos o programa, depois, com o estudo de legislação, fizemos a proposta.

mos sempre o modelo em 3D. Eles chamavam essas imagens de "video game", e, em determinado momento, só podia ser apresentação no "video game". A gente sabe como é difícil entender projeto, e, com o "video game", eles conseguiam avaliar se a cozinha estava grande ou pequena, se a varanda estava boa, entre outros casos. O tal do "video game" foi muito importante para a nossa comunicação.

STUDIO-X Qual foi a fase seguinte?

LF A gente partiu para a aprovação. É um momento em que se faz algumas modificações, mas, de fato, vamos nos afastando das assembleias e passamos a lidar mais com a coordenação, a fim de dar mais agilidade ao processo. Depois de três anos, o projeto está

amarrados. No caso da Mariana Crioula, essas regras ainda eram um pouco flexíveis, mas foram se adaptando o tempo todo.

LF São unidades bem variadas: tem até apartamentos menores que 42m², mas com varanda.

BC Mesmo assim são maiores que os 39m² que a Caixa propõe.

STUDIO-X Quais foram as maiores condicionantes de projeto?

NF A legislação. Por exemplo, não pode fazer apartamentos de um quarto.

BC E, agora, o custo. Boa parte das decisões de projeto que traziam mais qualidade, em especial nos casos dos apartamentos térreos e da proteção solar de fachada, foi cortada pelo

February 15, 2016

STUDIO X How did you team up?

NUBIA FRANÇA Lucas and I intern and work at the Advising, Planning and Research Center (Napp), but the design for Mariana Crioula was created by the three of us independently. We were contracted by the National Struggle for Housing Movement (MNLM) to create a design for the MMinha Casa Minha Vida (MCMV) Entidades program.

LUCAS FAULHABER Originally, Mariana Crioula was going to be created by Napp through the National Fund for Housing of Social Interest (FNHIS). At that time, the Movement had no legal backing to be responsible for the project. They decided that they could not depend on technical advisory services from the Urban Development Ministry, and set up a CNPJ to have the freedom to hire the professionals it wanted, becoming entirely self-managed. Thus, there was a change in modality to the MCMV Entidades program: The MNLM hired us to create the design and the Movement managed the entire project, according to the Federal Savings and Loan Bank (Caixa Econômica Federal).

STUDIO X How did you become connected with the movement and the squat?

project. At the time, I hadn't graduated yet, so I couldn't head the project, but Núbia had just graduated and so we began.

NF Through the contract with the Federal Savings and Loan Bank, the Movement also had a financial constraint.

LF This is something that the movements do even to this day: they either hire inexperienced architects, more willing to help and listen and who do not charge or do not charge much, or they hire more experienced professionals, who charge a little more, but who have very significant involvement in the market and are not willing to listen. This happens mainly with engineers, but also with architects. The issue of non-economic viability is due to various comings and goings, both with the government and the movement itself - they are clients who change their minds. You need to be willing to accept and participate on their time, in their meetings and decisions. A professional with more clout is generally not willing to do this.

BRUNO CAIO It's not just their time, but the complexity of the entire process. The fact that the city council does not know how the MCMV Entidades program works internally, leads to extensive formalities with the city: from a market standpoint, few offices would take on this issue. It's not the client's fault, but rather that of the process.

and coordinating with them temporary housing within the building.

STUDIO X Can you name a few of the Movement's needs for the project?

LF The idea that Mariana Crioula would be the headquarters of the Movement. Thus, the building would have many common use spaces, an auditorium, and even a locker room and lodging for people from outside of the squat, for when they had seminars. This strong political element is present in the development of the project.

BC It's not just a residential building, Mariana Crioula has garnered an institutional characteristic and it will also have a space for generating income, which will be the restaurant. This slightly complicated their relationship with the MCMV program, since they often needed to ask for flexibility within the program.

LF The MCMV program did not allow commercial spaces, so you need to say that it's a common use space. In addition, the budget is per apartment, so, if you want to build a 1,000m² common area, the budget will be the same. Thus, the contractors only build apartments for the MCMV program: common use spaces are yet another expense for them.

The MNLM has a cooperative called the Urban League. It has several segments: the construction segment, which pays the cooperative member bricklayers, the culinary segment and possibly craft and hairdresser segments. The cooperative and the movement define the use of the building's areas.

NF All of the MNLM's buildings have areas for children, for generating income and for gathering. Regardless of funding, it's a premise of the MNLM that collective housing includes collective spaces.

STUDIO X Can you describe the process?

LF It's a process of comings and goings. There was a more intense initial phase, in which we discussed and defined the program. They informed us of the families who would live there, and their sizes: from there, we designed 60 apartments of varying types; one room and two rooms. The same applies to the cooperative spaces. First, we discuss the program, then, with the legality study, we make the proposal.

NF We had to hold workshops to explain to them how we arrived at a given solution for the project, the legal requirements and property standards, and the reasons why we think they are good ideas.

STUDIO X What tools were used by the office to effectively communicate and establish a dialogue with the movement?

LF We used 3D and some small diagrams of sun, wind and pitch.

NF For the meetings, we prepared presentations, some very detailed 2D diagrams, to didactically explain the laws, or the movement of the sun, or the passage of wind.

We used Revit to design, so we always have a 3D model. They call these images "video game" and, sometimes, things can only be presented in "video game". We know that it's difficult to understand the design, and with "video game", they were able to assess if the kitchen was big or small, if the balcony was good, among other things. This "video game" was very important for communication.

STUDIO X What was the next stage?

LF We sought approval. It's a time when some modifications are made, but, in fact, we move away from the meetings and begin dealing more with coordination, in order to speed up the process. After three years, the project is reaching conclusion. In 2015, we received approval at all levels. I obtained the permit early this year.

STUDIO X Did you have design limitations due to the Minha Casa Minha Vida program?

NF An important aspect is that there are 60 apartments. There is a stipulation in the contract with the Federal Savings and Loan Bank that you cannot change this number during the process: not to 62, nor to 58.

LF As for the rooms, in the MCMV program, you are not allowed to make one-room apartments. All residential units must have two rooms. But we were able to be more flexible.

BC According to the MCMV's rules, the spaces are too interconnected. In the case of Mariana Crioula, these rules were somewhat flexible, but they were changing all the time.

LF The units are varied: there are even apartments as small as 42m², but with a balcony. BC Even so, they are larger than the 39m² that the Federal Savings and Loan Bank suggests.

STUDIO X What were the project's major constraints?

NF Legislation. For example, you cannot make one room apartments.

BC And now it's cost. Most of the design decisions that would increase the quality, especially cases of ground floor apartments and façade solar protection, were cut by the architect responsible for executing the work and preparing the budget.

LF We didn't have the technical stamp of approval for this task, because we didn't fulfill the Federal Savings and Loan Bank's bureaucratic requirements.

STUDIO X Will you monitor construction?

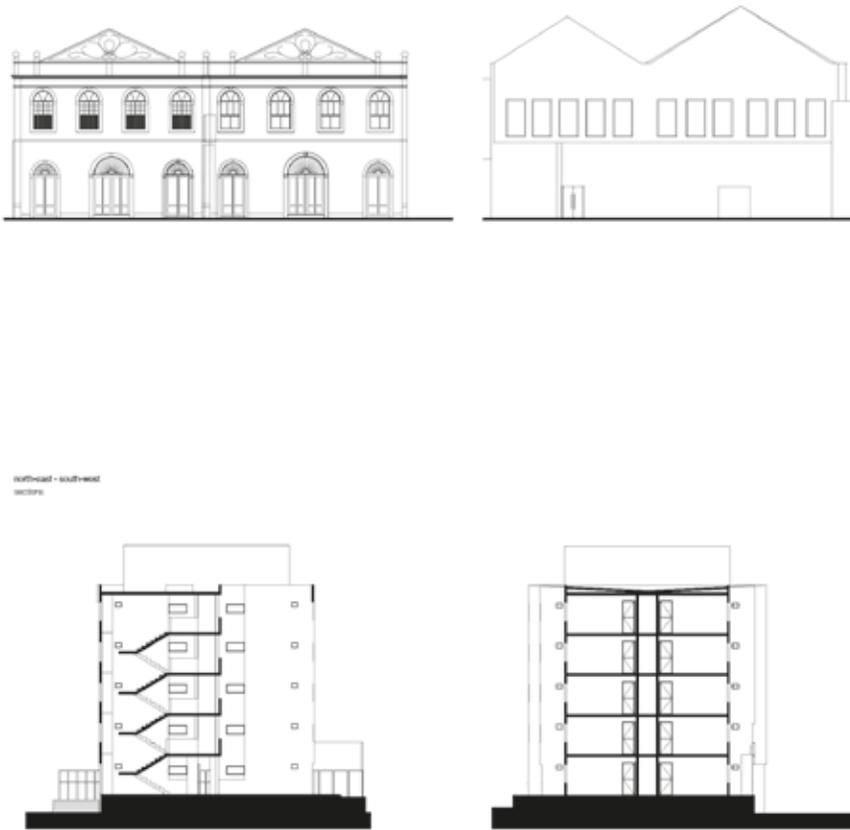
LF I intend to. The Movement trusts us, more than they do the engineering team. During execution of the work, we will be supervisors of sorts. The Movement members say: "If they make a solution look cheap, just talk to us".

STUDIO X Who will provide the labor? Will the residents themselves participate in the construction?

LF There is a work committee in the squat. The personnel are working at Manuel Congo now. They are working residents there, from Mariana Crioula and from other squats. When the work starts at Mariana Crioula, I think that Manuel Congo will be finishing up or will have already completed, and they will go to work at Gamboa.

NF For technical reasons, there are tasks that they cannot perform: for example, removing the existing roofing and redoing it, or assembling the metal structure.

LF With self-management, they have the autonomy to choose and hire the company they want.



LF Through the Model Office of Architecture and Urbanism (Emau) at UFRJ. We proposed an activity at the Manuel Congo Squat, also the MNLM's, to renovate the children's play area. Afterwards, we were contacted by Napp.

NF We went to Manuel Congo, which is the MNLM's headquarters in Rio. We were interested in hearing them. We went to events and speeches at the squat: they are very compelling moments of reflection about the city. It's an environment where, sometimes, you learn as much as or more than in college.

LF When Napp was not longer going to do the Mariana Crioula project, they spoke with another architect who committed to doing to project, and, through contact with the Movement's people, I was able to be this architect's intern. However, he didn't do anything, which led the movement to ask me to take on the

STUDIO X How did the client - in this case, the movement - organize speaking with you?

LF The MNLM coordination and squat coordination deal with us directly. They were responsible for notifying us of meetings and assemblies within the squats, to discuss the project: to learn what they wanted, to decide on size, the program, etc.

NF Speaking with the residents of Mariana Crioula: internal convening was comprehensive, it was part of every resident's routine to attend and participate in these matters. Also, in this case, many people were living in the building. So, during the first meetings, we were dealing with the fact that the work would take place in an area where people needed to continue living. We spent a long time planning

OCUPAÇÕES HÔTEL CAMBRIDGE E 9 DE JULHO HOTEL CAMBRIDGE E 9 DE JULHO SQUATS

SÃO PAULO - SP

CARLA CAFFÉ, LUIS FELIPE ABBUD, LAURA PAPPALARDO, MANUELLA LEBOREIRO
ARQUITETOS / ARCHITECTS

23 de fevereiro de 2016

STUDIO-X Como o coletivo surgiu?

CARLA CAFFÉ No início de 2014, a Eliane Caffé, minha irmã, me chamou para fazer a direção de arte do filme. Desde o início, sabíamos que seria numa ocupação. Visitamos algumas até escolher o antigo Hotel Cambridge e percebi que era um assunto importantíssimo para uma faculdade de arquitetura. Pensamos em fazer um coletivo com alunos da Escola da Cidade, por meio de uma disciplina montada especialmente para o caso, que teve o Luis Felipe Abbud como professor assistente e 21 estudantes.

STUDIO-X Quais eram os objetivos da direção de arte?

CC Normalmente, a direção de arte está restrita a satisfazer as demandas do roteiro, porém, nesse caso, decidimos que era também destinada a satisfazer as demandas da ocupação - o projeto da ocupação. Antes da participação dos alunos, tivemos algumas reuniões com lideranças da Frente de Luta pela Moradia (FLM) e foi quando decidimos que a contrapartida do filme seria o projeto de arquitetura, benfeitorias no edifício.

STUDIO-X Quais foram essas benfeitorias?

CC Nos concentramos nas áreas comuns do prédio: no saguão de entrada, na biblioteca;

na oficina para as costureiras, que tem uma forte presença na ocupação, mas acabou por ser usada para brechó e encontros coletivos. Porém, como também tivemos que atender ao roteiro, tinham cenas dentro dos apartamentos. Logo, os alunos tiveram oportunidade de entrar nas casas, fotografá-las, ver como as pessoas habitam. Nesse sentido, o cinema abre portas. O Cambridge é uma ocupação consolidada, organizada. É um espaço acolhedor, receptivo, muito devido a arquitetura generosa dos anos 50 de quando era o Hotel Cambridge.

STUDIO-X Quem participava das reuniões de decisões?

CC Tínhamos apresentações de projeto para a comunidade, sempre com a presença da Carmen Silva, coordenadora da ocupação. Como o projeto era feito com eles - a mão de obra era de pessoas do movimento -, a gente precisava conhecer quem ali faz marcenaria, serralheria, a elétrica. Em determinado momento, nós decidimos trabalhar lá, projetar na própria ocupação.

MANUELLA LEBOREIRO No dia a dia, a maior participação foi das crianças da ocupação. Sempre vinham perguntar o que estávamos fazendo. Sempre queriam fazer com a gente.

LUIS FELIPE ABBUD Há o horário dos moradores da ocupação. Na etapa mencionada pela Manuella, nossa disciplina estava concentrada nas manhãs e tardes, que é um horário em que a maioria dos ocupantes está trabalhando. A partir da pós-produção, a equipe precisava trabalhar até altas horas, e começamos o clima da ocupação muda completamente a partir das 8 horas da noite, quando os moradores voltam do expediente.

STUDIO-X Houve dificuldades de projeto devido a isso?

LAURA PAPPALARDO Quando se está trabalhando em um lugar com uma vida consolidada, simplesmente não se pode projetar uma coisa de fora e colocar ali, pois não vai funcionar. Presenciamos as dificuldades de certas ideias que achávamos boas, mas não faziam sentido para os moradores da ocupação, ou com uma execução mais difícil do que imaginávamos.

ML Foi interessante aprender a lidar com as frustrações. Você tem um ideal de projeto que você imagina que seria o melhor, mas quando se está cara a cara com as pessoas, aquele ideal não cabe ali. É ideal para você, mas não para o dia a dia da ocupação, do que eles realmente precisam.

STUDIO-X Vocês poderiam descrever o trabalho de vocês em fases?

CC Na pré-produção do filme, primeiramente, tivemos uma etapa de investigação, em que incluí o conhecimento do roteiro e o conhecimento da ocupação. Com as necessidades do roteiro na cabeça, fomos para o Cambridge, batemos na porta de cada casa, entramos, conversamos, fizemos o levantamento do que tinha e do que não tinha. Fomos ali mapeando objetos existentes e figurino para combinar com determinados personagens. Por uns dois meses, fizemos esse reconhecimento dos quinze andares do prédio e sentimos as demandas de necessidades da ocupação, a partir delas fomos para a segunda etapa: de projeto, de prospecção. Nesse momento, percebemos que não podíamos permanecer projetando na Escola da Cidade, e resolvemos projetar no Cambridge, como fez a Lina Bo Bardi no Sesc Pompéia. A princípio era complicado, pois nem tinha cadeira suficiente, mesa, tomada, internet, mas assumimos que era melhor fazer a etapa do projeto in loco. Também nessa época, decidimos trabalhar com o Mister, do coletivo Basurama, pela sua ideia de que "lixo não existe", de projeto a partir da reciclagem de materiais. Afinal, estávamos em um ambiente de reciclagem, de ressignificação. A ocupação é uma ressignificação. Após um mês de projeto, tivemos as apresentações, as devidas autorizações, e partimos para a parte de execução. Esta etapa foi de parceria próxima com a FLM. Umás três semanas de execução com a força de trabalho do movimento. De pessoas como o Rogério, que tem uma serralheria dentro da ocupação, o Ronaldo, um marceneiro que é um artista, e outros que trabalham na manutenção elétrica e hidráulica do prédio. A pré-produção durou de agosto a outubro de 2014, em novembro e dezembro foi a filmagem. Esse projeto tem de

inovador que a arquitetura é também o conteúdo do filme. A arquitetura é o fio condutor. O Cambridge é o fio condutor. Ao fazer cinema, você pode fazer arquitetura.

STUDIO-X Qual foi a intervenção arquitetônica feita no saguão?

CC O saguão não tinha qualquer equipamento ou mobiliário. Por não ter nada, as crianças corriam de um lado para o outro, pois era o único lugar que dava para correr. Havia uma quantidade absurda de papéis colados na parede, informativos de pagamento, do dia de mutirão, de material para mutirão, informes do movimento.

LP O saguão também é portaria, logo sempre tem alguém ali, com um caderno de anotações da hora em que cada um entrou e saiu.

ML E tinha um cheiro forte de esgoto quanto o saguão quando se entrava.

CC Substituímos as tampas do esgoto, acertamos a infraestrutura hidráulica. Na oficina com o Basurama, fizemos muitas poltronas de pneu superconfortáveis.

LFA Dois pneus, cinco parafusos, você corta um pedaço, ajusta de um jeito, e pronto.

CC Pintamos os pilares e as paredes com tinta de lousa (quadro negro), para instigar a comunicação sem papel. Mas o foco desse espaço eram as crianças: fizemos balanço de pneu, adesivamos percursos no chão - percurso do Saci, da Ballarina, do Elefante.

LFA Como se fosse um jogo de tabuleiro e a criança era o pião. Quando acabou o filme, fizeram uma doação de brinquedos e ali os colocaram.

CC Um comentário interessante da Carmen, a coordenadora, quando viu as poltronas de pneu: "Nossa, excelente para fazer barricada!" É luta mesmo.

STUDIO-X Qual foi o projeto feito na oficina?

CC Quando chegamos lá, a oficina de costureiras era um projeto do movimento, porque elas fazem as bandeiras e as camisetas, acabam por ajudar em várias comunicações. É um espaço muito feminino. Tinha quatro máquinas de costura e uma mesa de corte, mas tinha muita sobra de tecido, era um lugar muito entulhado. E, no Cambridge, havia um espaço inóspito com problema de iluminação e mobiliário quebrado sem uso, mas tinha um pé direito majestoso e piso de taco de madeira. Levamos para lá as quatro máquinas de costura, equipamos com muitos varais, bancadas de maquiagem, iluminação, vestiário. Porém, por ser uma área de passagem e acesso à rua, há ali um problema de segurança. Embora a vontade das costureiras é que as máquinas permanecessem lá, não puderam deixar no espaço, que se tornou uma área dos eventos da ocupação. Como nós reformamos e recuperamos o piso original de tacos de madeira, acabamos por ajudar que praticassem ali capoeira. Com a nova iluminação e os equipamentos, nesse ambiente fazem brechós, umas feijoadas, uns encontros de cultos religiosos, na última vez em que estive lá estava tendo um casamento gay.

STUDIO-X E qual foi a intervenção arquitetônica para a biblioteca?

LFA A questão dos valores é curiosa. O salão para a oficina tem um pé direito gigante, revestimento de madeira na parede, espelho, taco no piso, e a intenção da ocupação era tirar tudo aquilo, pintar de branco e azulejar tudo. Eles tiveram tempo de fazer isso na biblioteca, antes de nós chegarmos: o espaço tinha sido um salão de chá, pintado de um verde escuro, piso de taco, e trocaram tudo por um piso de porcelanato que imita taco.

CC A Carmen deu um depoimento dizendo que, se não fosse o filme, ela já teria compartilhado aonde é a biblioteca, e colocado mais famílias lá, porém, com o nosso trabalho, ela descobriu a importância dos espaços comuns para a participação do movimento, para convocar o sentido de comunidade, de encontro.

Antes, a biblioteca era fechada, os livros amontoados eram trancados em um quarto escuro, sem ventilação, nem iluminação natural. Nós projetamos o contrário, fizemos uma biblioteca em um espaço aberto e convidativo, para quem estiver passando pelo edifício poder ver e ficar lá livremente. O ambiente que tem iluminação natural, boa ventilação. Colocamos um sofá para leitura na bancada e equipamos com quatro computadores. Na estante, pode-se pegar emprestados os livros. Após a filmagem, a Silvana Kassab fez um trabalho de seleção dos livros, passando um pente finíssimo de escolha de livros, pois eles recebem doações de livros datados e sem sentido, como manual de informática Windows 93 ou Código Civil de 1970. Hoje são somente livros educativos. A biblioteca do Cambridge ficou bem montada. Ali costumava-se a trancar os objetos em um depósito, com a nossa intervenção, perceberam que as coisas deveriam estar dispostas para a comunidade. Assim, descobrimos que os móveis também têm sua função social.

24 de outubro de 2017

STUDIO-X Como vocês observaram a repercussão do filme Era o Hotel Cambridge dentro do movimento?

LFA Quando foi lançado o filme, toda equipe prestigiava os festivais e sessões especiais, participava de mesas e discussões, e enxergava o Era o Hotel Cambridge como uma obra completa. Até que teve uma festa de lançamento do filme no próprio Cambridge que aconteceu pouquíssimo tempo após ocuparem a Nove de Julho. Nessa ocasião, os moradores chamaram a Eliane Caffé, a Carla Caffé e mais um pessoal para conhecer a ocupação nova. Quando lá chegamos tarde da noite, vimos muita gente dormindo improvisadamente em colchões, visto que tinham acabado de ocupar. De repente, eu encontro com a Magali, personagem com um dos papéis mais marcantes do filme, e falei pra ela: "Puxa, Magali, que legal! Fiquei super feliz em te ver. Você é uma das minhas personagens favoritas do filme!" E ela respondeu: "Nossa, sério? Você acredita que eu nem consegui ver o filme ainda?".

Para mim foi um choque de realidade que me comoveu muito pessoalmente, porque estávamos lidando com todo o frisson e prestígio de uma peça cinematográfica de longa-metragem ganhadora de prêmios, e, quando fui falar com uma das atrizes principais, eu voltei à realidade: o movimento continuou lá, a luta continua. Sendo aplaudidos no mundo inteiro, os mesmos personagens estavam lá dormindo num colchão no chão improvisado e seguindo a luta deles para garantir a própria moradia. Esse fato me marcou muito, por me lembrar que movimento é uma coisa contínua: o filme foi um episódio entre tantos outros que fizeram parte da história do movimento. Não tinha pensado nisso antes, mas acho que isso criou em mim uma espécie de responsabilidade de poder continuar atuando junto a eles para além do episódio do filme.

CC O que mais atraiu minha atenção foi a ida do movimento de moradia ao cinema. Conseguimos oferecer ingressos em duas salas de exibição próximas ao Cambridge: o Cine Olido e o Shopping Frei Caneca. E curiosas foram as várias manifestações no Facebook, como o texto



de um cara que percebeu como era diferente uma plateia do movimento de moradia: havia pessoas que nunca tinham ido ao cinema e, por não estarem formatados segundo os códigos de conduta de um espectador, eles interagiam com o filme. Outros mencionaram que essa ida dos moradores da ocupação realmente era um acontecimento, pois o filme ultrapassou essas barreiras sociais muito impregnadas no nosso dia a dia. Ir ao cinema é uma coisa de classe média. E o pessoal do movimento pode ocupar uma sala de cinema. Achei isso uma coisa muito revolucionária.

O filme fomentou uma mudança para ambos os lados. Mudando a perspectiva de alguns coordenadores do movimento: eles perceberam a força da linguagem artística, de como ela pode quebrar paradigmas e alcançar a todos. Pelo outro, Era o Hotel Cambridge ajudou a desmistificar as ocupações. Quem assistiu o filme, viu famílias, mulheres, cuidadoras, sem aquele estigma de que são pessoas marginalizadas. Acho que isso também ajuda o movimento. Outro exemplo mencionado pela própria Carmen é o dos fechamentos das janelas. Antiga-

mente a estratégia era: ocupou, fechou. Ano passado, quando a gente ocupou a Nove de Julho, fizemos questão de deixar um comunicado para a vizinhança. Um comunicado, mais ou menos, assim: "Desculpe o incômodo. As famílias, mulheres e crianças do movimento de luta por moradia estão trabalhando para a limpeza do espaço e tirando focos de dengue e doença." Antigamente, fechavam-se as janelas para não mostrar muito movimentação. Depois do filme, a iniciativa passou a ser interagir. Vamos dizer à vizinhança as nossas ações.

STUDIO-X De que modo a atuação de vocês prosseguiu com o movimento?

LFA Acho que o maior exemplo disso foi justamente com o Abril Vermelho desse ano: pela primeira vez, o movimento resolveu ocupar, ao invés de um edifício para habitação, um território urbano abandonado que eles pretendem usar como uma praça de uso público, reativado e gerido pelo pessoal do bairro - não somente o pessoal do movimento, mas também outros coletivos de militância cultural que atuam no centro da cidade, donos de estabe-

lecimentos locais, síndicos e moradores dos prédios da vizinhança. É uma postura sempre aberta a trocas: se a gente aprende muito com eles, eles também aprendem com a gente. É muito bacana ver como o movimento incorporou a ideia de que a bandeira da habitação não se esgota na moradia, mas também abrange os equipamentos urbanos que complementam o habitat. De certo modo, isso já podia ser observado nas áreas comuns do Cambridge - no piso térreo, no brechó, na bolaria etc.

Eu continuo envolvido com o movimento para ajudar em ações como quando ocuparam a praça. Com estudantes de arquitetura, fizemos um coletivo [Coletivo Tobogã, composto por Bárbara Fernandes, Bruna Marchiori, Catarina Calli, Fernanda Colejo, Giulia Godinho, Laura Pappalardo e Luís Felipe Abbud] para projetar o mobiliário urbano dessa praça ocupada. Acabamos transformando-o em uma disciplina eletiva na Escola da Cidade chamada "Mobiliário para Ocupação Praça Aberta - Ladeira da Memória". [realizada no segundo semestre de 2017, com a participação dos estudantes Beatriz Sallowics, Beatriz Coimbra, Catarina Calil, Daniel Carvalho, Derek Orlandi, Giovanni Frazzatto, Graziela Godoy, Mably Rocha, Marcelo Moreno, Maytê Coelho, Noel Lima, Pedro Cassiano e Pedro Norberto]. Acredito que tais ações derivam da constatação de que, enquanto estudantes e profissionais, não precisamos nos ater a demandas da academia e do mercado: acho muito importante que o arquiteto tente, na medida do possível, se envolver em determinadas ações de utilidade pública, visando contribuir na efetiva transformação de problemas candentes da cidade, e também envolvendo instituições da sociedade civil que possam colaborar com isso.

Acho que o movimento está proporcionando uma grande oportunidade de exercer esse novo tipo de arquitetura e urbanismo pautados por uma ação colaborativa, diluída, mais preocupada em efetivamente resolver problemas da sociedade do que aquela da genialidade autoral dos arquitetos, que a academia e a mídia tendem a perpetuar e que segue como um ranço de tempos mais heroicos da nossa forte tradição modernista.

CC Depois do lançamento do filme, percebi a necessidade de criar uma gestão daquilo que ficou do filme. Não adianta somente equipar, é preciso criar uma gestão colaborativa - o que é ainda complexo para nós que somos muito individuais em nossas vontades e expectativas. Minha experiência pessoal de morar dentro de um edifício de classe média era viver fechado no meu apartamento, mal conhecendo meus vizinhos.

Por sua vez, uma ocupação nos proporciona viver coletivamente em um edifício: a limpeza é compartilhada, a manutenção é compartilhada, a festa do dia das crianças é compartilhada, a festa do dia dos pais é compartilhada etc. E isso não retira as identidades, pelo contrário, esse viver coletivamente provê uma identidade: abre uma possibilidade enorme para ações pedagógicas, para as oficinas, para trabalhos colaborativos. No movimento, você percebe a possibilidade de um convívio coletivo no habitat. Qualquer coisa feita numa ocupação tem uma amplitude coletiva: as escadas do edifício são como a rua para uma cidade.

Desde que entrei no movimento, eu andei por alguns universos: no começo teve a história do brechó, depois imigrei para a experiência da horta na cobertura do Cambridge, agora estou trabalhando com a marcenaria e com a cozinha com um coletivo de artistas chamado Aparelhamento.

STUDIO-X Como vocês têm atuado na ocupação Nove de Julho? Em que espaços vocês estão envolvidos e de que maneira?

CC Com esse grupo de artistas, estamos aparelhando a cozinha, de modo a oferecer oficinas de gastronomia, de trocas de experiências culinárias com os refugiados, além da possibilidade de uma renda extra para os moradores, e também falar um pouco da importância de uma boa alimentação. A cozinha é interessante por ser onde as pessoas se envolvem mais. Equipar a cozinha é um modo de instrumentalizar o movimento com ferramentas.

Por sua vez, a marcenaria é fruto um pouco da relação que estabelecemos com o Ronaldo no filme. O Ronaldo é um artista. O cinto dele é feito de uma câmera de pneu de bicicleta. Ele me deu um lindo vaso feito de bulbo de lâmpada. Ele me inspirou e me fez pensar como seria se ele tivesse com todos os equipamentos e as ferramentas. A ideia da marcenaria na ocupação Nove de Julho surge dessa necessidade de um lugar equipado, onde se possa guardar e organizar as ferramentas e materiais. Facilitará a manutenção do edifício. Quem quiser ir trabalhar na marcenaria pode ajudar uma família a montar sua casa. É um local para produção de mobiliário para o movimento. Uma ocupação tem muitas necessidades - caixilhos, portas, divisórias etc. - e a marcenaria será um lugar de muito aprendizado para responder a demandas reais. Essa força de lidar com necessidades efetivas e urgentes tem uma importância grande dentro do universo pedagógico - isso fará da marcenaria um lugar muito interessante de aprendizado.

A marcenaria faz parte desse guarda-chuva que é o movimento na sua visão mais genuína do aprender, do fazer, do construir. A gente acredita que instrumentalizando, aparelhando e criando uma gestão, isso pode ser muito valioso para as pessoas que fazem parte do movimento de moradia. A Nove de Julho tem abraçado essas manifestações pedagógicas.

LFA O Aparelhamento é esse grupo de artistas que se formou a partir de um leilão coletivo de obras de arte na Funarte Ocupada em 2016, e que, desde então, promove estratégias de atuação em diversas frentes, incluindo ações artísticas, projetos em ocupações e envolvimento em processos colaborativos. É com essa estratégia que eles estão desenhando a cozinha e a bolaria na ocupação Nove de Julho, como parte de uma série de programas que pretendem ser colocados nesse andar do prédio destinado a atividades comuns. No meu caso, acabei entrando, junto com a Carla Caffé, para ajudar no projeto e estruturação da marcenaria: um antigo desejo do movimento para dar conta das demandas internas de construção, mas que também enxergo ter o potencial de ser um espaço maker do centro. É um lugar ideal para fazer objetos de arquitetura e de design que possam contribuir para as demandas urbanas urgentes próprias da habitação, mas também para propor e construir equipamentos para ocupação cultural do espaço público. Dentro dessa proposta, uma série de mobiliários (desenvolvidos na disciplina que citei) está prevista para ser construída nas áreas externas da Nove de Julho em uma oficina que fará parte do calendário de atividades da 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo.



PLANTA DE SITUAÇÃO
SITE PLAN



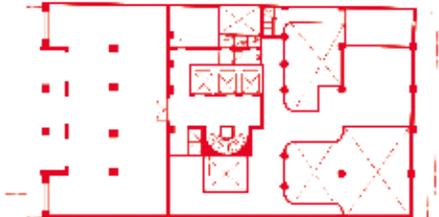
PAVIMENTO TÉRREO AV NOVE DE JULHO
GROUND FLOOR TO NOVE DE JULHO



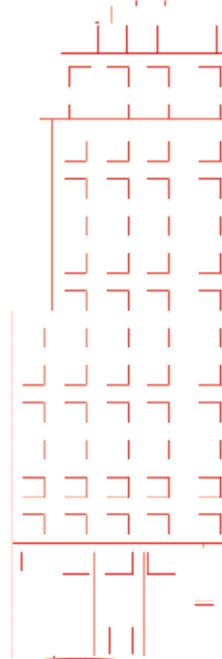
PAVIMENTO TÉRREO RUA ÁLVARO DE CARVALHO
GROUND FLOOR TO ALVARO DE CARVALHO STREET



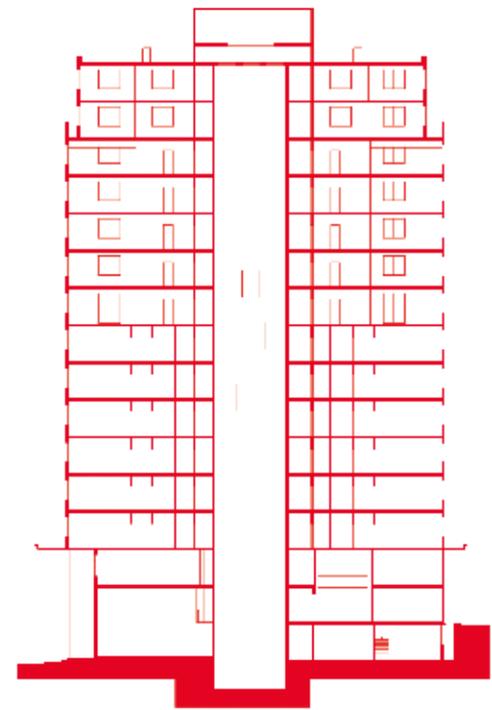
PAVIMENTO SOBRELOJA
MEZZANINE FLOOR



FACHADA AV NOVE DE JULHO
NOVE DE JULHO FACADE



CORTE A
SECTION A



1º AO 6º PAVIMENTO
1ST TO 6TH FLOOR



14º PAVIMENTO
14TH FLOOR



February 23, 2016

STUDIO-X How did the collective come about?

CARLA CAFFÉ In early 2014, my sister, Eliane Caffé, approached me to do the art direction for the film. Right from the start, we knew it would be in a squat. We visited a few squats until we selected the former Hotel Cambridge, and I saw that this was an extremely important subject for an architecture school. We thought about doing a collective with students from the Escola da Cidade, through a subject together especially for the case, with Luis Felipe Abbud as assistant professor, and 21 students.

STUDIO-X What were the objectives of the art direction?

CC Normally, art direction is restricted to meeting the needs of the script; however, in this case, we decided that its objective would also be to meet the needs of the squat - the design of the squat. Before including the participation of the students, we held a few meetings with the leadership of the Frente de Luta pela Moradia (literally, the Front for the Fight for Housing; FLM) and that was when we decided that the film's contribution would be design by architects, improvements to the building.

STUDIO-X What were these improvements?

CC We focused on the building's common areas: the foyer, the library, and the seamstresses' studio, which has a strong presence in the squat, but ended up being used as a thrift store and for collective meetings. However, since we also had to meet the needs of the script, there were scenes inside the apartments. Soon, the students had the chance to enter the houses, to photograph them, to see how the people live. In this sense, film opens doors. Cambridge is a consolidated, organized squat. It is a warm, welcoming space, in no small part to the generous architecture of the 1950's when it was the Hotel Cambridge.

STUDIO-X Who participated in the decision-making meetings?

CC We had design presentations for the community, always with the presence of Carmen Silva, the squat's coordinator. Since the project was done with them - the labor was by people from the movement - we needed to know who did the carpentry, the metalwork, the electrical work. At one point, we decided to work there, to work on the design inside the squat itself.

MANUELLA LEBOREIRO Most days, the largest participation was from children. They would always come ask what we were doing. They always wanted to work with us.

LUIS FELIPE ABBUD The residents of the squat have their schedules. In the stage mentioned by Manuella, our subject was concentrated in the mornings and afternoons, which are times that most of the occupants are working. When post-production started, the team needed to work all hours, and we started to see the atmosphere in the squat change completely at 8 o'clock in the evening, when the residents came home from work.

STUDIO-X Was the design phase more difficult because of this?

LAURA PAPPALARDO When you work on a place where people are already living, you simply can't design something from outside and then just place it there - that won't work. We had snags with some ideas that we thought were good, but that didn't make sense for the squat's residents, or whose execution was more difficult than we had imagined.

ML It was interesting to learn to deal with the frustrations. You have this idealized view of the design that you think will be the best, but when you are face-to-face with the people, that view just doesn't fit. It is ideal for you, but

not for daily life in the squat, for what they really need.

STUDIO-X Could you describe your work in phases?

CC In the film's pre-production, first, we had a research phase, which included learning about the script and the squat. With the needs of the script in mind, we would go to the Cambridge, knock on the doors of each house, go in, chat, and take note of what it had and what it didn't. We would go there mapping out existing objects and wardrobe to suit certain people. For around two months, we did the reconnaissance of the building's fifteen floors, and we took in the needs of the squat, and based on that we moved on to phase two: design, prospection. At that time, we noticed that we couldn't work on our design in the Escola da Cidade, and we decided to do it in the Cambridge, as Lina Bo Bardi did at the Sesc Pompéia. In the beginning it was tricky, since there weren't even enough chairs, desks, outlets, internet, but we accepted that it was best to do the design phase on site. Also at that time, we decided to work with Mister, from the Basurama collective, through his idea that "garbage doesn't exist," to design based on the recycling of materials. After all, we were in an environment of recycling, of redefinition. The squat is a redefinition. After a month of design, we held presentations, sought the required authorizations, and then started on the execution phase. This phase was done in close partnership with the FLM. About three weeks of execution with the movement's workforce. There was Rogerio, who has a metalwork shop inside the squat, Ronaldo, a carpenter/artist, and others that worked in electrical and plumbing maintenance for the building. Pre-production lasted from August to October 2014, and the filming took place in November and December. The innovative part of this project is that the architecture is also the content of the film. The architecture is the main thread. The Cambridge is the main thread. When you do film, you can do architecture.

STUDIO-X What architectural design was done in the foyer?

CC The foyer didn't have any equipment or furniture. Since it didn't have anything, children would run from one side to the other, since it was the only place they could run. There was a ridiculous amount of paper stuck to the wall, notices of payment, for taskforces, material for taskforces, and movement reports.

LP The foyer was also the security entrance, so there is always someone there, with a notebook to keep track of what time each person comes and goes.

ML And there was a strong sewage smell in the foyer.

CC We replaced the sewer lids, and repaired the plumbing. In the workshop with Basurama, we made several super comfortable armchairs out of tires.

LFA Two tires, five screws, you cut off a bit, adjust it a bit, and that's it!

CC We painted the pillars and the walls with blackboard paint, to encourage paperless communication. But the focus of the space were the children: we made a tire swing, and we stuck courses onto the floor, for different path configurations.

LFA As though it were a board game and the children were the pieces. When the film ended, toys were donated and that's where they stayed.

CC One interesting comment was from Carmen, the coordinator, when she saw the tire armchairs: "Wow, great for making barricades!" It really is a struggle.

STUDIO-X What was the project in the workshop?

CC When we got there, the seamstresses' studio was a design by the movement, because they make the banners and t-shirts, and end

up helping with different communications. It is a very feminine space. There were four sewing machines and one cutting table, but there were a lot of fabric ends; there was a lot of scrap there. And, at the Cambridge, there was an inhospitable space with lighting problems and broken furniture that wasn't being used, but where the ceilings were high and the floor was hardwood. We took the four sewing machines there, we set up several clotheslines, makeup dressers, lighting, change rooms. However, since it is an area that leads from one area to another and it has access to the road, there was a security issue. Even though the seamstresses wanted the machines to stay there, they couldn't leave them in the space, which became an events area for the squat. Since we had renovated and resurfaced the original hardwood floor, this ended up leading to people playing capoeira there. With the new lighting and the equipment, thrift stores are set up there, feijoadas are held, along with religious services, and the last time I was there there was a gay marriage taking place.

STUDIO-X And what was the architectural design for the library?

LFA The matter of values is curious. The room for the workshop has an extremely high ceiling, wood paneling on the walls, mirrors, hardwood floors, and the squat's intent was to take this all out, paint everything white and tile the floor. They had had time to do this in the library, before we arrived: the space had been a tearoom, with dark green paint, hardwood floor, and they replaced everything with ceramic tiles that look like hardwood.

CC Carmen made the statement that, if it weren't for the film, she would have already subdivided the library space and placed more families there; however, with our work, she realized the importance of common areas for the participation of the movement, to encourage a feeling of community. Before, the library had been closed off, the piles of books were locked in a dark room, with no ventilation or natural light. We designed just the opposite; we made a library in an open and inviting space, so that anyone passing by the building could see in and feel free to stay there. The area has natural lighting and good ventilation. We put in a couch for reading, a table and four computers. The books can be borrowed from the shelves. After filming, Silvana Kassab took on a book selection project, and went through the books with a fine-tooth comb, since they receive donations of outdated and irrelevant books, like the Windows 93 software manual or the 1970 Civil Code. Nowadays they only have educational books. The Cambridge's library ended up well appointed. Before, items used to be locked in there, but with our intervention, they realized that things needed to be made available to the community. That was how we learned that furniture also has a social function.

October 24, 2017

STUDIO-X How do you see the impact of the movie *The Cambridge Squatter* within the movement?

LFA When the movie came out, the whole crew had the prestige of attending festivals and special screenings, participating in roundtables and discussions, and they saw *The Cambridge Squatter* as a complete work. Then there was a release party for the movie actually held at the Cambridge Hotel, and this was right after they had occupied Nove de Julho. On that occasion, the residents called Eliane Caffé, Carla Caffé and some other people to visit the new occupation. When we got there late at night, we saw lots of people sleeping on mattresses, improvised beds, being that they had just occupied the place. Then suddenly, I bumped into Magali, a character who has one of the most prominent roles in the movie, and I

said to her: "Hey Magali, this is so cool! I'm really happy to see you. You're one of my favorite characters in the movie!" And she answered: "Wow, really? You know I haven't even managed to see the movie yet?" That was like a wake-up call that really moved me personally, because we were dealing with all the frisson and prestige of an award-winning feature film, and when I got to talk with one of the lead actresses, it brought me back to reality: the movement was still going on there, the struggle keeps going. Having gotten applause all around the world, the same characters were there sleeping on the floor on makeshift mattresses and still fighting to guarantee their own housing. This fact really struck me. It reminded me that a movement is something that's ongoing: the movie was one episode out of many others that were part of the history of the movement. I hadn't thought about this before, but I think it instilled in me a kind of responsibility to make me keep working with them beyond the episode of the movie.

CC What most caught my attention was the fact that the housing movement had made it into the movies. We were able to offer tickets at two movie theaters located near the Cambridge: Cine Olido and Shopping Frei Caneca. And what was curious were all the manifestations on Facebook, like one text written by a guy who noticed the differences in an audience of people from the housing movement: there were people who had never been inside a movie theater before and, since they had never been programmed according to the codes of moviegoing conduct, they would interact with the movie. Others mentioned that the presence of the occupation's residents truly was an event, because the movie broke through these social barriers that are so ingrained in our daily lives. Going to the movies is a middle class thing to do. And the people from the movement were able to occupy a movie theater. I saw this as something very revolutionary. The movie fomented a change on both sides. It changed the perspective of some of the movement's coordinators: they perceived the power of the artistic language, the way it can break paradigms and reach everyone. On the other side, The Cambridge Hotel helped to demystify the occupations. Those who went to see the movie saw families, women, caretakers, without the stigma that says that they're marginalized people. I think this helps the movement too.

Another example which Carmen herself mentioned is the closure of the windows. In the past the strategy was: once a place was occupied, it had to be closed up. Last year, when we occupied Nove de Julho, we made a point to post notices around the neighborhood. Notices that went something like this: "Excuse the inconvenience. The families, women and children of the movement for housing are working to clean up the space and removing hotbeds of dengue and disease." In the past, people would have shuttered the windows in order to not show the circulation inside. After the movie, the initiative became one of interaction. We're now going to announce our actions to the rest of the neighborhood.

STUDIO-X In what ways has your involvement helped to advance the movement?

LFA I think the best example of this was Abril Vermelho ["Red April"] of this year: for the first time, instead of a building for habitation, the movement decided to occupy an abandoned urban space that they intended to turn into a plaza for public use, reactivated and administered by the people in the neighborhood. Not just people from the movement, but also other collectives of cultural militancy active in the city center, owners of local establishments, supers and residents from the neighborhood buildings. It's a posture that is always open to exchange: at the same time that we're learning

a lot from them, they're also learning from us. It's so cool seeing how the movement incorporated the idea that the banner of housing isn't just limited to homes, but it also extends to urban facilities that complement habitats. In a sense, this can already be seen in the communal areas of the Cambridge - on the ground floor, in the thrift shop, in the cake shop, etc. I'm still involved with the movement, helping out with certain actions, like when they occupied the plaza. We formed a collective with architecture students, Coletivo Tobogã, comprised of Bárbara Fernandes, Bruna Marchiori, Catarina Calli, Fernanda Colejo, Giulia Godinho, Laura Pappalardo and Luís Felipe Abbud] to design the urban furnishings for this occupied plaza. We ended up transforming it into an elective course at Escola da Cidade called "Furnishings for the Open Plaza Occupation - Ladeira da Memória" [realized in the second semester of 2017 with the participation of students Beatriz Sallowics, Beatriz Coimbra, Catarina Calli, Daniel Carvalho, Derek Orlandi, Giovanni Frazzatto, Graziela Godoy, Mably Rocha, Marcelo Moreno, Maytê Coelho, Noel Lima, Pedro Cassiano and Pedro Norberto]. I believe that these actions stem from the ascertainment that, as students and professionals, we don't need to abide by the demands of academia and the market: I think it's very important for architects to try, as much as possible, to get involved in certain actions of public usefulness, in order to contribute to an effective transformation of the city's pressing problems, and also to involve civil society institutions that are able to contribute to this.

I think the movement is providing a great opportunity to exert this new kind of architecture and urbanism driven by collaborative, diluted action that is more concerned with effectively solving society's problems than the usual authorial genius of architects, which is what academia and the media tend to perpetuate and which lingers like an odor left over from the more heroic days in our strong modernist tradition.

CC After the movie came out, I realized the need to create the kind of management that came out of the movie. It's no use to just equip. There has to be collaborative management - something which is still complex for us, being that we're very individualistic in our desires and expectations. My personal experience of living in a middle class building was one of living shut up inside my apartment, hardly even knowing who my neighbors are.

On the other hand, an occupation allows us to live collectively in a building: the cleaning chores are shared, the maintenance is shared, the party on Children's Day is collective, the party on Father's and Mother's Day is collective, etc. And this doesn't remove people's identity. On the contrary, this way of living collectively provides an identity: it opens an enormous possibility for pedagogical actions, for workshops, for collaborative work. In the movement, you see the possibility of collective coexistence in the habitation. Anything that is done in an occupation has a collective amplitude: the staircases inside a building are like the streets of a city.

Since I entered the movement, I've been circulating in a few walks of life: in the beginning there was the story of the thrift shop. After I migrated to the experiment of the garden on the roof of the Cambridge. Now I'm working with carpentry and in the kitchen with a collective of artists known as Aparelhamento.

STUDIO-X What have your functions been like in the Nove de Julho Occupation? In which spaces are you involved and how?

CC With this group of artists, we are equipping the kitchen so we can offer culinary workshops, culinary exchange experiences with refugees, as well as the possibility of earning some extra income for the residents,

and also to talk a little about the importance of good nutrition. The kitchen is interesting because it's where people interact more. Outfitting the kitchen is a way to equip the movement with tools.

On the other hand, the wood shop is, to a certain extent, the fruit of the relationship we established with Ronaldo in the movie. Ronaldo is an artist. The belt he wears is made out of the tube of bicycle tire. He gave me a beautiful vase made out of a lightbulb. He inspired me and made me wonder what he'd be like if he had all the equipment and tools. The idea for the wood shop in the Nove de Julho occupation arose out of this necessity for a well-equipped place, that could be used to store and organize the tools and materials. It makes the maintenance of the building easier. Anyone who wants to work in the wood shop can help a family put up their house. It's a place where the furniture for the movement is produced. An occupation has lots of necessities - casements, doors, partitions, etc. - and the wood shop was meant to be a place for learning in order to respond to real demands. This effort to address effective and urgent needs is very important in the pedagogical world - which makes the wood shop a very interesting place for learning.

The wood shop is part of this umbrella that is the movement in its most genuine vision of learning, creating and constructing. We believe that by providing tools, outfitting and creating a new administration, this can be very valuable to the people who are part of the housing movement. Nove de Julho has embraced these pedagogical manifestations.

LFA Aparelhamento is a group of artists that formed out of a collective auction of works of art at Funarte Ocupada in 2016, and which, since then, has been promoting strategies for efforts on various fronts, including artistic actions, projects in occupations and involvement in collaborative processes. It is with this strategy in mind that they are designing the kitchen and the cake shop at the Nove de Julho Occupation, as part of a series of programs to be set on this floor of the building designated for communal activities.

In my case, I ended up entering, together with Carla Caffé, to help design and structure the wood shop: one of the movement's old ambitions in order to deal with the internal demands of the construction, but something which I also see as having the potential to be a DIY space in the city center. It's an ideal place to make architectural and design objects that are able to contribute to the urgent urban demands of the habitation itself, but also to propose and construct equipment for cultural occupation of public space. As part of this proposal, a series of furnishings (developed in the course I mentioned) is in the works for the outdoor areas around Nove de Julho, in a workshop to be included in the calendar of activities for the 11th São Paulo Architecture Biennial.



11 Fevereiro, 2016

STUDIO-X Qual é o nome do escritório?

TIAGO CASTELO BRANCO LOURENÇO Trabalho em três coletivos e todos fizeram parte do projeto de Dandara: o Escritório de Integração da PUC-MG, os Arquitetos Sem Fronteira e a Corporação de Ofício de Arquitetura e Urbanismo (COAU).

STUDIO-X Como foi o envolvimento no projeto?

TCBL Em eventos acadêmicos na PUC-MG, tínhamos a presença de várias comunidades que demandavam serviços de arquitetos, e foi onde conheci uma das lideranças de um movimento social chamado Brigadas Populares. No início de abril de 2009, eles fizeram a ocupação Dandara. Desde então passei a acompanhar Dandara, que se torna meu Trabalho Final de Graduação, e o projeto inicia dentro do Escritório de Integração da PUC, o qual, desde a criação do curso de Arquitetura, promove assessorias técnicas a várias comunidades de baixa renda na região metropolitana de Belo

STUDIO-X Quem participava das decisões?

TCBL As pessoas da ocupação. Nós sempre tivemos a preocupação de tornar o nosso discurso técnico de arquiteto e engenheiro em um discurso que as pessoas pudessem manipular. Fazíamos maquetes e ficávamos discutindo com os moradores, por exemplo, como seria o sistema viário e o parcelamento do solo. O movimento social tem um papel importante, mas a decisão de fato era dos moradores.

Uma primeira proposta nossa era de um sistema com poucas ruas e vários lotes coletivos, em por uma decisão exclusiva dos moradores, o sistema viário ganhou um maior número de ruas e lotes individuais. Teve um morador que questionou nosso entendimento da situação e nós continuamos tentando fazer com que aquela maneira de pensar a cidade deles se adequasse à legislação urbanística, a fim de que fosse regularizado e integrado à cidade de Belo Horizonte. Para nós, como arquitetos e sonhadores de um mundo mais interessante, é um pouco frustrante, mas entendemos que isso faz parte de um amadurecimento, tan-

na aprovação ou não da proposta. Uma estratégia muito utilizada era fazer dois desenhos diferentes para determinado aspecto do projeto, para depois ser votado. O resultado é um documento que chamamos de Plano Diretor Coletivo.

STUDIO-X Em que momento vocês arquitetos são chamados para colaborar nesse processo?

TCBL Na realidade, tive um protagonismo pois cheguei lá nos primeiros dias da ocupação. E eu já conhecia muito bem o terreno, que tinha sido objeto de reflexão na minha graduação. Eu andei com eles pelo terreno já ciente das várias condicionantes ambientais e urbanísticas que eram importantes respeitar. Assim, eles tiveram uma melhor condição na disputa do território: maior legitimidade sobre o que ia ser construído ali.

Afinal, o discurso do poder público é que ali seria formada uma nova favela. O que é uma favela? Favela é um lugar de crescimento desordenado. Mas nós chegamos com um projeto urbanístico, dentro dos parâmetros que a cida-

de legal coloca e isso está sendo respeitado. O primeiro agente público a chegar nesse lugar é a polícia, mas quando chegavam pessoas portando uma planta humanizada da área, o policial ficava até sem jeito de confrontá-las. O plano urbano, o projeto de arquitetura, é um elemento de resistência para que aquelas pessoas fiquem no território.

STUDIO-X

Hoje em dia, os moradores têm a posse?

TCBL Eles têm uma posse na marra, porque eles não têm posse na justiça. A reintegração de posse ela pode ser reivindicada pelo proprietário, porém ele tem poucas condições políticas e concretas de realizá-la.

STUDIO-X Em que estado o terreno foi encontrado?

TCBL Dandara fica na nobre região da Pampulha, mas com restrições de legislação para se construir e adensar a área, o que levava o mercado imobiliário a não ter interesse em investir ali. Em função disso, este terreno de 31 hectares estava vazio. O lote está no limite de Belo Horizonte com as cidades de Contagem e Ribeirão das Neves, mas há de se ressaltar que BH é um município praticamente todo ocupado. Ou seja, uma área vazia como aquela era uma afronta para a ideia de função social da propriedade - ainda mais que na vizinhança existia uma grande favela. Na primeira noite em abril de 2009, a ocupação começa com pouco mais de cem famílias. Na segunda noite, já tinham mais de mil famílias dentro do terreno.

STUDIO-X Quanto tempo levou o processo de projeto?

TCBL A polícia reprimiu o processo de ocupação do terreno nos primeiros momentos, o que acabou por nos dar tempo para trabalhar no projeto de arquitetura. A polícia criou um cordão de isolamento no terreno, forçando todo pessoal a ficar amontoado em uma área equivalente a 10% do total. Ali, nós fizemos escondidos um projeto demarcando grandes lotes no meio do terreno. Teve uma ocasião em que cheguei com uma lapiseira Pentel, e um policial me questionou o que eu fazia com aquela lapiseira ali - parecia que a lapiseira era uma bazuca.

Num dia de julho de 2009, três meses após o início da ocupação, nós fizemos uma ação religiosa: chamamos um padre, um advogado muito religioso, e fizemos uma procissão no meio da ocupação. A polícia ficou sem entender o que estava acontecendo. Nesse momento, os moradores romperam com o cerco e foram para o centro do terreno, de pronto ficando um monte de piquetes. Quando a polícia percebeu, nossos advogados foram lhes dizer que nós estávamos exercendo a posse do nosso terreno, e os policiais não tiveram mais o que fazer.

STUDIO-X A execução iniciou naquele exato momento?

TCBL Sim, nós já tínhamos modulado os lotes para cada morador, todos com o mesmo tamanho. Assim que o pessoal entrou, começaram a piquetar o terreno. No início de setembro de 2009, já estava tudo demarcado, todos morando dentro dos lotes individuais, e cada morador começou a construir sua casa em um processo de autoconstrução como a que observamos nas periferias de todo o Brasil. O que se estende até hoje.

As áreas coletivas tinham ficado em aberto. No final de 2009, fomos convidados pelos moradores para desenvolver o projeto do centro comunitário, cuja construção se estendeu até 2013, com muitas alterações das mais bizarras possíveis no decorrer desse projeto. Em 2011, fizemos o projeto do centro ecumênico que virou a Igreja Católica de Dandara. Primeiramente, fazíamos o desenho e levávamos para a reunião com os pedreiros, que eram moradores, e nós íamos alterando no decorrer da obra. O desenho era só a conversa inicial. O desenho era feito para ser alterado.

STUDIO-X Quais foram os principais limites de projeto?

TCBL O maior limitador é o poder público, que não presta o serviço de assessoria técnica para a população que necessita, não promove uma política habitacional para atender a demanda, e quando se faz isso como arquiteto voluntário ou através de uma entidade, como foi meu caso, nós somos desrespeitados todo o tempo perante os nossos colegas e muitas vezes impedidos de participar de outras instâncias.

STUDIO-X Quais foram os momentos mais críticos?

TCBL Um dos momentos mais críticos da ocupação Dandara foi em 2011, quando houve uma ameaça de despejo para todas as famílias. A ocasião coincidiu com a possibilidade de participar da Bienal de Arquitetura de São Paulo. Fizemos uso disto para a luta política que aqueles moradores enfrentaram. A participação em exposições é um modo de marcar presença e mostrar que a arquitetura pode assumir outros formatos, que pode ter outra postura diferente da mais tradicional que existe.

OCUPAÇÃO DANDARA DANDARA SQUAT

BELO HORIZONTE - MG

TIAGO CASTELO BRANCO LOURENÇO

ARQUITETOS / ARCHITECTS

Horizonte. Posteriormente, o projeto foi apropriado pelo Arquitetos sem Fronteiras e pelo COAU. Hoje, da minha parte, a vinculação acadêmica para assessorias técnicas às ocupações urbanas ocorre pela PUC-MG e também pela UFMG, onde também sou professor e nós temos a Oficina de Assentamentos Precários, a qual também acompanhou Dandara.

STUDIO-X Como se deu o processo de reunião desses grupos? Houve concorrência, concurso, convite?

TCBL Não teve uma concorrência. Estávamos lá como arquitetos na hora certa e começamos a apontar os elementos importantes para que aquele lugar fizesse parte da cidade formal.

STUDIO-X Vocês nunca tiveram um contrato para esse trabalho?

TCBL Nunca fomos contratados. Foi um trabalho voluntário ou vinculado aos trabalhos de extensão que eram desenvolvidos dentro da universidade.

STUDIO-X Quem era o cliente?

TCBL As Brigadas Populares e os moradores da ocupação. Não tinha envolvimento do Poder Público.

to por parte dos moradores, da experiência no espaço, quanto da nossa parte enquanto técnicos.

STUDIO-X Tinha algum membro do governo presente nas reuniões?

TCBL Não. Somos vistos como loucos por várias pessoas dos órgãos públicos do município. Alguns falam que quando oferecemos esse tipo de serviço, nós estamos desqualificando a nossa profissão.

STUDIO-X Que métodos foram utilizados para se aproximar e estabelecer um diálogo com os moradores?

TCBL Levávamos materiais que podiam ser manipulados pelos próprios moradores em reuniões informais no meio dos barracos de lona: eram maquetes com curva de nível, nas quais a gente ia traçando a rua com fita crepe, de modo bem precário, mas que qualquer um podia manipular aquilo. Não chegávamos com um desenho pronto. Era um trabalho em campo sendo realizado com os moradores e, depois, nós registrávamos aquilo em desenho. Quando a discussão estava mais consolidada entre os moradores mais interessados, isso era levado para uma assembleia, na qual o debate era ampliado, e todos os moradores votavam



11 Fevereiro, 2016

STUDIO-X What is the office's name?

Tiago Castelo Branco Lourenço I work at three collectives and all of them are part of the Dandara project: the Integration Office of PUC-MG, the Architects Without Borders and the Architecture and Urbanism Cooperation (COAU).

STUDIO-X How were you involved in the project?

TCBL At academic events at PUC-MG, we had several communities requesting architecture services, and this is where I met one of the leaders of the social movement called Brigadas Populares (People's Brigade). In early

April of 2009, they established the Dandara Squat. Since then, I began following Dandara, which became the topic of my Dissertation, and the project began within the Integration Office of PUC-MG, which, since the creation of the Architecture course, promoted technical advisory services for several low-income communities in the metropolitan region of Belo Horizonte. Later, the project was taken over by the Architects Without Borders and the COAU. Today, for my part, the academic link to technical advising services for urban squats occurs through PUC-MG and UFMG, where I am also a professor and where we have the Precarious Settlement Workshop, which also monitored Dandara.

STUDIO-X What is the meeting process like for these groups? Is there competition, bidding, invitations?

TCBL There was not a bidding competition. We were there as architects at the right time and we began indicating important elements for the place to become part of the formal city.

STUDIO-X Did you ever have a contract for this work?

TCBL We were never contracted. It was voluntary work or it was linked to the extension works that were developed within the University.

STUDIO-X Who was the client?

TCBL The People's Brigade and the residents of the squat. The Government was not involved.

STUDIO-X Who participated in decision-making?

TCBL The members of the squat. We always made sure to turn our technical architecture and engineering discussions into discussions that the people could understand. We made mock-ups and discussed with the residents, for example, how the road system and division of land would work. The social movement has an important role, but the actual decision was that of the residents. One of our first proposals was for a system with few roads and several collective plots, and at the sole discretion of the residents, the road system gained more roads and individual plots. There was a resident who questioned our understanding of the situation and we keep trying to find a way to make this opinion of their city comply with urban legislation, so that it is regulated and integrated into the city of Belo Horizonte. For us, as architects and dreamers of a more interesting world, it's a little frustrating, but we understand that this is part of the maturation process, by both the residents, their experience in the space, and by us as technicians.

STUDIO-X Do any members of the government attend the meetings?

TCBL No. We are seen as crazy by many people involved in the city's public agencies. Some say that when we offer this type of service, we are discrediting our profession.

STUDIO-X What methods were used to effectively communicate and establish a dialogue with the residents?

TCBL We bring materials that can be manipulated by the residents themselves in informal meetings, in the middle of canvas tents: there were models with contour lines, where we would mark the streets with masking tape, quite precariously, but so that anyone could manipulate it. We didn't arrive with a finished design. It was field work being carried out by the residents and, afterwards, we included it in the design. When the discussion was more consolidated among the most interested residents, it was brought to a meeting where the discussion was expanded and all of the residents voted to approve or reject the proposal. A frequently used strategy was to prepare two different designs for a certain aspect of the project, to then be voted on. The result is a document that we call the "Collective Master Plan".

STUDIO-X At what point are you, the architects, called to collaborate in this process?

TCBL Actually, I had a leading role since I arrived there in the first few days of the squat. And I already knew the plot really well, as it had been the subject of my dissertation. I walked with them across the plot, already aware of the various environmental and urban constraints that were important to keep in mind. Thus, they had a better stance when disputing the land: greater legitimacy on what was going to be built there.

Finally, the government's argument is that there will be a new favela (slum) there. What is a favela? A favela is a place of uncontrolled growth. But, we have created an urban design, within the legal parameters imposed by the city, which are being respected. The first public official to come here is the police, but when people arrived carrying a humanized plan for the area, the police were unable to confront them. The urban plan, the architectural design, is a resistance tool for those people to remain on the land.

STUDIO-X Do the residents currently have ownership?

TCBL They have ownership by force, because they have no legal ownership. Repossession can be claimed by the owner, but there are few political and concrete conditions to do so.

STUDIO-X What was the state of the plot when it was found?

TCBL Dandara is located in the prime district of Pampulha, but there are legal restrictions for building and increasing the population of the area, so the real estate market was not interested in investing there. As a result, this 31-hectare area of land was empty. The plot is on the border of Belo Horizonte and the cities of Contagem and Ribeirão das Neves, but it is worth mentioning that BH is a city that is almost entirely occupied. In other words, a vacant area like that was an affront to the idea of the social function of the property - even more so, because in the vicinity was a large favela. On the first night in April of 2009, the squat started with few more than 100 families. On the second night, there were already more than one thousand families on the plot.

STUDIO-X How long did the design process take?

TCBL The police cracked down on the squatting process in the early stages, which gave us time to work on the architectural design. The police created a cordon of the plot, forcing everyone to be piled into an area equaling about 10% of the total area. From there, we secretly created a design marking large lots in the middle of the plot. Once I arrived with a Pentel mechanical pencil, and a police officer asked me what I was doing with that pencil - it was like the pencil was a bazooka.

One day in July of 2009, three months after the squat began, we had a religious event: we called a priest, a very religious lawyer and we had a procession in the middle of the squat. The police didn't understand what was happening. Then, the residents broke through the cordon and occupied the center of the plot, immediately putting down tons of stakes. When the police realized what happened, our lawyers went to them and said that we were exercising ownership over our plot, and there was nothing else the police could do.

STUDIO-X Did execution begin at that very moment?

TCBL Yes, we had already modulated plots for each resident, all the same size. As soon as people entered, they began staking out lots. In early September of 2009, everything was already staked out, everyone was living in their individual plots, and each resident began building their house on their own, as we have seen in the peripheries across Brazil. This is still happening today.

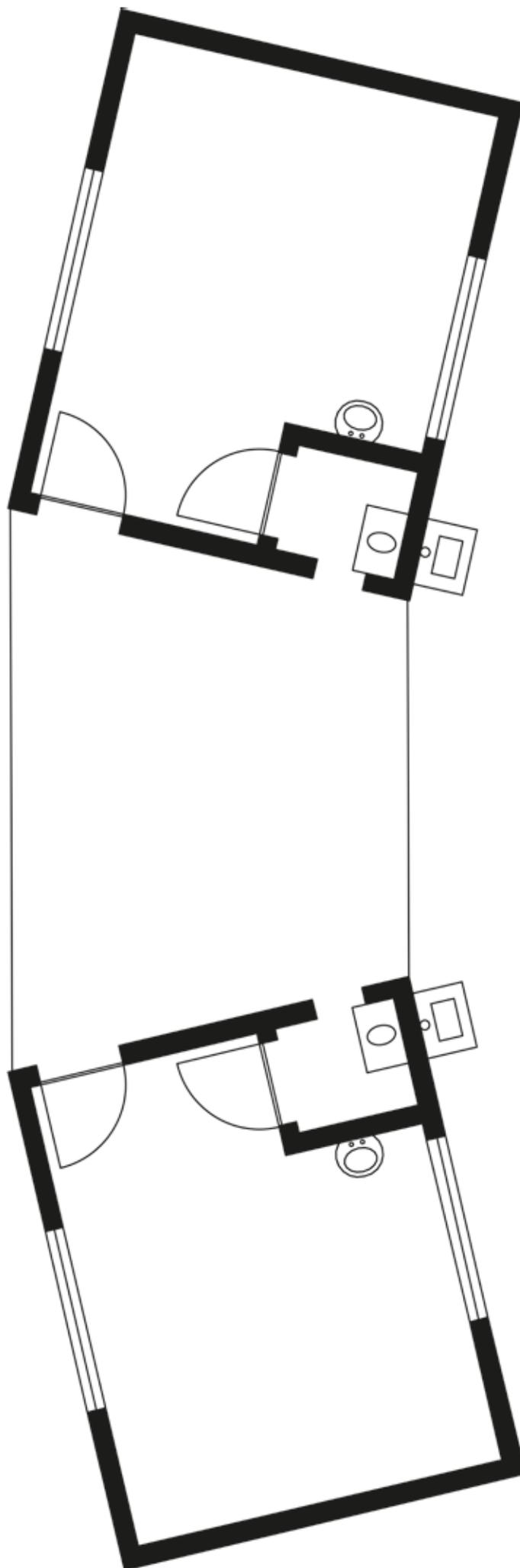
The collective areas have remained open. In late 2009, we were invited by the residents to develop the community center project, whose construction lasted until 2013, with many changes of the most bizarre kind during this project. In 2011, we did the ecumenical center project, which became the Dandara Catholic Church. First, we prepared the design and brought it to the meeting with the bricklayers, who were residents, and we continued making alterations throughout the work. The design was just the initial conversation. The design was made to be altered.

STUDIO-X What were the project's major constraints?

TCBL The biggest constraint is the government, who doesn't provide technical advisory services to the population in need, who doesn't promote a housing policy that meets the demand, and when you do this as a voluntary architect or through an entity, as was my case, we are constantly disrespected before our colleagues and often prohibited from participating in other forums.

STUDIO-X What were the most critical moments?

TCBL One of the most critical moments of the Dandara Squat was in 2011, when there was an eviction threat for all of the families. This event coincided with the possibility of participating in the São Paulo Architecture Biennial. We used this for the political struggle that the residents faced. Participation in exhibitions is a way of establishing a presence and showing that architecture can assume other formats that it can have a different stance from the more traditional stance that prevails.



STUDIO-X Quando e como surge a Usina?

FERNANDO MINTO A Usina inicia os trabalhos em 1990, com o intuito de dar assessoria técnica aos movimentos de luta pela moradia.

STUDIO-X Como a Comuna Urbana Dom Helder Câmara entrou em contato com o escritório?

FM Várias famílias ocuparam uma área da Fepasa (Ferrovia Paulista S.A.), no município de Jandira, e lá moraram por um bom tempo até ser feita a reintegração de posse. Coube a um padre fazer a assistência e o acolhimento, mantendo unida uma grande parte dessas famílias, as quais passaram a ocupar um edifício de uma escola cuja obra foi paralisada. Nesse interim, houve a negociação com a prefeitura e o governo do estado de São Paulo, que então viabilizou, via Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano (CDHU), um projeto numa área cedida pela Prefeitura: eram edifícios de tipologia H, cuja implantação devia-se a um grande arrimo que aterraria parte do terreno que era um grande talvegue. Nesse momento, as famílias assessoradas pelo padre tiveram dificuldade de entender que aquilo era bom, principalmente pelo fato de irem morar em pequenos apartamentos, quando estavam acostumados a morar em casas com quintal. Devido a essa resistência ao projeto dos predinhos, os moradores pediram ajuda a esse padre, que indicou que essas famílias passassem a integrar um movimento: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Após a integração desses moradores de Jandira ao movimento, o MST indicou que o ideal seria procurar uma assessoria técnica para que deixassem de ser reféns do projeto da CDHU. Por já estarem desenvolvendo outro projeto na Grande São Paulo, o MST indicou a Usina.

STUDIO-X Como eram as reuniões nesse processo? Quem participava?

FM Existiam algumas escalas de decisão. No que diz respeito ao projeto, todas as decisões eram tomadas em assembleia com as famílias, desde o levantamento das reais necessidades até o desenho em si. Outras decisões, que eu chamaria de restrições, eram feitas em reuniões com o agente financeiro - a Caixa Econômica Federal. Além das reuniões com a prefeitura, para que mostrássemos o projeto e tivéssemos as aprovações. Então, tínhamos reuniões com decisões de projeto, de restrição e de aprovação.

STUDIO-X Você poderia descrever esse processo junto aos moradores?

FM Foram muitas assembleias com as famílias. O primeiro momento era de entender as expectativas, tanto as deles quanto eles compreenderem as nossas também. Tivemos algumas conversas iniciais sobre o que é a cidade, qual é essa relação deles com a cidade, como é a relação deles com a casa, qual a expectativa deles sobre casa, sobre modelos possíveis de casa, a fim de que tivéssemos um espectro maior de opções na hora de decidir. Depois dessas conversas, passamos para o projeto propriamente dito. Existem alguns mecanismos nos quais a gente pode trabalhar

esse desenho coletivo. Numa escala um pouco maior que a da prancheta, esses mecanismos permitem desenhar com mais pessoas, em uma tentativa de desmontar a prática do desenho enquanto instrumento de domínio. Se você trabalha com pessoas que não têm a prática do desenho, isto é, que não são arquitetos, você pode interferir de maneira muito incisiva. Desmontamos essa prática de modo que todos fazem esse desenho: projetamos algumas imagens em um painel no qual temos a área, e chamamos todo mundo para tentar distribuir as atividades.

Ou seja, primeiro, o desenho enquanto atribuição de função ao espaço feito coletivamente, depois a assessoria técnica faz a tradução para um desenho técnico, porém feito para ser entendido em uma reunião seguinte, na qual voltamos e discutimos opções em cima da primeira distribuição. Assim, sucessivamente, vamos deslançando o projeto junto

terreno influenciou o projeto de alguma forma?

FM No meu entendimento, qualquer terreno é definidor do projeto de arquitetura. Nesse caso, em específico, era necessária uma decisão técnica porque a declividade era muito significativa. Para implantar as casas, era preciso um bom movimento de terra a fim de fazer patamares, o que demandava um tipo de obra custosa. A metragem quadrada de arrimo era tão grande que geraria bastante impacto no orçamento do projeto. A estratégia técnica foi de não fazer arrimo: com casas geminadas, elas teriam a intersecção de paredes, e, a cada 1,80 metro, apoiávamos a casa de cima criando caixões perdidos, assim percebemos que não precisaria ter os muros de arrimo. Esse impacto negativo no orçamento não aconteceu, e conseguimos viabilizar as residências do jeito que queríamos.

Tivemos que voltar para os blocos cerâmicos estruturais.

STUDIO-X Qual foi a mão de obra utilizada? Os moradores participaram da construção?

FM Tiveram dois tipos ali de trabalho: a infraestrutura foi feita pela prefeitura, e a construção das unidades habitacionais foi feita em um processo auto gestor do movimento, das famílias, com a assessoria técnica da Usina. A parte de responsabilidade da Prefeitura foi uma licitação vencida por uma empresa chamada Brasil Líder, a qual teve incumbência de fazer a infraestrutura urbana e a escola. As residências ficaram sob a gestão das famílias. Inicialmente, fizemos um trabalho de formação dessas famílias, com a assessoria técnica da Usina. Nessa formação foram montadas comissões de obra, de compra, de segurança no trabalho, de dinheiro, o pessoal que

COMUNA URBANA D.HELDER CÂMARA

D.HELDER CÂMARA

URBAN COMUNE

JANDIRA, SP
FERNANDO CÉSAR NEGRINI MINTO
ARQUITETO, MEMBRO DO USINA ENTRE 2006 E 2012
ARCHITECT, MEMBER OF USINA BETWEEN 2006 AND 2012

com as famílias na setorização urbana, depois dentro das unidades habitacionais, e trabalhando com modelos para falar sobre hierarquias - por exemplo, o espaço de convívio e o quintal maiores que o de serviços e a cozinha. Usamos projeções de desenhos em Sketch Up, que era uma plataforma muito fácil de fazer alterações ao lado deles. Entre uma escala e outra, trabalhamos com uma maquete física: ela tinha o relevo esculpido em isopor e as unidades habitacionais feitas em sabão, que são materiais fáceis de manusear e modificar. São plataformas de leitura bastante imediata, sem a necessidade de alguma grande abstração para entender. É uma tentativa de desalienar os participantes, no sentido de fazê-los compreender aquele desenho.

Até o momento que temos situações mais complexas, como uma conversa com o calculista, que a assessoria técnica lidava diretamente com o calculista, na maioria das vezes, sem a participação da população. Na parte de infraestrutura, conversamos com a população sobre a circulação, redução do protagonismo do carro, como as escadarias seriam, como dariam acesso às pracinhas, estas decisões foram tomadas com eles, porém como seria a condução dos cabos subterrâneos era uma conversa com técnicos de infraestrutura.

STUDIO-X E como o terreno foi selecionado, a condição inicial desse**STUDIO-X** Quais foram as principais limitações de projeto?

FM O primeiro limite são os próprios recursos. Até hoje, ainda não se chegou a um recurso ideal para que se tenha condições ideais de trabalhar na implantação de um projeto de moradia. Para ter uma urbanização interessante, para ter equipamentos interessantes, para ter unidades habitacionais a contento, os recursos ainda são escassos. Nesse contrato com a Caixa Econômica Federal, tivemos que batalhar por complementações de recurso para poder viabilizar o projeto como achamos que seria o ideal e como as famílias realmente queriam.

Outro limite é a própria legislação, que não cria dificuldades, só estabelece os parâmetros de projeto. E existem limites para a aprovação na Prefeitura e, depois, do agente financeiro: por exemplo, a prefeitura demandou alterações nos tipos de janelas para as casas com peitoril baixo, e, quando chegou na Caixa Econômica Federal, foi pedido alterasse de novo o desenho dessas janelas. Também nós pensamos em fazer, em um dado momento do projeto, a construção das casas com bloco de terra comprimido. Ao invés de retirar a terra do solo e jogar fora, havia a possibilidade de fazer uma pequena usina no próprio local para produzir blocos de terra - eles seriam usados para construir as casas e poderiam ser um legado para a geração de renda. A conta fechava bem, mas, ao consultar a Caixa, isso foi vetado por não ter na época uma norma técnica para construção com esse tipo de material.

cuidaria daquelas tabelas de medição mensais da Caixa Econômica Federal. Tinham dois tipos de frentes de trabalho: durante a semana, era mão de obra com experiência na construção civil e empregada por uma empreiteira, a qual era contratada pelas famílias; e, nos finais de semana, tinham os mutirões em que trabalhavam as famílias, muitas das quais não tinham experiência com canteiro de obra, o que fez com que houvesse também um trabalho de formação para que aprendessem a trabalhar com movimentação de terra, locação de obra, montagem das ferragens para as lajes e sua concretagem, assentamento de blocos estruturais, preparação dos kits de hidráulica e conduítes de elétrica.

No meio do processo, as famílias começaram a se apropriar dessas operações, e alguns se juntaram para montar uma cooperativa de trabalho, chamada Treme-Treme. A equipe de autogestão passou então a contratar essa cooperativa também para fazer as operações durante a semana. Foi uma transformação interessante, porque o processo passou a ser inteiramente operado pelas próprias famílias.

STUDIO-X Como foi a distribuição das famílias nas unidades habitacionais?

FM Foram criadas cinco diferentes tipologias para esse projeto. A ideia era que, no final, houvesse um sorteio para saber qual seria a unidade de cada uma das 128 famílias.

STUDIO-X O projeto prevê espaços de uso comum?

FM O projeto prevê espaços comuns, de assembleia e de geração de renda. Alguns foram executados, outros estão esperando recursos para serem construídos.

Já que a organização política do movimento é de trabalho em núcleos de famílias, o projeto tenta traduzir espacialmente essa nucleação. É organizado em pequenas praças, tendo um grupo de casas voltados para elas. As escadas de 1,70 metro fazem a comunicação, esse fluxo ascendente e descendente de pessoas. No centro das praticetas, essas escadas passam a ter 3,20 metros, pois a ideia é que sejam um primeiro nível de agrupamento, de discussão, em que todos pudessem sentar e conversar. O espaço maior fica no final da via central, no ponto mais baixo do talvegue. Era um ponto crítico do terreno por ser suscetível a erosões. Por isso foi criada uma contenção desse talude, cuja forma deu origem a uma grande arquibancada, tendo ao centro uma praça: o espaço de encontro para todas as famílias, de festas e manifestações.

23 February, 2016

STUDIO-X When and how did Usina emerge?

FERNANDO MINTO Usina began work in 1990, with the purpose of providing technical assistance to the housing struggle movement.

STUDIO-X How did the Dom Helder Câmara Urban Commune get in contact with the office?

FM Several families occupied an area owned by the railroad company Fepasa (Ferrovia Paulista S.A.), in the city of Jandira, and they lived there for a good while until repossession. It was up to a priest to provide the assistance and outreach, holding many of these families together, who ended up occupying a school building whose construction work was on hold. In the meantime, there were negotiations with São Paulo city and state government, which then enabled, via the Urban Housing Development Company (CDHU), a project in an area ceded by the city: they were H-type buildings, whose construction relied on a large retaining wall that would protect part of the plot, which was a large thalweg. At this time, the families, assisted by the priest, had difficulty understanding that this was good, mainly because they were going to live in small apart-

ments, when they were used to living in houses with backyards.

Due to this resistance to the small building project, the residents asked the priest for help, who advised that these families involve a movement: the Landless Workers Movement (MST). After the integration of Jandira's residents in the movement, the MST advised that the ideal scenario would be to pursue technical assistance in order to stop being hostages of the CDHU project. Since they were already developing another project in the Greater São Paulo, the MST suggested Usina.

STUDIO-X What were the meetings like during this process? Who attended?

FM There were some decision-making scales. With regard to the project design, all of the decisions were made at meetings with the families, from surveying their real needs to developing the design itself. Other decisions, which I would refer to as restrictions, were made in meetings with the financial agent - the Federal Savings and Loan Bank (Caixa Econômica Federal). There were also meetings with the city, in order to show them the design and obtain approval. So, we had meetings to make decisions related to the design, to restrictions and to approval.

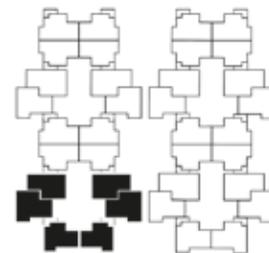
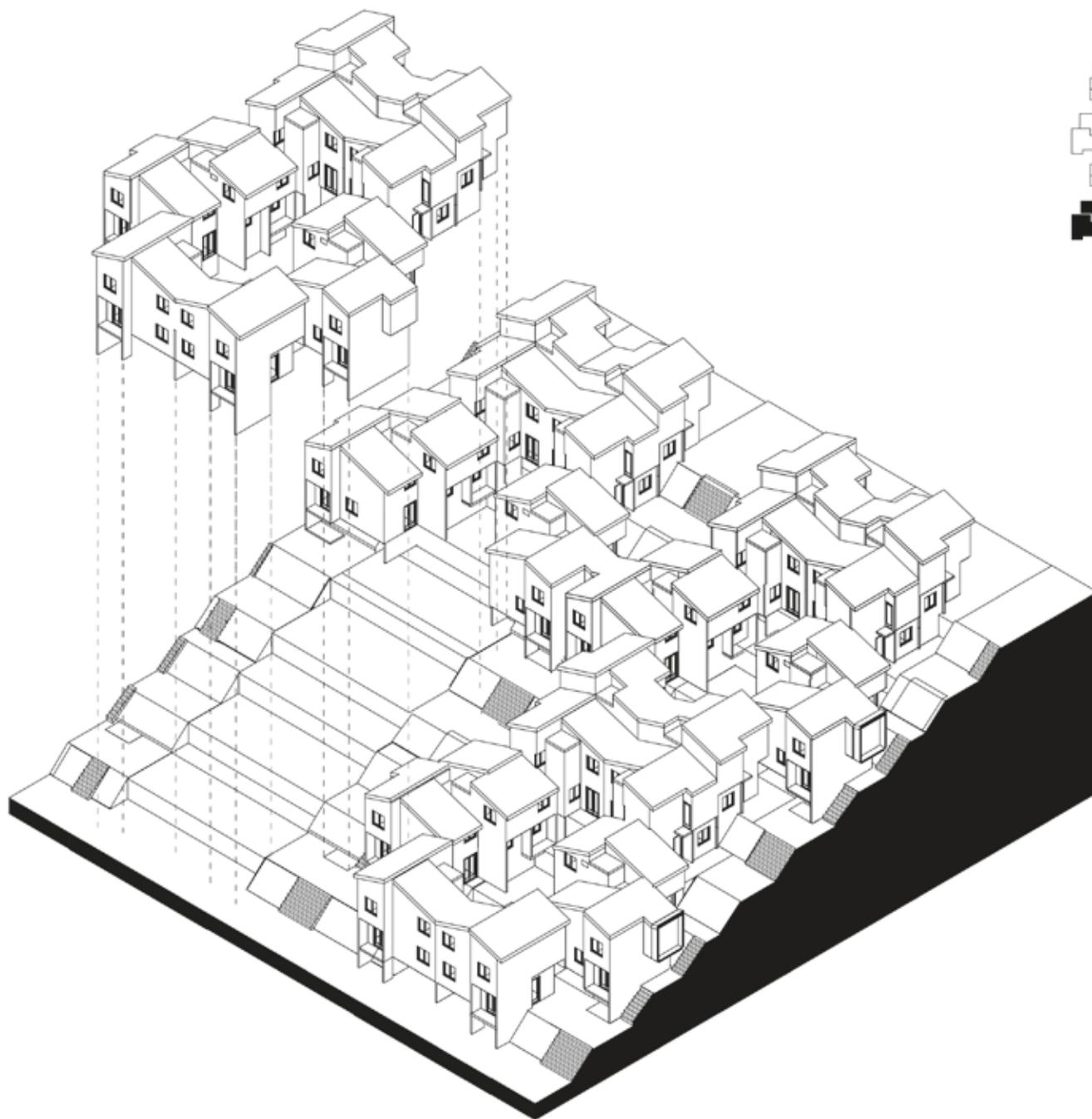
STUDIO-X Can you describe this process in conjunction with the residents?

FM There were many meetings with the families. The first was to understand expectations, both theirs and for them to understand ours. We had some initial conversations about what the city is, what their relationship is with the city, what their relationship is with their house, what their expectations are for their house, such as possible housing models, so that we could have a wider range of options when it was time to make a decision.

After these conversations, we began the actual design. There are some mechanisms whereby we can prepare this design collectively. On a slightly larger scale than that of the drawing board, these mechanisms enable us to design with more people, in an attempt to dismantle the practice of designing as an instrument of ownership. If you work with people who do not have design experience, that is, who are not architects, you can intervene very incisively. We are dismantling this practice so that everyone creates this design: we design some images during a panel session for an area where we have space, and we invite everyone to try to distribute the activities.

In other words: firstly, the design, which attributes a function to the space, is prepared collectively. Then, the technical assistant develops it into a technical design that can, however, be understood at the following meeting, in which we return and discuss options alternative to the first distribution. Thus, we are off and running with the design, working together with the families on urban sectoralization, then divisions within the housing units, and working with models to discuss hierarchies - for example, the living space and yards that are larger than the service and kitchen area. We use projections of drawings in Sketch Up, a platform on which it was easy to make changes alongside the residents. For all scales, we worked with a physical model: the topography was carved out in Styrofoam and the housing units were made of soap, which are materials that are easy to handle and modify. The platforms are quite easy to read, without the need for any large abstractions for understanding. It is an attempt to include the participants, in order to make them understand the drawing.

This is the process until we have more complex situations, such as conversations with an engineering estimator, when the technical assistant works directly with the estimator, often without the participation of the people. As for infrastructure, we speak with the people about circulation, reducing the role of cars, what the staircases will be like and how to provide access to the small town squares. These decisions are made with them, but how the underground cables will be routed was a conversation that we had with infrastructure technicians.



STUDIO-X How was the lot chosen and did the initial condition of this plot influence the design in any way?

FM From my understanding, all plots determine architectural design. In this particular case, technical assessment was necessary because there was a significant slope. In order to construct houses, a good amount of earth needed to be moved in order to create flat landings, which required an expensive type of work. The retaining wall's square footage was so large that it greatly impacted the project's budget. The technical strategy was to not build the retaining wall: with terraced houses, the walls would intersect and, every 1.80 meters, we supported the house above, creating crawl spaces, so we realized that we would not need the retaining walls. This did not negatively impact the budget, and we were able to make the homes the way we wanted.

STUDIO-X What were the project's major limitations?

FM The first limit is funding. To date, we have still not obtained ideal resources to foster the ideal working conditions for implementing a housing project. The funds are still too scarce to have interesting urbanization, interesting equipment and satisfactory housing units. In our contract with the Federal Savings and Loan Bank, we had to fight for additional resources to implement the project in a way that would be ideal and in a way that the families actually want.

Another limit is legislation, which does not create difficulties, but just establishes design parameters. There are limitations due to approval from the City and then the financial agent: for example, the city required changes to the windows for the houses with low sills, and when the Federal Savings and Loan Bank arrived, it asked that the window design be changed again. At one point in the design process, we have thought about building houses using compressed earth blocks. Instead of removing soil and disposing of it, we could create a small factory on the property itself, to produce earth blocks - they would be used to build houses and could be legacy for generating income. The budget was good, but, upon consulting the Federal Savings and Loan Bank, it was rejected because, at the time, there was no technical standard for building with this type of material. We had to return to the structural ceramic blocks.

STUDIO-X What type of labor was used? Did the residents participate in the construction?

FM There were two types of work there: the infrastructure was performed by the city, and

construction of the housing units was self-managed by the movement and the families, with technical assistance provided by Usina. The City's responsibility was a bid won by a company called Brasil Líder, which was in

charge of the urban infrastructure and the school. The houses were managed by the families. Initially, we held a training course for these families, with technical assistance provided by Usina. Through these training courses, we established committees for work, purchasing, squatal safety and finance, where the personnel would handle the monthly measurement tables of the Federal Savings and Loan Bank. There were two types of work fronts: during the week, there was the workforce with experience in construction, and that was employed by a construction company, which was contracted by the families; and, on the weekends, there was the task force in which the families worked, many of whom had no construction site experience, which meant that there was also a training course so that they could learn to hire labor, perform earthworks, install hardware for slabs and concreting, lay structural blocks, prepare hydraulic kits and electrical conduits.

During this process, the families began to take ownership of these operations, and some even gathered to form a work cooperative, called "Treme-Treme". The self-managed team then hired this cooperative to also perform opera-

and downward flow of people. In the center of the small squares, these stairways are 3.20 meters long, since the idea is that they are the first level for gathering, for discussion, where everyone can sit and talk.



and downward flow of people. In the center of the small squares, these stairways are 3.20 meters long, since the idea is that they are the first level for gathering, for discussion, where everyone can sit and talk.

tions during the week. It was an interesting transformation, because the process became entirely operated by the families.

STUDIO-X How were the families distributed in the housing units?

FM Five different types were created for this project. The idea was that, in the end, there would be a lottery to decide the units for each of the 128 families.

STUDIO-X Did the design include common use spaces?

FM The design included common spaces for meetings and generating income. Some were implemented and others are awaiting resources to be built. Since the movement is politically organized into work performed by family nuclei, the design attempts to spatially translate this nucleation. It is organized into small squares, with surrounding groups of houses. The 1.70 meter stairways are for communication, this upward

The larger space is at the end of the main road, at the lowest point of the thalweg. It was a critical point on the plot, because it is susceptible to erosion. Thus, a retaining wall was built on this slope, the shape of which gave rise to a large grandstand, with a square in the center: the meeting space for all families, parties and demonstrations.

Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001

art. 2º: A política urbana tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, mediante as seguintes diretrizes gerais:

I - garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações;

II - gestão democrática por meio da participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade na formulação, execução e acompanhamento de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano;

III - cooperação entre os governos, a iniciativa privada e os demais setores da sociedade no processo de urbanização, em atendimento ao interesse social;

(...)

Art. 39: A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor, assegurando o atendimento das necessidades dos cidadãos quanto à qualidade de vida, à justiça social e ao desenvolvimento das atividades econômicas, respeitadas as diretrizes previstas no art. 2º desta Lei.

Law nº 10257, of July 10th, 2001

art. 2. Urban policy aims to direct full development of the social functions of the city and urban property, according to the following general guidelines:

I - the guaranteed right to a sustainable city, understood as the right to urban land, housing, environmental sanitation, urban infrastructure, transportation, public services, work and leisure, for current and future generations;

II - democratic management through participation by the population and associations representing various segments of the community, in the formation, implementation and monitoring of plans, programs and projects for urban development;

III - cooperation between

governments, the private sector and the other sectors of society in the urbanization process, in compliance with social interest;

(...)

Art. 39. Urban property fulfills its social function when it meets the fundamental requirements for city planning, established in the master plan, ensuring fulfillment of the citizens' needs with regard to quality of life, social justice and the development of economic activities, pursuant to the guidelines set forth in Art. 2 of this Law.

CURADORIA / CURATORSHIP PEDRO RIVERA

CURADORIA ADJUNTA / ADJUNCT CURATORSHIP FRANCESCO PERROTTA-BOSCH

PROJETO GRÁFICO / GRAPHIC DESIGN FABIO ARRUDA & RODRIGO BLEQUE (CUBÍCULO)

PRODUÇÃO / PRODUCTION GABRIELA WERNECK

COORDENAÇÃO / COORDINATION 2017 SÃO PAULO LUIS FELIPE ABBUD

COORDENAÇÃO / COORDINATION 2016 RIO DE JANEIRO PRISCILA COLI

PESQUISADORA / RESEARCHER AXELLE DECHELETTE

TRANSCRIÇÃO / TRANSCRIPTION CLARA VARANDAS ABUSSAMRA

TRADUÇÃO / TRANSLATION MATTHEW RINALDI, THAYS MIELLI, MARILIA REBELLO, AXELLE DECHELETTE

DESENHOS / DRAWINGS LUIS FELIPE ABBUD, JAWAD WALID MAJID, MARCOS PAVÃO, MARIE SCHULZE, OLÍVIA VIGNERON

AGRADECIMENTOS / ACKNOWLEDGEMENTS 11ª BIENAL DE ARQUITETURA DE SÃO PAULO, ARQUITETOS SEM FRONTEIRA, AURORA FILMES, BRIGADAS POPULARES, CHIQ DA SILVA, CMP, COAU, COLUMBIA GLOBAL CENTER RIO DE JANEIRO, ESCOLA DA CIDADE, ESCRITÓRIO DE INTEGRAÇÃO DA PUCMG, FAU UFRJ, FIST, FLM, MNLM-RJ, MST, MSTC, MTST, NAPP, NUMENA, PROARQUITETURA, SUPER UBER, USINA. AMALE ANDRAOS, ADRIANA CARDOSO DE ASSIS, ADRIANA SILVA DOS SANTOS, AFONSO SILVA, ALEJANDRO DE CASTRO MAZARRO, ALEXANDRE DA SILVA SANTOS, ANDRÉ DE PAULA, ANDRÉ MONTENEGRO, BRUNO CAIO, CAROLINA REZENDE, CARLA CAFFÉ, CARLOS DE AQUINO, CARMEN FERREIRA DA SILVA, CAUÃ LOPES VELOSO, CLARA IRAZÁBAL, DANIEL WAGNER, DIÓGENES MUNIZ, EDUARDO SOUZA, ELIANE CAFFÉ, ELISETE NAPOLEÃO, EVA MARIA SILVA, FERNANDO MINTO, FLAVIO HIGUCHI, FLORA MILANEZ, GUILHERME BOULOS, GUILHERME SIMÕES, ISADORA GUERREIRO, JAILSON SAIDI DOS SANTOS, JEANE RODRIGUES DA SILVA, JEFFREY JOHNSON, JOÃO BARBOSA, JOSUÉ AUGUSTO DO AMARAL ROCHA, JULIO CESAR SOUZA, JUNIA MORTIMER, KAYA LAZARINI, LAURA PAPPALARDO, LEONARDO FINOTTI, LIANA VITAL BRAZIL, LUCAS FAULHABER, MANUELLA LEBOREIRO, MARCOS ROSA, MARIA APARECIDA, MARIA DAS LURDES LOPES, MAURÍCIO DUARTE, NELSON DA CRUZ SOUZA, NILSON PEREIRA DE ANDRADE, NÚBIA FRANÇA, PABLO GEORGIEFF, PEDRO ARANTES, PIETRO DEGLI ESPOSTI, PRISCILA MUSA, REGINE CESÁREA (“TIA PRETINHA”), RUI PIRES, SIDNEY MARCELO, THAIS MEIRELES, TIAGO CASTELO BRANCO LOURENÇO, TICIANNE RIBEIRO, TONI VENTURI, VITOR GUIMARÃES, WASHINGTON FAJARDO.

Este material foi reeditado e ampliado no contexto da 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo.

This material was reissued and extended in the context of the 11th Architecture Bienal of São Paulo.

**HOUSING ALTERNATIVES
OF THE SOCIAL
MOVEMENTS**

STUDIOXRIO

COLUMBIA
GSAPP

**FIGURE
SQUAT
RESIST**